

CIRANDA BARROCA

ARGUMENTO CINEMATOGRÁFICO

DE GERALDO SANTOS PEREIRA

ADAPTAÇÃO E DIÁLOGOS

DE JOÃO FELÍCIO DOS SANTOS

E GERALDO SANTOS PEREIRA

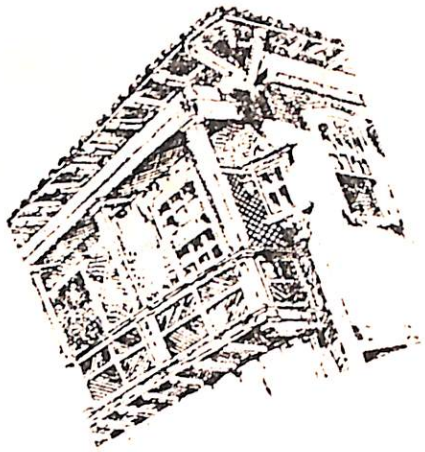
ROTEIRO TÉCNICO

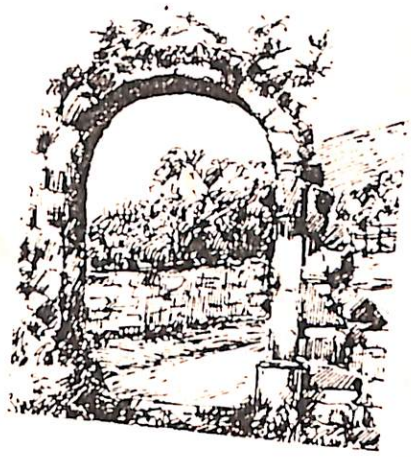
DE GERALDO SANTOS PEREIRA

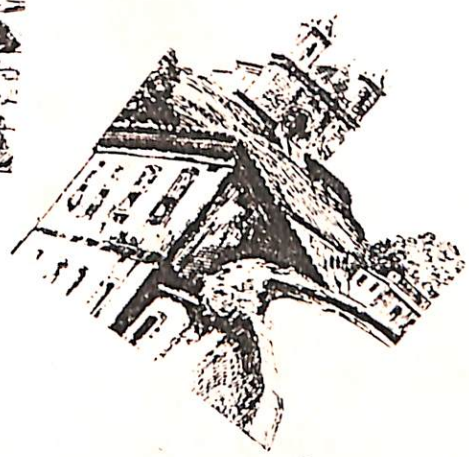


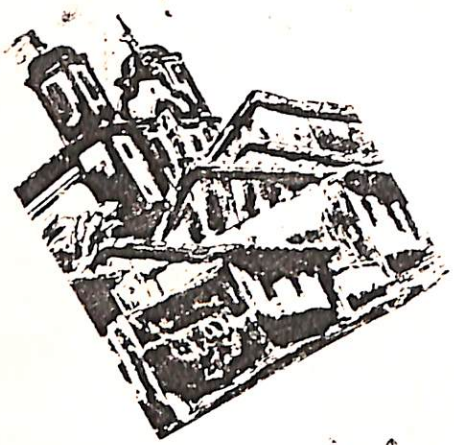
"Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra".

Tomaz Antônio Gonzaga

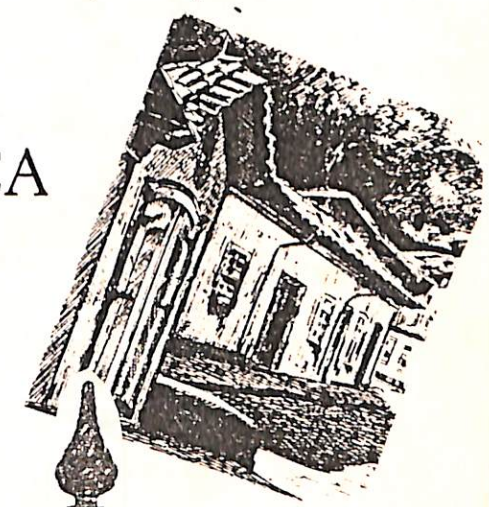


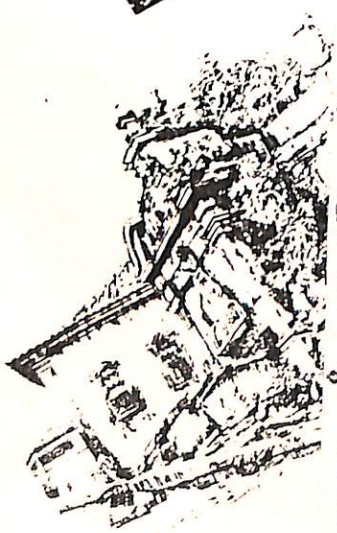


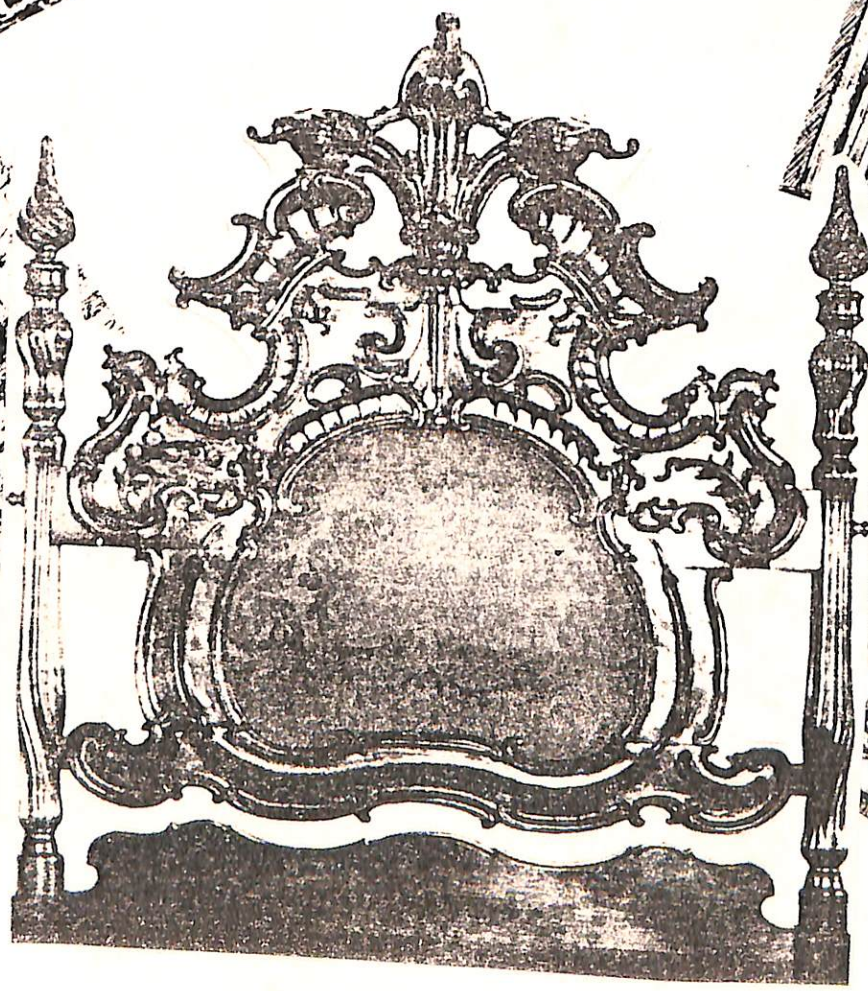




CIRANDA BARROCA









CIRANDA BARROCA

TERMINOLOGIA TÉCNICA

P.P.P.	Primeiríssimo Plano
P.P.	Primeiro Plano
P.A.	Plano Americano
P.A.L.	Plano Americano Largo
P.M.	Plano Médio
P.G.	Plano Geral
G.P.G.	Grande Plano Geral
"Travelling"	Câmera instalada em carrinho
Trav-Avante	Carrinho para a frente
Trav-Atrás	Carrinho para trás
Trav-Lateral	Carrinho para o lado
Trav-Circular	Carrinho em curva
Pan.E-D	Panorâmica esquerda-direita
Pan.D-E	Panorâmica direita-esquerda
Pan.A-B	Panorâmica do alto para baixo
Pan.B-A	Panorâmica de baixo para alto
"Plongée"	Câmera do alto para baixo
"Contre-plongée"	Câmera de baixo para alto
"Raccord"	Movimento que se completa
"Zoom"	Lente multifocal, de avanço e recuo
"Flash"	Detalhe de curta duração
Campo	Personagens enquadrados à esquerda e à direita
Contra-campo	Eixo contrário, mantendo o enquadramento

SEQUÊNCIA 1

EXTERIOR - SERRA DO ESPINHAÇO - DIA

1. Câmera, instalada em avião, ou helicóptero, focaliza a majestosa paisagem da Serra do Espinhaço, a partir da cidade de Curvelo, Minas Gerais.

Em baixa altitude, sobe pelas montanhas escarpadas e detalha picos, depressões, fendas e platôs do impressionante contraforte rochoso da Serra Geral.

Depois, já nas imediações de Diamantina, aproxima-se do garimpo da Barra do Ó, situado num vale cortado pelo córrego Caeté-Mirim.

EXTERIOR - GARIMPO NA SERRA - DIA

2. Já em terra, câmera detalha a jazida diamantífera e o trabalho de dezenas de garimpeiros que, com bateias e instalações primitivas de lavra, buscam pedras de valor.

De repente, surgindo por trás de um morrete, uma tropa de 35 praças dos Pedestres da Extração invade o garimpo, surpreendendo os garimpeiros em sua cata.

A invasão fulminante e violenta é captada pela objetiva em detalhes expressivos e dramáticos.

Através de primeiros-planos e "travellings" de cobertura, câmera documenta a perseguição dos soldados, a tentativa de fuga dos mineradores, a brutalidade com que são atacados e detidos.

Alguns sobem morros ou buscam refúgio na mata próxima. Mas os Pedestres, treinados na repressão da lavra clandestina, partem em seu encalço, derrubando-os com estocadas, ferindo e matando os mais resistentes com armas de fogo, ou espada.

Entre os perseguidos, destaca-se o mulato Orozimbo, garimpeiro contrabandista, famoso na região por sua audácia, liderança e valor.

A objetiva enfatiza-lhe a figura máscula e forte, resistindo bravamente à prisão, lutando com dois ou três soldados, até ser imobilizado com a coronha de uma arma.

Sobre as imagens dos contendores, exploradas em sua violência e forte conteúdo dramático, surge, em sobre-impressão, o primeiro letrei-

ro de apresentação:

ARRAIAL DO TIJUCO (DIAMANTINA), 1782

Depois, ainda sobre as mesmas e fortes imagens da repressão, desfilam, na tela, os créditos de abertura do filme, o último dos quais sobre-impresso em cima dos primeiros planos de Orozimbo e seus valentes companheiros.

Exaustos, as vestes dilaceradas, os corpos feridos pelas pancadas dos Pedestres, os garimpeiros, homens e mulheres, vão sendo amarrados, indistintamente, pelas cordas trazidas pela tropa. A tarefa vai sendo cumprida debaixo de bofetões e ofensas.

Uma mulher, corpulenta e imunda, grita, espumando raivas mal contidas:

GARIMPEIRA: Larguem a gente, seus mariolas, filhos do diabo! Essas pedras são de Deus Nosso Senhor! Larguem, cambada de ladrões!

Outros garimpeiros, prisioneiros da soldadesca, resmungam queixas e imprecações pouco inteligíveis.

Câmera registra a resposta debochada e cínica dos soldados:

CABO SILVEIRA: Cala-te, cachorra de cadela! Apanhamos vocês, cachorrada, com a boca na botija!

SOLDADO Nº 1: Bravos, Cabo Silveira! Por São Jorge! Bom trabalho o nosso!

O Cabo, comandante da tropa, aplica violentos safanões nos garimpeiros amarrados, enquanto berra:

CABO SILVEIRA: Seus filhos da mãe e do diabo que os carregue!

Depois aplica uma bofetada numa mulher, que gritava, raivosa:

MULHER DO POVO: Covarde! Vai bater em homem

livre, vagabundo!

Outra bofetada do cabo faz calar a mulher.

Câmera avança, em Trav., e mostra outro soldado que derruba um garimpeiro de certa idade, recalcitrante em fugas e prisões:

SOLDADO Nº 2: Faça-se de bonitinho, vovô, que lhe arrebento a caixa dos peitos, "seu" piolho de bode!

3. Fazendo a conferência dos garimpeiros aprisionados, Cabo Silveira reconhece, mais adiante, agarrado por dois soldados, fortemente amarrado, o destemido chefe do bando, Orozimbo.

Eufórico, brada para que todos o ouçam:

CABO SILVEIRA: Vejam vocês, Pedestres! E não é que está aqui o famoso Orozimbo?!

Seguido pela câmera em Trav.-Lateral, aproxima-se do garimpeiro, agarra-lhe o rosto e, triunfante, exibe-o à tropa, gritando:

CABO SILVEIRA: Vejam bem: não é o Pé Ligeiro de Mato Dentro?... Orozimbo de São Francisco, grande patife, meus amigos! O maior do Distrito!

O militar ergue a mão para esbofetear o contrabandista, mas ante o olhar duro e ameaçador do prisioneiro, hesita, acovardado, preferindo dizer à tropa:

CABO SILVEIRA: Grande presa, rapazes! A maior do ano!

O soldado que derrubara o velho e o mantém imobilizado, comprimindo-lhe o peito com o joelho, comenta, bajulador:

SOLDADO Nº 2: Bravo, Cabo Silveira! Isto

vai lhe render promoção, hein? Na certa, uma citação no relatório do Capitão Fonseca, e um elogio do "Cabeça de Ferro"!

4. Enquadrando em P.P.à esquerda do quadro, o Chefe da Tropa e, ao fundo, em P.M., o soldado que falara, câmera registra a satisfação orgulhosa de Cabo Silveira e a fingida severidade com que adverte o subordinado:

CABO SILVEIRA: Feche esta boca, Clodomiro! Veja como fala do Sr. Intendente José Antônio de Rezende Freire! Está querendo ir pra masmorra?!

5. Depois de amarrados em fila, como escravos fugidos, os garimpeiros são arrastados a coices de carabina pela trilha difícil, a caminho do Arraial.

Outro soldado, gordo e debochado, o fardamento imundo, sem alguns botões, aplica um forte pontapé num prisioneiro e fala com voz estridente:

SOLDADO DEBOCHADO: Com que então, hein, meu biltre, também tu achas que as pedras são de Nosso Senhor?!...

Empurra a cabeça do preso que, de tão debilitado, cai de cara no chão. E prossegue, raivoso:

SOLDADO DEBOCHADO: Não achas que as pedras são da Coroa, da Rainha de Portugal?! Se não achas, mequetrefe, beija então a terra de Deus!

6. Uma garimpeira, de cabelos grisalhos, encara firme o soldado que atirou o homem no chão e começa a cantar, cheia de ódio:

GARIMPEIRA (entoando cantiga da época): "Pedras de Nosso Sinhô, espalhadas pelo mundo, não são pedras de ninguém... são pedras de todo mundo..."

7. P.G. dos soldados e prisioneiros.

Ouvindo a toada, outras mulheres e alguns garimpeiros vão fazendo coro com a velha, à vista da tropa furiosa, que aumenta a brutalidade, até que a toada se acabe no ar.

SOM - Coro. Cantilena antiga.

SEQUÊNCIA 2

EXTERIOR - INTENDÊNCIA DOS DIAMANTES - DIA

8. Focaliza-se o pátio de entrada da Intendência dos Diamantes, a mais importante repartição da Coroa no Arraial do Tijuco, instalada em construção imponnte e bem protegida por guardas da Extração.

Lente "Zoom", lentamente, vai fechando o quadro sobre a janela do gabinete de trabalho do Intendente José Antônio de Rezende Freire, popularmente chamado de "Cabeça de Ferro".

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

9. Câmera, a partir da janela, focalizada no plano anterior, inicia Trav-Avante no amplo gabinete de trabalho do Intendente, aproximando-se de um militar, comandante do quartel de Indaiá e dos Pedestres da Extração, que dá alguns passos, pára e se perfila diante da luxuosa mesa da alta autoridade colonial.

Bate continência e fala, com muito respeito e consideração:

CAPITÃO FONSECA: Com sua licença, senhor Intendente Rezende Freire! Coisas muito importantes a comunicar a Vossa Excelência!

O Intendente, bigodes lustrosos e suiças compridas e cheias, tem

o semblante austero, cioso de sua autoridade e poder. Pára de escrever na mesa muito ornada, num dos cantos do salão e limita-se a levantar calmamente a vista do papel, esperando.

O Capitão, homem de sua confiança, lusitano como ele, aproxima-se mais um pouco e completa, melífluo:

CAPITÃO FONSECA: Importantes e alvissareiras!

INTENDENTE FREIRE (meio impaciente): Pois fale, Capitão, vamos ao assunto!

O militar, em tom falsamente festivo, então informa:

CAPITÃO FONSECA: Boas novas, doutor Rezende Freire, boas novas! Meus patrulheiros acabam de desbaratar o mais importante dos garimpos clandestinos da demarcação! Lá estão, na masmorra, trinta e dois dos mais famigerados faiscadores da região!

10. Mudando a angulação, câmera focaliza o salão em P.A.L., favorecendo a porta de entrada, pela qual, meio apressada e com indisfarçável aborrecimento, chega ao gabinete Elvira Maia de Rezende Freire, mulher do Intendente.

Jovem, pouco mais de 20 anos, muito bonita, morena, nascida no Tijuco, tem as feições sensuais e decididas. Traz na mão um grande leque negro e veste um traje elegante, provavelmente de origem européia, espargindo perfume francês da melhor qualidade.

A intromissão de Elvira faz calar o Intendente e o militar, que a recebem com fingida surpresa e contentamento:

CAPITÃO FONSECA (quase perfilando-se, respeitoso): Dona Elvira, que surpre...

Elvira, desconhecendo a presença do militar, aproxima-se da mesa do Intendente, que se levantara, e vai dizendo, um pouco alterada:

ELVIRA: Já sabe Vossa Mercê das novas estrepulias dos Pedestres?! Já sabe?! Prenderam e esbordoaram velhos e mulheres com relho, espada e balas de carabina! Gente do povo, inocente, amarrada como animal!

11. P.P. do Intendente Rezende Freire.

O português, que parecia ouvir a bela tijucana com complacência e respeito, de repente perde o bom-humor e, já se exaltando, interrompe a mulher:

INTENDENTE FREIRE: Alto lá, senhora Dona Elvira! Gente inocente coisa nenhuma! São garimpeiros fora-de-lei, pegos na mineração clandestina, fraudando a fazenda real!

12. Abrindo o quadro, câmera inicia Trav-Atrás, até fixar o Intendente, Elvira e o Capitão em P.A.

O Capitão dá um passo à frente e tenta reforçar a argumentação do Intendente:

CAPITÃO FONSECA: O Regimento Diamantino, Dona Elvira, é muito claro e proibe a lavra clandestina em terras da demarcação. A pena para os infratores é rigorosa, como a senhora...

Elvira, irritada, por sua vez, com a intromissão do militar, interrompe-o com rispidez:

ELVIRA: Este Livro da Capa Verde, senhor Capitão, é uma lei despótica e só provoca a miséria, o abandono das lavras, esta repressão violenta e cruel!

Dizendo isto, Elvira abandona a sala, seguida pela câmera em

Pan.D-E.

Abre a porta, que deixa aberta, e sai muito irritada.

INTERIOR - SALA DO FISCAL E COFRE - DIA

13. Deixando o gabinete do Intendente, Elvira encaminha-se para a sala do Fiscal Fernando Pedroso de Almeida, outra importante figura da administração da Extração.

A sala está vazia e, ao fundo, aberta a porta que conduz ao cofre da Intendência. Para este recinto Elvira caminha, com passos leves, evitando fazer ruído.

Entretido com a conferência das pedras e pepitas de ouro, dispostas em prateleiras e cofres trazidos da Inglaterra, o Fiscal não ouve chegar a mulher do Intendente.

Elvira aproxima-se dele e balbucia ternamente o nome do Fiscal da Intendência:

ELVIRA: Fernando...

14. P.P. de Elvira e do Fiscal que, assustando-se com a intrusão inesperada, se volta na direção da moça.

Português, 40 anos de idade, alto e magro, longas suiças e um cavanhaque que lhe dá uma expressão estranha e penetrante, Fernando Pedroso de Almeida não consegue ocultar a perturbação que a presença de Elvira lhe provoca. E só consegue responder, diante da mulher que lhe sorri, íntima e à vontade:

FISCAL PEDROSO: Elvira... Perdão, senhora Dona Elvira... Cuidado, alguém a viu entrar aqui?...

ELVIRA: Ninguém...

Depois aproxima-se mais do Fiscal, quase recostando-se no corpo forte do português, e completa, insinuante:

ELVIRA: Preciso de um favor seu, Fernando. Um grande favor!...

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

15. De volta ao gabinete de trabalho do Intendente dos Diamantes, câmera focaliza Freire e o Capitão diante de uma das janelas que dão para um pátio.

Depois, em Trav-Avante, câmera vai enquadrá-los em P.P., enquanto conversam, em tom coloquial:

CAPITÃO FONSECA: Além dos homens, seis mulheres e dois menores, prendemos também, Excelência, nada menos do que o garimpeiro, foragido e contrabandista Orozimbo da Conceição!

INTENDENTE FREIRE (com grande surpresa e euforia): O quê?!... O Orozimbo?!...

CAPITÃO FONSECA: Ele mesmo, Excelência, aquele facínora, famoso até na Corte!

INTENDENTE FREIRE: E está preso, bem amarrado?!

CAPITÃO FONSECA: Jogado na masmorra, com a crista baixa, como um cão batido!

16. Seguido pela câmera em Trav-Lateral, o Intendente caminha pela sala e se aproxima da mesa de trabalho, dizendo, com entusiasmo e satisfação:

INTENDENTE FREIRE: Bravo, Capitão! Dou-lhe meus parabéns pelo belo serviço prestado à Coroa!

Volta a sentar-se e, deixando a entender que a audiência chegava ao fim, ainda acrescenta, enquadrado em P.A.:

INTENDENTE FREIRE: Redobre a guarda ao patife, até que eu mesmo lhe faça a barba!

17. Campo: câmera enquadra o Intendente a 3/4 de perfil, à esquerda do quadro, com o militar à direita, de frente, em P.P.

Rezende Freire então completa:

INTENDENTE FREIRE: E há-de ser uma barba de cortar pescoço!

O Capitão, bajulador, solta uma gargalhada. Depois comenta:

CAPITÃO FONSECA: A navalha eu forneço, Excelência... E não há de ter bom gume!...

18. Contra-campo: o Capitão está agora enquadrado a 3/4 de perfil, à direita do quadro e, de frente, em P.P., o Intendente Freire, ainda de pé, pronto para despedir o militar:

INTENDENTE FREIRE: Muito bem, Capitão, muito bem! Vou tratar de sua nomeação para Comissário de Minas Novas. Cargo altíssimo, Capitão, altíssimo!

19. P.P.P. do Comandante dos Pedestres, a custo contendo a enorme satisfação. Com o rosto coberto de vermelhidão, explode sua alegria com voz quase gritada:

CAPITÃO FONSECA: Comissário de Minas Novas?! Agradecido, senhor Intendente, agradecidíssimo! Uma grande honra!

SEQUÊNCIA 3

EXTERIOR - IMEDIAÇÕES DE DIAMANTINA - TARDE

20. Um homem a cavalo está chegando, por uma trilha de terra, nas imediações de Diamantina, à casa e oficina do carpinteiro e entalhador Simeão Pedroso, conhecido e respeitado em toda a região.

Ao lado da casa ergue-se um galpão de madeira, com três janelas: ali trabalha Simeão Pedroso, primo-irmão do Fiscal Fernando Pedroso de

Almeida.

O filho do Fiscal, Raimundo, que chamam de Mundinho, é um menino de 10 anos de idade e trabalha na oficina como aprendiz de Simeão.

Diante da casa o Fiscal apeia e vai diretamente à oficina.

SOM - Ruídos típicos de carpintaria. Serra manual, pancadas de martelo, cinzel, etc.

INTERIOR - OFICINA DE SIMEÃO - TARDE

21. Dentro da carpintaria, o primeiro a avistar o Fiscal é seu filho Mundinho, que corre a abraçá-lo, feliz e gritando:

MUNDINHO: Papai!... Papai!

O Fiscal abraça o filho, sorridente, e pergunta:

FISCAL PEDROSO: Pois então, meu filho, trabalhou muito hoje?...

MUNDINHO (animado): Já estou serrando, papai, torneei o pé da cadeira e até lustrei um console!...

FISCAL PEDROSO: Muito bem, "seu" maroto, muito bem! E agora volte para o trabalho!

Simeão Pedroso vem ao encontro do primo, enquanto escravos, aprendizes, operários e carpinteiros, espalhados no recinto, serram madeira, preparam tábuas e fabricam os móveis da época: camas, catres, consoles, silhões, contadores de pau-santo e metal amarelo, com nove gavetas, molduras largas e lisas, guarda-louça e outros móveis de fino lavor, destinados a guarnecer as vivendas ricas de Diamantina.

Depois que o menino voltou, correndo, ao trabalho, o Fiscal e Simeão vão conversar num canto, seguidos pela câmera em Trav-Lateral e P.P.

FISCAL PEDROSO: Então, Simeão: está dando conta das encomendas?

SIMEÃO PEDROSO: Está apertado, primo. Preciso de mais auxiliares, um lustrador, dois marceneiros. Vou guarnecer os sobrados do Contratador João Domingos, do João Vigo e a casa paroquial do Padre Sayão. E você, Fernando, como vai o trabalho na Intendência?

22. Câmera inicia lento Trav-Avante até enquadrar o Fiscal e o carpinteiro em P.P.

O Fiscal, o semblante fechado, denotando tensão interior, responde, abaixando o tom de voz:

FISCAL PEDROSO: Estou preocupado, Simeão! Desapareceram duas pedras, das maiores, guardadas no cofre. Ontem esteve por lá o Capitão Fonseca, informado com œrteza pelo vigia, dos Dragões.

SIMEÃO PEDROSO: E a esposa do Intendente, Dona Elvira, ainda aparece por lá?...

FISCAL PEDROSO: Anda muito pela Intendência e hoje mesmo chegou, de repente, à sala do cofre, quando eu fazia um levantamento.

SIMEÃO PEDROSO: Isto é mau, isto é mau, primo! Tenha cuidado, Fernando. Acho esta moça perigosa, meio aventureira, metida com garimpeiros e faiscadores, com esses pés-de-cabra que dizem estão conspirando contra a Coroa!

FISCAL PEDROSO: Sei disto, Simeão, e é por isto que o Intendente está perseguindo com brutalidade muita gente suspeita. As masmorras estão cheias!

SEQUÊNCIA 4

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

23. No belo sobrado da Praça do Comércio, onde reside, o Intendente Rezende Freire recebe alguns amigos, figuras destacadas da vida social do Tijuco.

Os convidados, com seus elegantes trajes noturnos, conversam entre cálices e pratinhos de doces e salgados.

O "décor" é a sala de visitas do solar, mobiliado ao fino gosto da época.

Num sofá, disfarçando o tédio, Elvira conversa com uma das convidadas, senhora idosa, nariz grande, o espartilho fortemente preso no busto volumoso, com um vestido pesado de paetês e cabuchões, indicando pessoa de alto nível colonial. É a senhora Dolores Branco de Moraes, casada com o rico Contratador João Domingos de Moraes, este sentado à direita do Intendente.

Escondendo risos e picardias nos leques, que abanam junto às bocas, duas moçoilas, de prestigiosas famílias locais, não sossegam de se agitar num sofá tête-a-tête, século XVIII.

O grupo principal ocupa o centro da sala, em ricos móveis Maria I: Rezende, em imponente traje de gala; o Contratador, exibindo a grande riqueza em jóias e adornos; Padre Luiz Sayão, de batina nova; João Vigo, comerciante abastado; o Meirinho da vila e mais duas ou três personalidades do mundo social do Tijuco.

Depois de circular pela sala, livre e versátil, câmera fixa-se no grupo principal, enfatizando o Padre Sayão, que está dizendo, com voz gutural, ouvido atentamente por todos:

> PADRE SAYÃO: Creiam-me, por favor! Dom Rodrigo José de Menezes está obrando uma belíssima administração. E lhes afianço: nunca tivemos um Governador tão ativo e competente!

O Contratador, bebendo um gole de licor, exprime inteira e rápida

concordância:

CONTRATADOR: Tem o reverendo inteira razão! Ao nosso Governador não tocam defeitos! Agora mesmo, contou-me o Tenente-Coronel das Milícias, João Carneiro, recém-chegado da Corte, que Dom Rodrigo lhe recomendou...

24. Câmera focaliza a porta do salão, por onde surge o Capitão Fonseca em busca do Intendente.

Sua chegada paraliza a fala do Contratador e provoca silêncio generalizado na sala.

O militar, pisando de leve e cumprimentando uns e outros com gestos de cabeça, aproxima-se do grupo, abaixa-se à altura da cabeça do Intendente, que permanece sentado, e lhe sussura ao ouvido.

Rezende Freire, surpreso, levanta-se imediatamente, toma o braço do militar e vai com ele para uma sacada vazia.

25. Enquadra-se o Intentende e o Capitão em P.P., registrando o diálogo que, à meia-voz, fazem no balcão:

CAPITÃO FONSECA: Peço-lhe, Excelência, que me perdoe a intrusão. Mas, infelizmente, fui obrigado a vir comunicar-lhe, de pronto, acontecimento de extrema gravidade!...

INTENDENDE FRERE: Então, então?! Que temos de aborrecimentos, Capitão?! Diga lá!

CAPITÃO FONSECA (abaixando mais ainda o tom de voz): Soube... Sim, Excelência, acabo de saber que, do cofre da Intendência sumiram algumas pedras, das maiores e mais valiosas!

26. Campo: deixando o militar à direita do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra o Intendente de frente, em P.P., captando-lhe o enorme espanto, que o faz retrucar, elevando a voz e fazendo-se ouvir em todo o recinto:

INTENDENTE FREIRE: O quê?!... O que me diz, Capitão?! Sumiram do cofre, do nosso cofre?!

27. P.P.P. de Elvira, a atenção inteiramente voltada para o alpendre, ouvindo a exclamação espantada do Intendente, que ainda completa:

INTENDENTE FREIRE (voz off): E quantas foram, Capitão, quantas pedras?!

28. Contra-campo do plano 26: o Capitão no centro do quadro, de frente, em P.P., com o Intendente em 3/4 de perfil, ouvindo, estupefato, o relato do militar, que explica:

CAPITÃO FONSECA (em voz baixa, quase segredando): Cinco pedras, Excelência! Diamantes do melhor quilate!... Viraram fumaça! Nem o diabo!...

INTENDENTE FREIRE: Quais as gemas roubadas, Capitão?! As da partida cor-de-rosa, da mina do Gouveia?!...

CAPITÃO FONSECA: Desgraçadamente essas, Senhor Intendente, as do Gouveia! Justamente as rosas, que seriam embarcadas amanhã para Lisboa!

29. Neste ponto, percebendo o silêncio reinante na sala, o Intendente se volta para os convidados, que o miravam meio assustados, e, pegando o Capitão pelo braço, lhe diz:

INTENDENTE FREIRE: Vamos para outro cômodo da casa, por favor!...

E arrasta o militar para uma pequena sala, nos fundos do solar, dizendo antes para os convidados:

INTENDENTE FREIRE: Meus dilletos amigos,

por favor, queimam desculpar-me! Mas fiquem à vontade, que volto num instante!

INTERIOR - PEQUENA SALA DO INTENDENTE - NOITE

29. Na pequena sala, na qual se vê uma escrivaninha, cadeiras, um pequeno cofre, livros e documentos, os dois vão sentar-se num sofá de palhinha, reencetando o tenso diálogo-relatório do Capitão:

INTENDENTE FREIRE: C'os diabos, homem! Um ferro, um cagalhão dos diabos! Justamente as gemas para o aniversário da Rainha!

Exaltadíssimo, impaciente, o rosto avermelhado, o Intendente deixa o assento, dá dois passos no gabinete, e continua:

INTENDENTE FREIRE: Olha a qui, Capitão Fonseca: trate de descobrir e me trazer o ladrão, ou ladrões, que sei eu?! Quero-os de qualquer maneira, vivos ou mortos, custe o que custar!

30. Mudando a angulação, câmera focaliza os dois homens (o Capitão também se levantara e, de pé, diante do sofá, é a expressão da perplexidade e intimidação), enfatizando a porta de entrada da sala, pela qual, inesperadamente, chega Elvira, atônita e assustada, dizendo:

ELVIRA: O que está acontecendo, gente?! Os convidados estão espantadíssimos!...

O Intendente, visivelmente agastado com a chegada da mulher, vai ao seu encontro e quase a põe para fora, irritadamente:

INTENDENTE FREIRE: Por favor, senhora Dona Elvira, volte à sala! Surgiu problema

muito sério na Intendência! Vamos, vamos, volte ao salão e entretenha os convidados!

Elvira, meio ofendida pela recepção hostil do marido, tenta retrucar:

ELVIRA: Que coisa, homem! Vim saber...

O Intendente, mais nervoso ainda, escancara a porta e força a mulher a sair, exclamando exaltadamente:

INTENDENTE FREIRE: Não se intrometa, por favor! Este é assunto delicadíssimo, do maior sigilo! Vamos, vamos, volte à sala!

Elvira não mais insiste e se afasta, enquanto Rezende Freire fecha a porta a chave e volta para junto do Capitão, grunhindo, raivoso:

INTENDENTE FREIRE: Ora, pois, pois! Mais essa, c'os diabos!

31. Depois de enquadrar o Capitão e o Intendente em P.M., câmera inicia lento Trav-Avante, até fixá-los em P.P., de novo sentados no sofá.

O Capitão, em tom de voz quase sussurrado, então revela ao Intendente, mergulhado em sua enorme perplexidade:

CAPITÃO FONSECA: Andei fazendo averiguações, Excelência, e cheguei a um suspeito! Não disponho de provas, é apenas uma suspeita, mas de muito peso!

O Intendente, que se voltara, aflito e esperançoso para o interlocutor, então exclama:

INTENDENTE FREIRE: Um suspeito, Capitão?! E quem é ele?! Vamos, diga logo!

INTERIOR - CORREDOR DA RESIDÊNCIA
DO INTENDENTE - NOITE

32. P.P. de Elvira, no corredor da residência do Intendente, parada junto à porta, e ouvindo a conversa dos dois:

CAPITÃO FONSECA (voz off): O Fiscal Fernando Pedroso de Almeida, Excelência!...

A revelação não parece abalar a mulher do Intendente, que ainda escuta, antes de afastar-se:

INTENDENTE FREIRE (voz off): O quê?! Pedroso, o Fiscal da Intendência?!...

INTERIOR - PEQUENA SALA DO INTENDENTE - NOITE

33. P.P.P. de Rezende Freire, atônito, não querendo acreditar no que ouvia, insistindo:

INTENDENTE FREIRE: O Fiscal da Intendência, Capitão?! O Fiscal?! Está louco, homem?!

Câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro para P.A. e fixando os dois homens e seu diálogo de ênfase e revelações:

CAPITÃO FONSECA: Esse mesmo, Excelência, esse mesmo! Parece um absurdo, mas é a verdade!

Rezende Freire, muito abalado com a notícia, indaga, com certa rispidez:

INTENDENTE FREIRE: Muita cautela na apuração dos fatos, Capitão Fonseca, muita cautela! O Fiscal Pedroso não é um qual-

quer! É lisboeta, como eu, cunhado de Meirinho, muito relacionado na Corte!

34. Campo: câmera enquadra o Capitão de frente, em P.P., com o Intendente em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro.

O militar, respeitoso, ligeiramente intimidado com a recomendação do alto funcionário, então completa:

CAPITÃO FONSECA: Vossa Excelência sabe, como eu, que o Fiscal Pedroso é a única pessoa, além de Vossa Excelência, que tem livre acesso ao cofre! Andei investigando, sigilosamente, a vida do Fiscal, aqui e na Corte...

35. Contra-campo: o Intendente agora, com a mudança de eixo da câmera, fica de frente, com o Capitão em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro.

Rezende Freire, surpreendido com a revelação do militar, então indaga:

INTENDENTE FREIRE: Por que esta investigação, Capitão?! Não está se excedendo em suas funções?! O Fiscal é homem honrado, é funcionario zeloso, muito correto!

CAPITÃO FONSECA: Tenho responsabilidades na segurança da Intendência, Excelência, e tive motivos para isto!

INTENDENTE FREIRE: E o que encontrou, nesta espécie de espionagem?...

36. P.P.P. do Capitão, que, finalmente, informa:

CAPITÃO FONSECA: O Fiscal Pedroso não tem tanto prestígio na Corte, senhor Intendente! Averiguei em Lisboa que parentes dele foram presos e condenados pela Inqusição, acusados de heresia e bruxa-

ria!

37. P.P.P. do Intendente, cada vez mais espantado com o que vai ouvindo:

INTENDENTE FREIRE: O quê está dizendo, Capitão?! Heresia, bruxaria, pacto com o demônio?!

38. P.A. dos interlocutores. O Capitão, seguro de si, triunfante diante da expressão idiotizada do Intendente, prossegue então:

CAPITÃO FONSECA: Vossa Excelência viu alguma vez o Fiscal Pedroso na Santa Madre Igreja?! Na missa, batizado, casamento?!

INTENDENTE FREIRE: De fato, de fato, nunca o vi com terço na mão, rezando no genuflexório, repetindo ladainha! De fato, Capitão, muito esquisito, muito esquisito!

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 5

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - DIA

39. No dia seguinte, o semblante ainda fechado e tenso, o Intendente vem descendo a escada que leva ao pavimento superior do solar da Praça do Comércio.

Rezende Freire, antes de chegar à porta, é alcançado pela mulher, que lhe diz, cerimoniosamente:

ELVIRA: Senhor meu marido... por favor...

O Intendente estaca, ao pé da porta, e se volta, dignamente:

INTENDENTE FREIRE: Hã?... Que queres?

ELVIRA: Rodo sua permissão para ir visitar minha mãe, na chácara do Rio Manso. Soube, pela escrava Isabel, que ela não anda bem de seus flatos...

O Intendente considera o pedido sem nenhuma pressa. Por fim, magnânimo, concede:

INTENDENTE FREIRE: Sim, está bem, senhora Dona Elvira! Vá visitar a senhora sua mãe e dê-lhe meus recados. Mas leve o pequerrucho e a Raimunda... De saída, mando atrelar o cavalo.

E sai, deixando Elvira, olhos cintilantes, muito feliz pela liberdade conquistada.

EXTERIOR - CHÁCARA DO RIO MANSO - DIA

40. Pelo caminho maltratado, de terra batida, que leva à chácara, passando pelo Palha, espalham-se garimpos e sítios pobres entre propriedades tijucanas.

Câmera focaliza a charrete ("andas", tirada por um só cavalo, em uso em Minas no século XVIII), guiada por Elvira com destreza, evitando poças d'água e a lama da estradinha carroçável.

Ao lado dela, com o filho Honório no colo, menino forte, de 3 anos de idade, a mucama Raimunda abre-se num sorriso deliciado com a liberdade inesperada e rara.

Mais adiante, avistando escravas, com marretas, quebrando pedras, Elvira quase pára o veículo, observando o trabalho duro das negras. E comenta para a mucama, muito impressionada com o que vê:

ELVIRA: Está vendo, Raimunda? E você ainda se queixa da vida mole que leva no Tijuco?! Veja essas coitadas!...

A mucana nada diz, impressionada e triste com a cena, corriqueira naqueles tempos. Elvira chicoteia o cavalo e faz a charrete arremeter para a frente.

41. Mais adiante, vencendo uma curva, a charrete passa diante de um casebre à beira da estrada.

A casinha, meio escondida no mato, parece despertar o inusitado interesse de Elvira, que nela lança demorados olhares.

Até que chega, finalmente, à chácara, uma construção já antiga naquele tempo, cheia de jardins e árvores frutíferas.

42. Elvira depara, feliz, com a mãe, uma senhora simples até no vestir, ainda que mantendo um ar de grandiosidade passada, e que a espera no alpendre, sorridente.

Elvira pula do veículo e sai correndo ao encontro da mãe, dizendo:

ELVIRA: Mãe, mãezinha! Que bom ver a senhora! Sua bênção, mãe!

Dona Ercília, irradiando alegria, abraça e beija a filha, dizendo, efusivamente:

DONA ERCÍLIA: Deus te abençoe, filha! Bom foi você ter vindo! E ainda trouxe o netinho! Vamos, vamos, entre, Elvira, vamos às novidades!

As duas, abraçadas e felizes, entram na casa, enquanto o menino, pulando no chão, sai correndo pela varanda.

EXTERIOR - CASEBRE - DIA

43. Elvira, graciosa, num traje de roça, chapelão de palha na cabeça e portando o imutável leque, chega ao casebre, visto à sua chegada.

As cercanias estão desertas. Antes de entrar, espia para um e outro lado. Logo em seguida, sem pressa ou indecisão, surge de um mato próximo o garimpeiro Orozimbo. Os dois olham-se fixamente, felizes pelo reencontro. Elvira entra na casinhola, seguida pelo garimpeiro.

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

44. O Intendente Freire e o Capitão Fonseca estão de pé, diante da mesa de trabalho no salão de despachos da alta autoridade lusitana. Rezende Freire, severo, mal-humorado, pergunta ao militar:

INTENDENTE FREIRE: O Fiscal Pedroso está em sua sala?

CAPITÃO FONSECA: Está sim. Acabei de passar por ele.

INTENDENTE FREIRE: Vamos, então!

E deixam o gabinete.

INTERIOR - SALA DO FISCAL PEDROSO - DIA

45. Quase em frente ao gabinete do Intendente, localiza-se a sala de trabalho do Fiscal Pedroso que, ao vê-los chegar, levanta-se meio assustadamente, por trás da mesa.

INTENDENTE FREIRE: Senhor Fiscal da Intendência do Distrito Diamantino!

O Fiscal, diante da expressão carrancuda e ameaçadora do Intendente, fica esperando, tenso.

Rezende Freire dá dois passos adiante, seguido pelo Capitão, e prossegue:

INTENDENTE FREIRE: O desaparecimento das gemas, propriedade da Coroa, é fato de extrema gravidade! Vossa Mercê tem alguma idéia de quem seja, ou quais sejam os culpados?!

O Fiscal, empalidecendo, consegue dizer, disfarçando a grande perturbação que o agita:

FISCAL PEDROSO: Continuo investigando, Ex-

celência! Lamento profundamente o acontecido, mas ainda não tenho nenhuma prova do autor, ou autores, deste crime de lesa-pátria!

46. P.A. do Intendente e do Capitão, com o Fiscal fora de quadro.

O Capitão, igualmente com voz austera e enérgica, interfere, por sua vez:

CAPITÃO FONSECA: O fato é que Sua Excelência está extremamente preocupado e disposto a elucidar de qualquer maneira o desaparecimento das pedras!

47. P.P. do Fiscal, o rosto afogueado, parecendo pressentir as intenções dos dois homens, que o visitam. E retruca, aparentemente calmo e sereno:

FISCAL PEDROSO: Pode Vossa Excelência, senhor Intendente, contar com minha total colaboração para a completa elucidação do fato!

48. P.P. do Intendente e do militar, este agora advertindo:

CAPITÃO FONSECA: Muito bem, senhor Fiscal Pedroso de Almeida! Advirto-o, no entanto, que será instaurada rigosa sindicância na Intendência! Todos os funcionários, com acesso ao cofre, serão inquiridos em primeiro lugar!

INTENDENTE FREIRE: Não haverá exceção, senhor Fiscal, nenhuma exceção! O inquérito será rigorosíssimo, doa a quem doer!

49. Sem despedir-se, o Intendente dá meia volta e se afasta, seguido

pelo Capitão.

Câmera permanece sobre o Fiscal, atônito, o semblante sombrio, seguindo com os olhos os dois, que se afastam e, murmurando, como se falasse para si mesmo:

FISCAL PEDROSO: Certamente... Certamente...

INTERIOR - CASEBRE - DIA

50. No interior da choupana, parcamente iluminada, Orozimbo aproxima-se de Elvira, que fora atiçar o fogo num velho fogão de lenha.

Silenciosamente, sem nada dizer, abraça-a pelas costas, beija-a suavemente na nuca. Elvira só então pára de abanar o fogo, vendo-se, sobre o fogão, os petrechos para fazer café.

Orozimbo volteia o corpo da mulher e beija-a na boca, com força e paixão. Ambos continuam mudos, só se ouvindo o crepitar do fogo reaceso e o canto dos pássaros fora da casa.

Terminado o beijo, os dois continuam abraçados, fortemente abraçados. Orozimbo então murmura, enternecido, ao ouvido de Elvira:

OROZIMBO: Minha Elvira, tu és um amor!...

Elvira brinca, brejeira e calada, com uma mecha dos cabelos negros do garimpeiro, que ainda lhe diz:

OROZIMBO: Tem muita graça... sabe? Tem graça... Quem pode imaginar eu, aqui, a beijar a mulher do homem que me quer ver morto!

Volta a beijar Elvira. Depois continua:

OROZIMBO: Verdade, santa, que tu me amas acima de tudo? Amas mesmo este mulato fugido e horroroso?...

Elvira se afasta um pouco e, brincalhona, pergunta:

ELVIRA: E quem te disse que te amo, faiscador pretensioso?...

Dizendo isto, Elvira retira devagar um saquinho que trazia oculto no espartilho. Abre-o e mostra ao contrabandista dois diamantes de primeira água. Depois recoloca-os no saquinho e o entrega a Orozimbo, completando:

ELVIRA: Vê o trabalho que me dá?... Por tua causa, virei ladrona!...

Orozimbo abraça carinhosamente a moça, e lhe diz, comovido:

OROZIMBO: Minha Elvira querida... Não diga nunca que é ladrona! Ladrões são eles, que roubam o que é nosso, desta terra que, não demora muito, vai ficar livre desta cabrada que persegue, tortura e mata nossos irmãos!

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

51. Câmera, de volta ao gabinete de trabalho do Intendente dos Diamantes, enquadra o Capitão Fonseca que, apressadamente, aproxima-se da mesa de Rezende Freire, dizendo:

CAPITÃO FONSECA: Com licença, Excelência!

INTENDENTE FREIRE: Outra má notícia, Capitão?!

CAPITÃO FONSECA: De fato, de fato, Excelência! Até parece que sou o arauto do diabo!

INTENDENTE FREIRE: Então, diga lá, Capitão!

52. Câmera inicia Trav-Avante até enquadrar o militar e o Intendente

em P.P.:

CAPITÃO FONSECA: O Orozimbo escapou-nos, Excelência!

INTENDENTE FREIRE: Fugiu?! O senhor quer dizer: escapou da masmorra?!

CAPITÃO FONSECA: Por artes do demo, senhor Intendente! Ninguém sabe explicar como aquele bandido fugiu! Abri devassa, prendi os carcereiros, procedi indagações!

Fonseca desvia o olhar, contempla o casario barroco do Tijuco, pela janela, meditando. Depois volta a encarar o Intendente, dizendo:

CAPITÃO FONSECA: Não sei, Excelência, mas parece-me que há forte relação entre os dois casos: o Fiscal Pedroso e o mulato Orozimbo...

INTERIOR - CASEBRE - DIA

53: Elvira apanha o bule de café fumegante, enche um cuité, que estende ao Orozimbo, e lhe fala:

ELVIRA: O pior é que meu marido e o pulha do Capitão Fonseca estão furiosos com o sumiço das pedras! Juram que vão descobrir o ladrão... Desconfiam do Fiscal Pedroso de Almeida...

Orozimbo, depois de outro gole do café, parece gostar da notícia, pois fala, com entusiasmo:

OROZIMBO: Coisa boa, minha nega! Assim não te culpam, gostosura!...

Elvira chega mais perto do garimpeiro e começa a tirar-lhe a camisa, dizendo com a maior seriedade:

ELVIRA: Andaram dizendo que tu és cúmplice do Fiscal...

Orozimbo, por sua vez, vai desatando a fita que cinge a cintura da mulher, em seu vestido muito simples e roceiro. Interrompe amorosamente a fala de Elvira:

OROZIMBO: Que digam o que quiserem, amor, contanto que te deixem em paz!...

Beija-a e, de repente, toma-a nos braços e a leva ao leito de tábuas, muito rude, coberto por uma colcha de algodão.

SOM - Sobe, na trilha sonora, música de viola sertaneja, com cantiga de época, romântica e dolente.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 6

INTERIOR - MASMORRA DA INTENDÊNCIA - DIA

54. No porão da Intendência, onde se encontram alguns presos acorrentados, o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida está sendo interrogado com brutalidade, e sem qualquer consideração, pelo Capitão Fonseca, o Cabo Silveira e o próprio Intendente Rezende Freire.

O interrogatório é arbitrário e violento, entremeado de chicotadas no corpo semi-despido do Fiscal.

O cabo, homem forte, de brutalidade notória, vergasta-lhe o corpo, amarrado num potro de madeira. E grita-lhe insultos e palavrões, insistindo para que confesse o roubo das pedras, onde as escondeu, a quem vendeu, etc.

O militar, de posto inferior, cresce na satisfação de supliciar funcionário tão categorizado. E lhe berra aos ouvidos:

CABO SILVEIRA: Vamos, pulha! Não adianta esconder o leite, ladrão! Viram-te roubando as pedras, gatuno do cão! Que fizeste com as pedras?! Vamos, confessa, ladrão!

Zunindo o chicote com toda força no corpo do Fiscal, o torturador ameaça mais:

CABO SILVEIRA: Queres que te arranque a alma pela boca, porco imundo?!

Neste ponto do interrogatório, quando se vê o Intendente, impávido, encostado ao grande pote de água dos presos, o Capitão faz sinal para que o subordinado prossiga na tortura.

Novas chibatadas soam com força, sem que o Fiscal mostre sinal de fraqueza. Por fim, apesar do sofrimento, Pedroso exclama, firme:

FISCAL PEDROSO: Sou inocente! Não sei de que pedras estão falando! Não desviei pedra alguma da Coroa, ou lá de quem seja! Não sou ladrão, sou Fiscal da Intendência!

55. Câmera, em nova angulação, enfatiza o Fiscal e seu torturador, Cabo Silveira que, com forte chicotada, interrompe a afirmativa do Fiscal.

Neste instante crítico, quando Pedroso parece que vai desmaiar, o Capitão olha para o Intendente, como a consultá-lo sobre o que fazer.

Rezende desencosta-se do pote e, sem pressa, aproxima-se do acusado.

Subitamente, no entanto, berra-lhe no ouvido, exacerbado:

INTENDENTE FREIRE: Não vês, ó idiota, que é melhor que confesses?! Vamos, testemu-

nhas viram-te fora de horas na sala do cofre! Só nós dois temos as chaves de lá, mais ninguém!

Depois, desconcertadamente conciliador, o Intendente prossegue, com brandura dissimulada:

INTENDENTE FREIRE: Não negue, senhor Pedroso de Almeida! Não te esqueças que também és português, súdito da Rainha! Vamos...

Mas o Intendente não consegue manter a fôrçada calma. Logo, novamente, cheio de raiva, volta a berrar:

INTENDENTE FREIRE: Português coisa nenhuma! És um trânsfuga, um traidor, um ladrão desavergonhado!

Câmera aproxima-se em Trav, do desventurado Fiscal, fixando-o, juntamente com o Intendente, em P.P.

Pedroso mantém a dignidade e olha com dureza seu algoz que, apesar de tudo, é forçado a dar-lhe tratamento de "senhor":

INTENDENTE FREIRE: Confesse, não negue, por favor! O senhor... o senhor...

56. P.P.P. do Fiscal, falando com altivez, voltando-se para o Intendente, olhando-o firmemente no olhos e declarando:

FISCAL PEDROSO: O senhor me conhece bem, senhor Intendente! Viemos juntos de Portugal, sabe que estou sendo vítima de alguma calúnia sem termo! Sou inocente! É abominável, Excelência, tudo o que está me acontecendo!

57. Câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.M. e focalizando o porão no instante em que, irritado, impaciente, revoltado com a postura e resistência do Fiscal, Rezente Freire repentinamente, num acesso de cólera incontida, faz um sinal ao Cabo, pedindo-lhe o chicote:

INTENDENTE FREIRE: Dá-me isto!

De posse da chibata, o Intendente ameaça diretamente o funcionário, dizendo-lhe, com fingida calma:

INTENDENTE FREIRE: Vamos, senhor Pedroso! Pela última vez, peço que confesse essa porcaria de roubo!...

Fora de si, ergue de repente o chicote e golpeia o rosto do infeliz que, pela primeira vez, perde o controle, toma novo alento e, inesperadamente, berra no mesmo diapasão:

FISCAL PEDROSO: Pergunte a Dona Elvira, senhor Intendente! Pergunte a ela quem foi que desviou suas pedras, canalha!

O inesperado desabafo do Fiscal, raivoso e terrível, deixa atônito os que se encontram na masmorra. O Intendente, mais do que todos, chega a empalidecer e faz um pequeno movimento de recuo, enquanto Pedroso, liberado pela audácia, prossegue, com ênfase crescente:

FISCAL PEDROSO: Vi diversas vezes sua mulher entrar na sala do cofre! E até fora de horas! Com toda certeza, com suas chaves, Excelência!

Câmera inicia lento Trav-Avante, fechando sobre o Fiscal e o Intendente.

Durante o movimento de aproximação, câmera registra o extraordinário espanto que a denúncia do Fiscal provoca no Intendente, no Capitão Fonseca e seu subordinado.

Os três, perplexos, imóveis, não tomam de imediato qualquer providência, limitando-se a escutar, estupefatos, o que diz o preso, que continua, energicamente:

FISCAL PEDROSO: Por quê Dona Elvira não está também aqui?! Apanhando também, de chicote e tudo, para confessar o que o senhor quer?! Por quê, Excelência?!

Terminando de falar, exausto, Pedroso se abate sobre si mesmo, humilhado pela delação, a boca cheia de ódio, revolta e impotência.

58. P.M. e depois P.P. por Trav-Atrás.

Enquadra-se o recinto em P.M., no instante em que Cabo Silveira precipita-se para junto do Capitão, enquanto o Intendente é sacudido por uma reação tempestuosa, desencadeando-lhe violento furor.

Seguido pela câmera, que inicia Trav-Atrás, o Intendente avança para o Fiscal, preso ao tronco, e começa a espancar-lhe furiosamente o corpo, a cabeça, o rosto, esbravejando como um desatinado:

INTENDENTE FREIRE: Cachorro insolente! Como ousas, pústula nojenta?! Inculcas minha mulher, gatuno miserável, crápula, leproso do inferno?!

E vergasta-lhe furiosamente o corpo, crescendo tanto na força física, como na intensidade dos gritos:

INTENDENTE FREIRE: Quem és tu, filho de uma cadela, para levantar a voz contra... contra... Quem és tu, aldabrão miserável?!

Quase sem forças, o Intendente fica arfando cansaços, a fermentar mais ódios, curvado sobre a cabeça da vítima, no jeito de galo de briga, ao final da luta.

Depois toma postura ridiculamente nobre para uma declaração oficial. Mas sua fala é débil e arquejante:

INTENDENTE FREIRE: Senhor Capitão Fonseca, senhor Cabo Silveira: em nome de nossa amada Rainha... e da Coroa de Portugal... Em nome das autoridades desta demarcação, eu, Intendente Geral, condeno o Fiscal Fernando Pedroso de Álmeida, infiel, traidor e perjuro... por crime de roubo contra o Tesouro Real e os cofres de Sua Majestade... e assacamento de infâmias e injúrias contra... minha mulher, a senhora Dona Elvira Mourão Candeias, hoje de meu sobrenome Freire... a padecer morte natural na forca! Lavre-se o ato!

59. P.G. da masmorra, favorecendo o grupo próximo ao tronco com o Fiscal amarrado.

Atropelando palavras, o Intendente termina a sentença, procurando manter o ar de dignidade que, na verdade, o torna juiz de fancaria.

Os dois militares, o Capitão e o Cabo, num gesto de repulsiva submissão, perfilam-se como para um desfile militar, tornando a cena ainda mais ridícula.

Câmera, após fixá-los em sua cômica postura, avança em Trav. e vai enquadrar o Fiscal no potro de madeira, fortemente amarrado, lívido e atônito, até P.P. quando tomba a cabeça e desmaia.

FADE-OUT
FADE-IN

SEQUÊNCIA 7

EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA - DIA

60. Câmera, de uma elevação, mostra um arruado na saída do Arraial, sem calçamento e de terra batida.

O caminho é margeado por construções pobres, inclusive uma bodega com homens e cavalos na porta.

Pela rua, do fundo, vem vindo um cortejo de cerca de vinte ou trinta pessoas, acompanhando um homem que vai ser enforcado: o Fiscal Fernando Pedroso de Almeida.

Como de costume, na época, o condenado já vem com a corda atada ao pescoço, vestido numa alva branca até os pés. A outra ponta da corda está presa às mãos de um carrasco encapuzado.

Logo a seguir, vem o Padre Luiz Sayão, de sobrepeliz rendada, estola e espargindo em redor um hissope. Acompanhado pelos componentes da procissão, o sacerdote reza em voz alta, mas deixando distinguir apenas poucas palavras da oração monótona:

PADRE SAYÃO: Senhor Deus Misericordioso... Essa é a vontade... pela justiça... Tende piedade de nós... Agnus, tibi gratia...Onipotens Deo...

Entre o Capitão Fonseca o Cabo Silveira, mais dois soldados da Guarda da Extração e outras pessoas e autoridades locais, o Intendente vem pomposamente, o semblante grave e circunspecto.

Câmera registra, em geral e em detalhes, o sinistro cortejo, seus participantes, trechos do caminho, figuras e pormenores da arquitetura e vestuário da época, enfatizando, obviamente, a figura altiva do Fiscal, que a iminência do enforcamento não consegue alquebrar. Mas, ainda que o condenado siga com dignidade, seus olhos demonstram ódio e revolta.

A subsequência termina quando a objetiva, após panoramizar, vai enquadrar, oculto entre árvores e muros de casas, um menino - Mundinho - filho do condenado, seguindo de longe o triste cortejo.

EXTERIOR - MATO PRÓXIMO AO ARRAIAL - DIA

61. O cortejo chega ao local do enforcamento: uma clareira aberta no matagal onde, atualmente, se localiza a Rua Direita, de Diamantina, lugar, segundo a tradição histórica, preferido pelos mineiros para o corte de madeira para o lavor e construção de seus humildes tugúrios.

A densa mata é formada por grandes árvores de excelente madeira de lei. Diante de uma delas, uma frondosa perobeira-rosa, a comitiva faz parada e se coloca em redor da árvore, deixando, no centro, o Fiscal e o carrasco.

Câmera, minudente, documenta os preparativos para a execução do condenado, iniciados quando o carrasco passa a corda por sobre um galho forte da perobeira.

Depois, lenta e dramaticamente, câmera faz Trav-Avante e vai focalizar, em P.P. , as feições transtornadas do Fiscal, que sobe num caixote, ajudado com expressão piedosa pelo padre.

De repente, em meio ao silêncio que cai pesado, Fernando Pedroso de Almeida encara o Intendente e, com voz terrível, exclama:

FISCAL PEDROSO: Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, sou inocente, senhor Intendente! Juro mil vezes que sou inocente!

62. Depois de focalizar, em P.M., parte da clareira e dos espectadores do suplício, câmera inicia Trav-Avante sobre Padre Sayão e o Intendente.

O sacredote, impressionado com a invocação do nome de Cristo, olha assustadamente para o Intendente, como a pedir-lhe clemência. Mas Rezende, impassível, duro, irremovível, continua a ouvir a confissão do condenado, em off:

FISCAL PEDROSO (voz off): Senhor Intendente Rezende Freire: Vossa Excelência está condenando um inocente, um homem sem culpa, vítima de atroz ignomínia!

Depois, erguendo dramaticamente a voz, vocifera, possesso:

FISCAL PEDROSO (voz off): Miserável, assassino miserável!!!

O "travelling" termina no P.P.P. do Intendente, cujo rosto, ao ouvir

a imprecação insultuosa, denota rancor, espanto e desprezo.

63. Partindo do primeiríssimo-plano do Intendente, câmera repete o enquadramento no rosto apoplético do Fiscal, os olhos fixos no Intendente.

Para tanto, força a posição da cabeça, já presa à corda e às mãos do carrasco. E continua a gritar, com ódio apavorante:

FISCAL PEDROSO: Assassino do diabo! Que a maldição...

64. Câmera focaliza o filho do Fiscal, Mundinho, escondido atrás do tronco de outra árvore, uns 10 metros adiante, e que, de seu recanto, tem os olhos apavorados, já umedecido pelas lágrimas, e escuta a terrível acusação do pai, em off:

FISCAL PEDROSO (voz off, prosseguindo): ...desse crime imundo se derrame por todos seus descendentes!

65. P.G. da clareira e de todos os participantes da cena trágica, no instante em que o condenado conclui:

FISCAL PEDROSO: Que nenhum deles conheça paz e sossego!...

66. Subitamente, movido por um impulso de ódio e temor, Rezende Freire, ele próprio, aproxima-se depressa do condenado e, com um inesperado pontapé, retira o caixote, sobre o qual se sustinha Pedroso.

O Fiscal, desabando no vazio, ainda consegue balbuciar, fitando o algoz com ódio infinito nos olhos:

FISCAL PEDROSO: Maldito!... Mil vezes mal... dito!...

O corpo pende e se reteza, enquanto a corda, tensa, começa a estrangular-lhe o pescoço.

Por um breve instante, o Fiscal ainda luta contra a morte, o corpo estremecendo na corda rija. Depois, inerte, seu olhar fica cravado no

rosto do Intendente, num derradeiro e pavoroso olhar de ódio.

67. Câmera detalha a figura solitária e pungente de Mundinho, testemunha anônima da morte do pai, cujo corpo imóvel, pendendo da corda, avista por entre galhos da árvore, na qual se esconde.

Câmera, lentamente, avança em Trav e vai detalhar as mãos do menino, cravando no tronco da árvore as unhas desesperadas. O sangue escorre-lhe, então, pelos dedos, manchando mãos e o punho da camisa, até pingar no chão da mata cerrada.

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 8

EXTERIOR - OFICINA DE SIMEÃO PEDROSO - DIA

68. Seis anos depois dos tristes acontecimentos que culminaram com a morte trágica do Fiscal Fernando Pedroso de Almeida, um cavaleiro chega a galope à casa e oficina do carpinteiro e entalhador Simeão Pedroso.

É o soldado Manuel Crispim, dos Pedestres da Extração, uma espécie de secretário e serviçal do Intendente Rezende Freire.

O militar desmonta, com agilidade, e bate à porta da oficina de Simeão Pedroso.

É Mundinho, agora transformado, com a passagem de tempo, num adolescente forte, o rosto melancólico, no qual já desponta a barba, quem vem atender ao recém-chegado, que lhe diz, autoritário, secamente:

SOLDADO DA INTENDÊNCIA: Trago ordens do Excelentíssimo Senhor Intendente Geral dos Diamantes ao senhor Simeão Pedroso!

O próprio Simeão, atraido pela chegada do militar, aproxima-se, dizendo:

SIMEÃO PEDROSO: Sou Simeão Pedroso. Pode dizer as ordens!

SOLDADO DA INTENDÊNCIA: É para o senhor

comparecer, hoje à tarde, ao solar que Sua Excelência construiu na Rua Direita. Ele deseja que o senhor guarneça o sobrado com todo o mobiliário e adereços.

69. Simeão fica calado, por alguns segundos e lança um olhar significativo para o filho do Fiscal, cujo primeiro ímpeto é bater com a porta na cara do militar.

Simeão parece advinhar a intenção do rapaz e, apressadamente, responde ao soldado, que espera, erecto:

SIMEÃO PEDROSO: Transmita ao senhor Intendente que, à tardinha, estarei no solar da Rua Direita.

O militar, sem despedir-se, dá meia-volta, sobe ao cavalo e sai a galope pelo caminho de terra.

EXTERIOR - MATA DO ENFORCAMENTO - DIA

70. Simeão Pedroso, Mundinho e mais um grupo de escravos, aprendizes e operários da oficina do prestigioso carpinteiro português, está chegando à mata, local trágico do enforcamento do Fiscal Pedroso de Almeida.

Ao avistar a grande perobeira-rosa, da qual pendeu o corpo do pai, Mundinho estaca e, empalidecendo, lança-lhe um olhar aflito e doloroso.

Simeão, compreendendo o sofrimento íntimo do adolescente, aproxima-se, coloca a mão em seu ombro, solidário e triste.

Depois de algum tempo, cercado pelos auxiliares da oficina, portando machados e serrotes, Mundinho propõe a Simeão:

MUNDINHO: Posso cortar aquela árvore, padrinho? Gostaria muito.

SIMEÃO PEDROSO: A perobeira-rosa? Foi nela que teu pai...

MUNDINHO: Eu sei. Daquela madeira quero fazer o leito do Intendente e Dona Elvira!

SOM - Nesse instante, repentinamente, forte ventania agita os galhos das árvores da mata. Este som, logo em seguida, mistura-se com o ruído forte de machados e serrotes abatendo as árvores.

71. Câmera detalha serrotes e machados abatendo as árvores da mata. Um conjunto de subplanos de cobertura documenta o trabalho dos escravos e auxiliares do carpinteiro, abatendo a mata. Um dos planos mostra Mundinho, machado à mão, golpeando com força a perobeira-rosa de trágica lembrança.

Câmera recua, em Trav., até mostrar a frondosa árvore que tomba estrepitosamente no chão.

Pouco adiante, observando a queda da grande árvore, dois negros comentam, meio assustados:

1º NEGRO-ESCRAVO: Aquele ali, Silvano, não é pau-de-enforcado?!...

O negro, muito assustado, faz o sinal da cruz, e responde:

2º NEGRO-ESCRAVO: Pra mim, João, o lenho só devia servir pra fazê caixão de misericórdia...

Silvano, o primeiro escravo, faz também sinal da cruz e exclama, supersticioso:

1º NEGRO-ESCRAVO: Cruz credo, sô!...

72. P.G. da clareira e da mata, no instante em que Simeão Pedroso, de um ponto destacado, ergue a voz e adverte aos empregados:

SIMEÃO PEDROSO: Ora, vamos! Pois, pois! Basta de vagabundagem! Ao trabalho, bando de marotos! Chega de bazófia, cortem as árvores, vamos!

INTERIOR - OFICINA DE SIMEÃO PEDROSO - DIA

73. Novo conjunto de planos documenta, no interior da oficina do carpinteiro português, o trabalho ágil do mestre e seus auxiliares.

Circulando, versátil e minudente, pelo recinto, câmera mostra escravos, aprendizes, lustradores, marceneiros e outros artífices absorvidos na faina exaustiva de fabricar os móveis da nova residência do Intendente Geral dos Diamantes.

Câmera detalha os instrumentos e petrechos de época, serrando, torneando, polindo e entalhando a excelente madeira de lei. Através de sucessivas fusões, vão surgindo na tela as imagens, ainda incompletas, de cadeiras, silhões, consoles, escrivaninhas, sofás, canapés, guarda-louças, oratórios, papeleira, arcas, e todos os demais móveis com o estilo inconfundível Maria I.

A subsequência se concluirá com o P.P. de Mundinho, com admirável perícia, preparando o belíssimo leito colonial, fabricado com a madeira da perobeira-rosa, de trágica memória.

Câmera, em Trav-Avante, fecha a sequência com o detalhe da mão direita de Mundinho. Com martelo e formão, o jovem artífice, com firmeza e habilidade, vai dando forma ao leito Maria I, parte destacada da mobília encomendada pelo Intendente.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 9

INTERIOR - GABINETE DO INTENDENTE - DIA

74. No gabinete do Intendente dos Diamantes, câmera detalha a mão

de Rezende Freire, com a caneta de pena, no instante em que opõe a assinatura num pergaminho.

Câmera, em seguida, recua em Trav, abrindo o quadro até P.M. e mostrando, no salão, meio perfilados diante da mesa do Intendente Geral, o Alferes Lobo e Melo, Capitão Fonseca, Cabo Silveira e dois soldados dos Dragões, aguardando ordens, intimidados.

Rezende, com a passagem dos anos, ostenta cabelos embranquiçados nas frontes e nas suiças. Demonstra mal-humor e, depois de assinar o documento, dirige-se ao Alferes:

INTENDENTE FREIRE: Digo e repito, senhor Alferes Lobo e Melo: não dê guarida a contrabadista algum! Velho, moço ou mulher! Não dê guarida! Este documento lhe concede poderes para prender e, se for prèciso, para matá-los, se procurassem fugir!

O Alferes, homem de meia-idade, baixo e troncudo, confirma repetidas vezes com a cabeça, e só diz, com um vozeirão tonitroante:

ALBERES LOBO E MELO: Perfeitamente, Excelência, perfeitamente!

O Intendente, depois de ouví-lo, com expressão quase irônica, deixa a mesa de trabalho e passeia pelo recinto, seguido pela câmera, em panorâmica, mastigando algumas palavras indistintas.

Até que, parando diante dos militares, volta a recomendar, exaltadamente:

INTENDENTE FREIRE: Outra coisa, senhores! Não há mais lugar nas masmorras! Não quero bandidos tratados como filhos de família, já viu?! Que fiquem no mato mesmo, como pasto para urubus! As mulheres também, pois mulher de contrabandis-

ta é rebelde do mesmo jeito!

O Alferes, impertigado, torna a repetir, com voz de baixo profundo:

ALFERES LOBO & MELO: Perfeitamente, Excelência, perfeitamente!

INTENDENTE FREIRE: E agora, escutem bem: não quero mais visitas do vigário da Vila do Príncipe, Padre Brandão, às prisões da Intendência! Estão proibidas, entenderam?!

Antes que o Alferes tornasse a repetir a ladainha, o Intendente, aproximando-se do Capitão Fonseca, perguntou:

INTENDENTE FREIRE: E o Orozimbo, Capitão?! Nada ainda?! Continua fugido?! Que diabo de tropa é esta?! Terei de requisitar soldados em Vila Rica, ou do Rio de Janeiro?!

O Capitão, contrafeito e meio ofendido, dá explicações:

CAPITÃO FONSECA: O Orozimbo, Excelência, é vivo que nem alho, tem força de homens escondidos no mato e nas montanhas, conhece os caminhos, conta com a simpatia do povo! Até de moradores da maior influência! Mas, fique tranqüilo, Excelência, vamos pegar o bandido, vamos por os grilhões neste garimpeiro!

INTERIOR - ANTE-SALA DO INTENDENTE - DIA

75. Focaliza-se a figura do marceneiro Simeão Pedroso, chegando à ante-sala do gabinete do Intendente. Orgulhoso, o ar duro, fechado, ca-

chimbo na mão, faz um vago cumprimento de cabeça aos três funcionários que trabalham em suas bancas.

Nesse instante, abre-se a porta do gabinete principal e surgem os militares, além do próprio Intendente.

O Alferes, o Capitão e o Cabo, depois de novas continências solenes ao chefe, fazem ligeiro cumprimenro ao carpinteiro, ao cruzarem o portal.

Quanto o Intendente avista o entalhador, revela satisfação e o convida a entrar, dizendo:

INTENDENTE FREIRE: Ora, salve, senhor Simeão Pedroso! Vamos entrando, vamos entrando!

SIMEÃO PEDROSO: Obrigado, senhor Intendente, não há necessidade! Vim somente avisar a Vossa Excelência que os móveis estão prontos!

INTENDENTE FREIRE: Com que então estão prontos os meus móveis, senhor Simeão?... Estão bonitos, bem feitos?...

SIMEÃO PEDROSO (secamente): O senhor verá! Amanhã estarão em sua casa!

F U S Ã O

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - TARDE

76. Elvira, com o filho no colo, sobe com elegância a escadaria interna que leva ao pavimento superior da nova residência assobradada do Intendente.

Chegando à sala de visitas, depara com Simeão Pedroso, com mais três auxiliares da carpinteria, terminando a montagem e instalação dos móveis novos.

Elvira percorre a sala, deixando escapar exclamações de entusiasmo e admiração pela beleza e primoroso acabamento dos móveis fabricados pelo português:

ELVIRA: Que lindeza, que lindeza de mobiliário!

Ocupado com a instalação dos móveis, Simeão, escasso de palavras, seco e austero, não presta atenção ao que diz a mulher do Intendente.

Chegando do interior da casa, o Intendente vai ao encontro de Elvira, sem esconder o azedume:

INTENDENTE FREIRE: Sim, senhora! São os meus móveis, sim! Estivesse vossa mercê em casa e os teria visto chegar!...

E cala-se,amuado. Elvira não lhe dá muita importância e tenta justificar a ausência:

ELVIRA: É, de fato, tive de sair. Fui ver o enteado do sargento-mór, que está a morrer... Foi isso!

Falando com tédio, Elvira, em brusca mudança, começa a examinar com crescente atenção os novos móveis do Simeão Pedroso.

O primeiro a atraí-la é um grande silhão, que ela corre a experimentar, sentando-se com graça infantil, exclamando:

ELVIRA: Que lindeza, senhor meu marido! Que cômodo ela dá à gente! Até parece silha do Papa!

Já livre do pequeno Honório, que passa à mucama, Elvira aproxima-se da mesa, ainda não colocada no lugar certo. Alisa a mão na mesinha recém-envernizada, enquanto diz, agora dirigindo-se à empregada:

ELVIRA: Veja só, Raimunda! Que amor de mesita! Dá até vontade de deitar nela!

77. Mudando a angulação, câmera focaliza Elvira que corre a examinar o contador português, de pau-santo e metal amarelo, cujas nove gavetas,

com molduras largas e lisas, vai abrindo, como uma criança travessa, dizendo:

ELVIRA: Que maravilha, senhor Simeão! Nem o Convento de Lorvão deve ter igual! O senhor é mesmo um mestre, um grande artista!

E sai a observar outros móveis, sem esperar pelo agradecimento do carpinteiro, ocupado com seu trabalho.

Examina o guarda-louça, já guarnecido com vasos e pratos, trazidos da Europa, outras cadeiras e sofás. E assim, feliz como uma criança, a moça deixa a sala-de-visitas e ganha o corredor, a caminho dos quartos.

INTERIOR - QUARTO DE DORMIR - DIA

78. Instalada no interior do quarto de dormir do casal, câmera focaliza a porta de entrada, semi-cerrada, no instante em que, vindo da sala, Elvira se aproxima. Ao escancarar a porta, torna mais claro e nítido o recinto.

No quarto, o filho do Fiscal, Mundinho, com o traje típico de artífice e carpinteiro, inclusive com um comprido avental, está completando a montagem de um grande leito e lustrando-lhe a madeira.

Ouvindo a aproximação da mulher, Mundinho se volta e fixa nela um olhar duro e estranho. Elvira também, fixando-o nos olhos, experimenta uma sensação de medo e espanto, substituindo-lhe no rosto o sorriso de alegria e admiração que experimentava ao avistar os outros móveis.

Nada diz, no entanto. Mundinho volta ao trabalho, calado, como ela.

Seguindo-o com o olhar, Elvira só então depara com a cama primorosa e não esconde um extraordinário assombro.

79. Deixando Elvira no quadro, à esquerda, em 3/4 de perfil, câmera focaliza, entre duas janelas, o leito, no mais puro estilo Maria I, que o próprio Mundinho fabricara com admirável artesanato e lavor.

A cama já está montada, envolvida por cortinados de renda, pendentes de docéis que se armam sobre os altos postes da cabeceira e dos

pés.

Os esteios são esguios e elegantemente vincados em suave espiral, com partes volumosas em forma de pera e rematados de pináculos nascentes e folhagens estilizadas.

Mantendo sempre Elvira no quadro, à esquerda, ligeiramente de perfil, câmera avança com ela, em Trav., aproximando-se do móvel belíssimo.

Ao fundo, terminando o trabalho, Mundinho guarda numa caixa os petrechos e se afasta, deixando o quarto, calado como sempre.

Elvira fica inteiramente só, envolvida pela magia extraordinária daquele leito fascinante, do qual se aproxima, com espanto e emoção, até estacar, a pouco mais de um metro.

80. Como ponto-de-vista de Elvira, câmera focaliza a cabeceira da cama, profusamente recoberta de entalhes em volutas, rocalhas, flores e palmas, tendo, no centro, dois vazios em forma de trilobada, guarnecidos de estofamento de seda.

81. Deixando a cabeceira à esquerda do enquadramento, câmera mostra Elvira em P.A., os olhos espantados, fixados na cabeceira, imóvel, como se estivesse parada no tempo.

Fazendo lenta Pan.E-D, câmera afasta-se da cabeceira e vai enquadrar Elvira, sempre em P.A., à esquerda e, ao fundo e à direita, a porta de entrada, pela qual assoma a figura imponente do Intendente Freire.

Absorta, os olhos como que hipnotizados pelo móvel soberbo, Elvira não percebe a chegada do marido, que caminha mais alguns metros e, de repente, envolve-a com um abraço sensual, fazendo-a estremecer.

Apontando para o leito, o Intendente exclama, lascivo:

INTENDENTE FREIRE: É a nossa cama, filha! Não é uma beleza?...

Depois, meio desajeitadamente, tenta levá-la ao leito, enquanto acrescenta, cada vez mais excitado:

INTENDENTE FREIRE: Venha, meu bem, venha, amor! É nossa cama!...

Elvira, que tentava livrar-se do abraço erótico do marido, de repente reage com brutalidade, dizendo, ríspida, muito irritada:

ELVIRA: Não, não! O que é isto?!

Mas o Intendente insiste e torna a abraçá-la.

ELVIRA: Ora essa, homem! Largue-me,

que diabo! Não quero! Vai embora!

82. Câmera abre mais o quadro, indo para P.M. do quarto e focalizando parte da cama, Elvira e o Intendente que, apesar de chocado, não parece ceder e volta a dizer-lhe, libidinoso, excitadíssimo:

INTENDENTE FREIRE: Ora, minha pomba, minha lindeza!... Vamos, não sejas tolinha... Sou teu marido, mandei fazer-te esta cama, digna de uma rainha! Não gostas dela, não gostas, flor?...

Elvira, agora com um safanão, não deixa que Rezende volte a enlaçá-la e grita suas raivas e repulsas:

ELVIRA: Deixa-me, vai embora, pelo amor de Deus! Não quero, homem, não me sinto bem, é isto!

O Intendente, descontrolado, lúbrico como o demônio, persiste:

INTENDENTE FREIRE: Vais ver, pombinha, nesta cama terás amor como nunca tiveste! Vais ver, filha! Venha, venha!

Aí então, fora de si, Elvira grita, enfurecida:

ELVIRA: Ora, merda! Vai-te pros infernos! Raio de homem, parece um animal!

Afasta-se, irritadíssima, continuando a gritar:

ELVIRA: Se queres inaugurar a cama, que busques uma negra qualquer! Irra, diabo!

E deixa o quarto, precipitadamente, ante o espanto e a grande frustração do Intendente.

SOM - Na trilha sonora, sobe música dramática e pressagiosa. Depois, fundindo-se com ela, e dominando a trilha, ouve-se o ruído antecipado de patas de cavalo, em galope veloz.

SEQUÊNCIA 10

EXTERIOR - CAMPO ABERTO - DIA

83. G.P.G. do vale cortando a Serra de Santo Antônio do Itacambiruçu, no termo de Minas Novas.

Muito ao longe, silhuetado contra o azul do céu, vem vindo um homem a cavalo, em galope bravo.

As patas do animal, ferindo a poeira da trilha, ecoam no vale, emoldurado por altas montanhas.

84. Tele-objetiva traz para muito perto o rosto viril do garimpeiro Orozimbo, chapelão de palha na cabeça, os olhos fincados na distância.

SOM - Galope crescendo até ficar em primeiro-plano sonoro.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

85. Após enquadrar Elvira, em P.A., câmera restringe o quadro até P.P. através de Trav-Avante sobre Elvira, sentada à mesa de refeições, o olhar distraído, pousado na paisagem noturna, vista da janela.

Ela come a sobremesa, um doce de época e, a certa altura, observa o Intendente, à cabeceira.

86. P.G. da sala de jantar, agora guarnecida com os novos móveis. A refeição, servida por escravos limpos, chega ao fim, em atmosfera con-

trafeita e silenciosa.

Bebido o café, Rezende Freire, sempre calado, levanta-se e vai ao alpendre, que se abre para a bela noite estrelada.

Aproveitando-se da saída do marido, Elvira, por sua vez, se encaminha, por outra porta, ao quarto de Honório.

Os escravos se entreolham, percebendo irregularidades entre os amos, e levantam a mesa, sérios e silenciosos.

87. Elvira está debruçada sobre a pequena cama onde o filho dorme tranqüilamente.

Cheia de cuidados, Elvira acaricia o rosto do menino e, ao ouvir ruído, volta-se e depara com o Intendente, que a observa da porta.

Sem medo, mas indecisa, Elvira volta a acariciar o filho. O Intendente, também cuidadosamente, aproxima-se e lhe fala, com tom afetuoso, mas igualmente sensual:

INTENDENTE FREIRE: Venha com teu marido, Elvira... Perco-me por tanto te querer, querida!... Venha, venha para nosso quarto!...

Elvira volta-se com automatismo e a clara intenção de seguir o marido.

INTERIOR - QUARTO DO CASAL - NOITE

88. Ao penetrarem no grande dormitório, o Intendente vai sentar-se no magnífico leito. Com um gesto, pede que a mulher se aproxime.

A expressão do Intendente, antes disfarçada, volta a denunciar-lhe a terrível excitação sexual, sobrepondo-se à blandícia falsa com que recomeça a cantilena da conquista:

INTENDENTE FREIRE: Venha aqui, Elvira... Não sou teu marido, não confias em mim?... Venha, pombinha, o que se passa nesta cabecinha?...

Câmera, iniciando Trav-Atrás, acompanha o lento e maquinal caminhar de Elvira, enquadrada em P.P., o rosto estranho e nauseado, ouvindo, em off, a voz adocicada do marido:

INTENDENTE FREIRE (voz off): Sabes bem o quanto me perco por ti, Elvira!... Quero-te muito, filha! Venha cá, Elvirinha, venha cá, amor!...

O rosto de Elvira, um pouco pálido, não esconde repulsa e receio.

Instalada em trilho circular, câmera recua para a esquerda e focaliza, além de Elvira, que se aproxima lentamente do leito, a figura recalcitrante do Intendente, fremindo de desejo.

Quando Rezende percebe que a mulher, hesitante, pára a meio caminho do leito, levanta-se e vai ao seu encontro, agarrando-lhe os braços.

E tenta, uma vez mais, deitar a mulher na cama. Elvira, contudo, resistindo como da primeira vez, começa a chorar, cheia de tédio, repulsa e aflição, dizendo entre soluços:

ELVIRA: Não... não... por favor, Rezende!... Agora não! Não posso, é impossível, sabe? Deixe-me, deixe-me, pelo amor de Deus!...

89. Em novo enquadramento, favorecendo o Intendente, e deixando Elvira ligeiramente à esquerda, em 3/4 de perfil, câmera registra o instante em que Rezende, numa súbita explosão de cólera e impaciência, exclama, irritadíssimo:

INTENDENTE FREIRE: Ora, sebo, minha senhora! Que diabo vai por aqui?! O que há de mistério contigo, mulher?! Ora, faça-me o favor, com estes faniquitos! Quem pensas que sou, faça-me o favor, rapariga?!

90. P.P.P. do Intendente, cada vez mais exaltado, bradando:

INTENDENTE FREIRE: Afinal,sou teu marido, não sou homem de pataratas! Isto até me parece bruxaria, feitiços, o demônio! Vamos acabar com isto?!...

91. Deixando no quadro parte da cama, com o cortinado e os dois esteios da cabeceira, câmera focaliza o Intendente, ligeiramente de perfil, e Elvira, de frente, em P.M.

Elvira,espantada com a cólera súbita do marido, abaixa a cabeça e, entre soluços, tenta explicar:

ELVIRA: Não sei, Rezende... Não sei, mas acho que estou enlouquecendo... estou doente!

Depois, vagarosamente, vai sentar-se numa cadeira, perto da janela. Sem fixar o marido, continua:

ELVIRA: Se pudesse contar a sensação que tenho, neste quarto!... Isto que me dá, Rezende, quando vejo esta cama... Fico assim, desesperada!... Perdoe-me, Rezende, acho que estou perdendo o juízo!...

O Intendente parece enternecer-se com a confissão da mulher. Aproxima-se dela, toma-lhe ambas as mãos, num gesto de socorro, e lhe fala, com mais tranqüilidade:

INTENDENTE FREIRE: Vamos, filha!... Não precisa chorar... Tenta me explicar tudo isto... O que te aflige, te atormenta!... Vamos, desabafa, minha filha!...

92. P.A. e depois P.P. por Trav-Avante - Câmera enquadra Elvira,

chorando muito e fungando o nariz, tentando explicar:

ELVIRA: Não sei, Rezende... Não posso, é isto, não posso!... É como se alguém nos estivesse espionando!... Alguém sem corpo, mas com um instinto cruel, como se fosse sair daquele lugar...

E aponta para o espaldar da cama, continuando:

ELVIRA: Alguém... esperando o momento para nos fazer mal... um grande mal! É horrível, Rezende, horrível!...

O Intendente, pela esquerda, entra no quadro e se põe de joelhos diante de Elvira, acariciando-lhe os cabelos, o rosto, comovido:

INTENDENTE FREIRE: Ora, tolinha! Sossega, minha menina! Tudo isto é pura imaginação dessa cabecinha bonita... Tolice, sabe? Logo tudo isto vai passar, vais ver! Agora venha, vamos nos deitar um pouco... Estás comigo, ninguém vai fazer-te mal!...

Rezende, ao falar na cama, acende ainda esperanças de uma noite abrasada de amor.

E, de fato, subitamente, toma o corpo de Elvira e o ergue, demonstrando um carinho pouco convincente. Chega a caminhar alguns passos, na direção do leito, tentando distrair a atenção da mulher:

INTENDENTE FREIRE: Vamos, tolinha, não chores mais... Verás que o prazer acaba por apagar-te essas caraminholas sem motivo! Venha, lindeza, venha...

Antes que ele a deite no leito, Elvira, num terrível acesso de fúria, salta para o chão e, num gesto inesperado, esmurra o peito do

Intendente, gritando, histérica:

ELVIRA: Sai, miserável! Vai pro diabo que te carregue, asqueroso, carrasco de uma merda! Carrasco dos infernos!!!

INTERIOR - MASMORRA DA INTENDÊNCIA - NOITE

93. Em corte sonoro direto, o grito de Elvira é sucedido pelo grito de sofrimento de um garimpeiro, torturado num tronco de madeira, na prisão da Intendência.

Com a chibata, já ensanguentada, Cabo Silveira, exausto, banhado em suor, esfola as costas do infeliz, berrando:

CABO SILVEIRA: Vais ou não vais dizer onde está o Orozimbo, bandido descarado?! Se não queres que te arranque o couro da carcaça fedorenta, vai dizendo logo, celerado de bosta!

O garimpeiro nada diz, o que aumenta a fúria do militar, que o golpeia com mais força.

Câmera panoramiza para o lado, e para baixo, para focalizar duas mulheres-garimpeiras, olhos esbugalhados, atiradas no chão, como restos humanos.

Em off, Cabo Silveira desce a chibata e vocifera, mais forte ainda:

CABO SILVEIRA (voz off): Onde está o ladrão do Orozimbo, filho de uma rameira?!

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 11

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - DIA

94. Elvira, sentada numa cadeira, de espaldar alto, ao lado da ca-

minha de Honório, tem os olhos fechados, cochilando.

Ao ouvir a porta rangendo, abre assustada os olhos, levanta-se e se volta para o marido, que lhe diz, sem entrar no quarto:

INTENDENTE FREIRE: Senhora Dona Elvira: parto em viagem a Vila Rica, para despachos urgentes. Sigo imediatamente. Para qualquer necessidade, procure o Argemiro, na Intendência. Passar bem!

Antes de sair, Rezende, já preparado para a viagem, ouve Elvira, que lhe fala, com certa hesitação:

ELVIRA: É... viagem demorada?... O senhor...

O ar de Elvira é um misto de surpresa, receio e desconfiança.

Apressado para sair do quarto, Rezende interrompe a fala da mulher e explica, lacônico:

INTENDENTE FREIRE: Uma semana. Ou duas.

Depois completa, já lhe voltando as costas, seco e sombrio:

INTENDENTE FREIRE: Em meu regresso, espero resolver nossa situação!

95. P.P. de Elvira, com voz apagada:

ELVIRA: Que Deus acompanhe Vossa Mercê...

EXTERIOR - ESTRADA PARA VILA RICA - DIA

96. O Intendente Rezende Freire, acompanhado pelo Capitão Fonseca, o Sargento Ramos de Almeida e mais três guardas da Extração, viaja a cavalo pela estrada que, na Serra do Espinhaço, conduz à capital da Província, Vila Rica.

Seguem em trote rápido, com todos os petrechos de viagem, erguen-

do nuvens de poeira que vão pousar nas árvores mirradas da região montanhosa.

97. P.A. por Trav-Atrás.

Câmera, recuando em "travelling" e acompanhando, de frente, o Intendente, Capitão Fonseca e, mais atrás, o Sargento e os três guardas, registra o diálogo que, a certa altura, se estabelece entre eles:

INTENDENTE FREIRE: Em que ficou o cerco ao Orozimbo, Capitão?

O Capitão, com o garbo de militar afeito à montaria, responde, já temendo o árpero temperamento do Intendente-Geral:

CAPITÃO FONSECA: Lá deixei providências, Excelência. Incrível como aquele homem consegue escapar de todos os cercos! É audacioso como o tinhoso! Já foi visto no Arraial, até nas cercanias da residência de Vossa Excelência! Um atrevimento assim...

O Intendente, com brusca reação de surpresa e indignação, estaca o cavalo, fazendo parar a comitiva. Depois, medindo as palavras, decide:

INTENDENTE FREIRE: Capitão: resolvi não prosseguir viagem! Volto daqui! Retorno ao Arraial para resolver assuntos urgentes que agora me ocorreram!

98. Câmera recua mais alguns metros, em Trav., até enquadrar o grupo de cavaleiros em P.M.

O Capitão e o Sargento voltam-se na direção do Intendente, refreando com dificuldade os animais, enquanto os três guardas se colocam em volta de seus chefes.

Todos eles não escondem a surpresa com a decisão inesperada do

Intendente.

Antes que se manifestem, Rezende Freire acrescenta, peremptório:

INTENDENTE FREIRE: Está decidido! Regresso ao Tijuco. Sigam os senhores avante, levando os despachos ao Senhor Governador. No mais, Capitão, tenham boa viagem!

Vira a rédea do cavalo, fustiga-o com a espora e galopa pelo caminho de volta.

SEQUÊNCIA 12

EXTERIOR - PRAÇA FRONTEIRA À RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

99. Em plena noite enluarada, câmera, postada em frente ao sobrado onde residem Rezende Freire e Elvira, focaliza uma serenata que vem descendo a rua que desemboca na pracinha.

O grupo de seresteiros se compõe, quando muito, de oito integrantes, trazendo violão, flauta, carinete e o mais.

Os seresteiros andam devagar, tocando e cantando melodias locais e da época. No meio deles, disfarçado com um chapéu de palha, a figura inconfundível do garimpeiro Orozimbo.

Já próximo da residência do Intendente, Orozimbo lança um olhar indagador a uma das janelas do solar.

100. Como ponto-de-vista de Orozimbo, câmera focaliza a fachada do sobradão, com ênfase para uma das janelas do pavimento superior.

Apesar da escassa iluminação ambiental, câmera identifica Elvira, que surge à janela de seu quarto, metida num esvoaçante traje de dormir, por sobre o "robe" também ligeiro e bonito.

A lente "Zoom" fecha lentamente sobre a bonita mulher, detalhando, em P.P., o olhar insinuante que dirige ao garimpeiro.

101. Agora, como ponto-de-vista de Elvira, câmera, instalada no balcão da janela do quarto, focaliza, em "plongée", a praça, os seresteiros

ros e, particularmente, o famoso garimpeiro.

Orozimbo, naturalmente, só tem olhos para a amante. Sem pressa, continuando a cantar, Orozimbo faz discreto sinal a Elvira.

Pouco depois, o grupo se movimenta, com exceção do garimpeiro que, ocultando-se nas sombras, se afasta dos companheiros e, mais adiante, pula um muro e ganha os fundos do solar.

SOM - Serenata de época, afastando-se e, pouco a pouco, desaparecendo na noite.

EXTERIOR - QUINTAL DA RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

102. Câmera, de baixo, enquadra Orozimbo galgando aos dois, e aos três, os degraus da escadaria que leva à varanda florida da casa do Intendente.

No patamar, descerra-se a última porta dos fundos e Elvira aparece, com um castiçal e uma vela acesa.

Orozimbo, em completo silêncio, enlaça a amante e, depois de um beijo prolongado, ouve-a balbuciar, com falsa recriminação:

ELVIRA: Não... não senhor! Deixei o senhor subir para falarmos de nossos presos, de nossos planos...

Orozimbo beija-a novamente, pouco se importando com os protestos da mulher que, fraquejando, continua a dizer:

ELVIRA: ... da nossa vida, senhor garimpeiro! Hoje, temos de...

Os dois, ele insistindo em abraçá-la, ela tentando fugir-lhe dos braços, desaparecem na escuridão do recanto, a vela apagada.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

103. Dentro da casa, no corredor, quase na escuridão, Orozimbo consegue arrastar Elvira para o quarto.

104. No quarto, iluminado fracamente pela luz de outra vela, Orozimbo enlaça fortemente a mulher, beija-a no pescoço, no colo, na boca e, ardendo de desejo, fala-lhe amorosamente:

OROZIMBO: Falar de conspiração, senhora Dona Elvira, falar de presos, de planos de fuga, com a senhora aqui, tão linda, tão perfumada?... Amor... meu amor, como perder uma ocasião como esta?...

Mesmo abraçando-a, o garimpeiro percorre o quarto com a vista e fixa os olhos, de surpresa e admiração, no leito fabricado na oficina do Simeão Pedroso.

É tão grande a admiração de Orozimbo, que se desenlaça da amante e exclama, aproximando-se do móvel:

OROZIMBO: Olha só, que maravilha, Elvira, que cama maravilhosa!

Seguida pela câmera, em Trav-Atrás, Elvira chega mais perto de Orozimbo e, como ele, fica também observando o leito.

Orozimbo dá mais alguns passos e desliza a mão na cabeceira do móvel recém-construído. E comenta:

OROZIMBO: Que primor, Elvira! Esta sim, é a cama que eu sempre quis ter!

105. Mudando a angulação, câmera enquadra Elvira, Orozimbo e quase todo o leito em P.M.

Elvira, muito à vontade, vai para perto do amante e, abraçando-o, lhe fala:

ELVIRA: Ela me metia medo, Orozimbo, me provocava uma sensação estranha de ameaça e pavor. Diante dela o Rezende parecia enlouquecer de desejo, e tentou várias vezes me jogar nela. Mas o que pro-

vocava era uma repulsa insuportável!

106. P.P. de Orozimbo e Elvira.

O garimpeiro, impressionado com o relato da amante, enlaça-a com mais força e lhe diz, com ternura:

OROZIMBO: E por mim, querida, também sentes repulsa?...

Elvira recosta-se amorosamente no garimpeiro e responde, também com ternura e paixão:

ELVIRA: Repulsa, amor?... Por você só sinto um desejo enorme de ser sua...

107. Câmera, em Trav-Circular, inicia lenta movimentação pelo quarto, enquanto os dois, despindo-se, entre beijos e carícias, aproximam-se do leito.

O movimento circular da câmera termina quando estiver enquadrando, em primeiro-plano, à direita do quadro, a cabeceira trabalhada do leito primoroso.

Assim que ficam inteiramente nus, Orozimbo, como se erguesse uma criança, carrega Elvira e, antes de depositá-la no leito, ouve-a dizer, com voz débil, s em muito c onvicção:

ELVIRA: Aqui não, Orozimbo...

Mas Orozimbo não a obedece e estende-a no leito, dizendo:

OROZIMBO: Aqui mesmo, amor... Nesta cama linda, em nossa cama...

Câmera reinicia o movimento circular, fixando os corpos fortemente enlaçados do casal. Depois ultrapassa a cama e se aproxima da janela entreaberta, mostrando, em P.G., a pracinha e a rua em declive, manchadas, aqui e ali, por fachos de luz d os lampiões.

Pela rua vem descendo alguém a cavalo.

"Zoom" é acionada e traz a imagem do cavaleiro para P.P., quando, então, o identifica: é o Intendente Rezende Freire, aproximando-se do solar, em trote firme, a expressão do resto fechada e sombria.

SOM - Misturado com sons de grilos, sapos e latidos distantes de cães, sobe na trilha sonora o trotar do animal montado pelo Intendente.

EXTERIOR - PRAÇA E RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

108. O Intendente, com sua montaria, alcança a pracinha, na qual, mais ao fundo, se avista a residência solarenga.

Vem normalmente, trazendo o cavalo a passo, evitando fazer ruídos e despertar curiosidades.

Próximo ao sobrado, apeia e amarra o animal no tronco de uma árvore. Depois se encaminha para a porta de entrada, retira a chave da algibeira, abre a porta e, cautelosamente, entra na casa, fechando por dentro.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DO INTENDENTE - NOITE

109. No interior da casa, câmera focaliza Rezende Freire, no instante em que sobe, silenciosamente, sem luz acesa, a escadaria nobre que leva ao pavimento superior.

Pisando de leve, chega ao salão superior e o atravessa sem demora. Ganha o corredor e se aproxima, finalmente, do quarto conjugal, seguido pela câmera em Trav-Atrás.

Pára diante da porta fechada, ouvindo vozes sussurradas, expressões abafadas de evidente prazer.

A certa altura, com nitidez, identifica a voz de Elvira, dizendo em tom súplice:

ELVIRA (voz off): Cuida-te, amor... Por Deus!...

110. P.P.P. do Intendente Freire, o resto quase colado na porta,

lívido, dominado por enorme tensão e angústia, que recrudescem ao ouvir, com ódio nos olhos, a voz inconfundível de Orozimbo:

OROZIMBO (voz off):Quem diria, flor do céu, que eu, uma onça do mato, caçado como bicho, teria tanta ventura! Ter você, nesta cama linda e macia!... Como da primeira vez...

Câmera recua, abrindo o quadro até P.A., mostrando o Intendente, com mão trêmula, o rosto coberto de suor, que retira uma garrucha, verifica se está carregada e, antes de agir, ainda escuta a voz de Elvira:

ELVIRA (voz off): Leva-me, com o menino, para bem longe daqui, para tua grupiara, que só Deus sabe onde fica... Não posso mais, Orozimbo, juro!

OROZIMBO (voz off): Mas, amor, e teu marido?...

111. Instalada no interior do quarto, câmera enquadra Orozimbo e Elvira em P.P. , despidos no leito, compartilhando o mesmo travesseiro.

Elvira está voltada para o amante, a quem responde, com ternura e entrega:

ELVIRA: E eu tenho marido?... O Rezende é um emboaba que detesto, você sabe! Quero é ver este português escorraçado daqui! E vou roubar todas as pedras da Intendência!...Assim ele volta preso para Lisboa!

112. P.P.P. do Intendente, no corredor, atônito, desfigurado, ouvindo a espantosa revelação de Elvira, que ainda diz, em off

ELVIRA (voz off): As pedras não são nossas, amor? Não têm nosso sangue, nosso suor?...

Câmera, em Trav-Atrás, abrindo o quadro, recua até mostrar o Intendente, garrucha na mão, torcendo a maçaneta da porta.

Depois, com violento empurrão, escancara a porta e entra como alucinado, seguido pela câmera, que se movimenta agilmente em "travelling e panorâmica.

No interior do aposento, focaliza-se, em P.M., o Intendente que se precipita para a cama, sobre a qual ainda estão enlaçados Orozimbo e Elvira.

Câmera registra o desencadear da grande e espantosa surpresa: Elvira, assustadíssima, cobre-se em reflexo instintivo; Orozimbo faz menção de saltar da cama. Mas Rezende aciona o gatilho da arma, indo a bala ferir, mortalmente, não o garimpeiro, mas Elvira.

113. Em nova angulação, câmera registra o instante em que Orozimbo, com incrível agilidade, salta sobre o Intendente, disposto a desarmá-lo. Mas, na luta, outra bala é disparada, atingindo o próprio Rezende, que cambaleia, ferido e sangrando no peito.

114. De outro ângulo, câmera focaliza o Intendente que, com passos trôpegos, aproxima-se do leito e nele deixa tombar, pesadamente, o corpo sangrando, a cabeça voltada para a cabeceira.

Através de Trav-Avante, câmera vai enquadrar, em P.P., o Intendente e o frontão da cama, os olhos exprimindo terror e medo. Antes de morrer, estende as mãos, tentando amparar-se na cabeceira da cama, em gesto desesperado e inútil.

E tomba sobre o corpo inerte de Elvira, morrendo.

Orozimbo, terminando de vestir-se, fica parado no centro do quarto, olhando, penalizado, os dois corpos estirados no leito.

Depois, lentamente, aproxima-se do leito, afasta o corpo do Intendente e estende Elvira no centro da cama, cobrindo-a com a colcha de Damasco, jogada numa cadeira.

Faz o sinal da cruz e, em seguida, fecha os olhos da morta e cruza-lhe as mãos sobre o peito. Depois se afasta, deixando o quarto, cuja porta fecha cuidadosamente.

Pelo mesmo caminho, por onde chegara, desaparece na escuridão.

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 13

EXTERIOR - CAMINHO PARA VILA DO PRÍNCIPE - DIA

115. A nova seqüência abre-se com o clareamento da imagem de um caminho de terra no alto da Serra do Espinhaço.

É dia alto e o caminho está deserto. Logo em seguida, no entanto, surge, no declive de uma curva, uma tropa de viajantes: homens, animais de montaria e carga, além de um carroção puxado por bois.

O cortejo segue em demanda da Vila do Príncipe (atual cidade do Serro), cortando a serra em sua difícil topografia.

Numa forte besta mansa, equilibram-se dois cestos, de um e outro lado. Num deles, vêem-se sacos de bagagens; no outro, acomoda-se o menino Honório, filho de Elvira e Rezende Freire.

Pela estrada seguem escravos caminhando a pé, ao lado da besta. Pouco adiante, montado num tordilho, o Alferes Miguel Lins comanda a pequena tropa, destacada para conduzir o filho do Intendente à casa dos tios, o rico comerciante Vieira de Carvalho e sua mulher.

A comitiva também inclui alguns negros escravos, carregando pertences da família Rezende Freire, além de três guardas da Milícia.

No carroção acomodam-se os ricos móveis que guarneciam o solar do Intendente, com várias peças desmontadas.

Câmera documenta o cortejo melancólico, dando ênfase ao belo leito Maria I, sobre o qual se consumara a tragédia.

O sol forte reverbera no espaldar da cabeceira e bate em cheio nas talhas trabalhadas por Mestre Simeão Pedroso.

A caravana passa rente à objetiva, avançando na serra granítica.

Quando o Alferes e um Cabo estiverem próximos da objetiva, câmera inicia Trav-Atrás, captando-lhes o diálogo elucidativo:

ALFERES MIGUEL LINS: Veja você, Evaristo: acabamos mucamas do pequerrucho, filho daquele infeliz do Intendente!...

CABO EVARISTO: Mucama só se for você, eu não! Sou é guarda e protetor do menino, Alferes Miguel Lins!...

ALFERES MIGUEL LINS: Não se ofenda, Cabo Evaristo. Falei mucama no bom sentido. O que fazemos mesmo é ato de caridade, retirando o menino do local daquela tragédia sangrenta. Perdeu o pai e a mãe, coitadinho!

CABO EVARISTO: E foi mesmo o Orozimbo, Alferes? Foi o assassino?!

ALFERES MIGUEL LINS: Ninguém tem mais dúvida! O miserável sumiu no mato, mas há tropa atrás dele até no Mato Grosso!

116. Câmera agora faz Trav-Lateral e enquadra, em P.P., o pequeno Honório, dormindo no cesto, carregado pelo animal.

Em off, continua a ouvir-se o diálogo do Alferes com o Cabo:

CABO EVARISTO (voz off): Quem vai ficar com o menino, na Vila do Príncipe?

ALFERES MIGUEL LINS (voz off): Uma irmã do Intendente, casada com um comerciante muito rico...

117. Em novo enquadramento, câmera focaliza, em G.P.G., o cortejo que se distancia na serra, castigado pelo sol.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DO SERRO FRIO - DIA

118. De um ponto elevado, câmera focaliza, em P.G., a antiga Vila do Príncipe, "com suas escarpas, seus abismos, seus córregos e aquele solo desordenado e hostil".

Sobre esta imagem, de localização geográfica, surge em transparência, o letreiro explicativo:

SERRO FRIO, 1830

EXTERIOR - SERRO FRIO - DIA

119. De um ponto estratégico de Serro Frio, câmera focaliza uma rua em declive, com foco sobre a figura de um homem a cavalo, chapéu à cabeça, seguindo seu caminho, erecto, cheio de orgulho, indiferente aos que o fitam, com respeito e rancor.

O cavaleiro aproxima-se, pouco a pouco, de pequeno grupo de moradores, parados na calçada, diante de um casarão colonial.

Depois que o homem a cavalo ultrapassa o grupo, seguindo em frente, sem ao menos dirigir-lhe a vista, lente "Zoom" é acionada e vai captar-lhes o diálogo de maledicência e inveja:

MORADOR GORDO: Lá vai o "Barriga de Ouro"!...

VELHO MEIO SURDO: Quem?...

MORADOR GORDO: Não conhece o senhor Honório Rezende Freire, o "Barriga de Ouro", o homem mais rico desta região?...

MULHER COM ROSÁRIO NA MÃO: Enquanto ganha dinheiro, o povo passa fome! Dizem que é ateu!

Um velho, puxando na rua uma cabra, chega perto do grupo e fica também observando Honório, que segue em frente, impávido, austero.

Depois o velho comenta para o homem gordo:

VELHO COM A CABRA: Nasceu rico, "seu" Libório, cresceu rico e fica cada vez mais rico, roubando do povo!

MORADOR GORDO: Herdou fortuna enorme do Intendente-Geral, seu pai, assassinado no Tijuco por um garimpeiro que era amante da mulher do português.

MULHER COM ROSÁRIO NA MÃO: Gente assim não presta mesmo!

120. Voltando a focalizar o homem a cavalo, câmera segue-o no percur-

se até seu empório comercial, na praça principal da cidade.

Durante o trajeto, Honório Rezende Freire só é cumprimentado por um homem, assim mesmo em resposta, só tocando de leve a aba do chapéu.

O homem é o jornalista Freitas Romano, proprietário do jornal "Tribuno do Serro", em cuja porta conversa com o redator Miro Tojal:

FREITAS ROMANO: Cabeça fria tem este homem, Miro! É duro como rocha, faz agiotagem, toma tudo de quem não paga, já tem uma brutalidade de terra na região!

MIRO TOJAL: Já limpou até o sujo das crianças! O povo, "seu" Freitas, já anda farto desse usurário!

Depois os dois jornalistas sobem dois degraus e entram na redação do semanário.

EXTERIOR - PRAÇA E EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

121. Honório Rezende Freire, o cavaleiro objeto dos generalizados comentários, homem de quase 50 anos de idade, corpulento, as feições duras e enérgicas, chega diante do sobradão da família Vieira de Carvalho, no centro do Serro Frio.

No térreo, com várias portas abrindo-se para a calçada, localiza-se o maior e mais sortido empório comercial da cidade.

Na tabuleta, em cima das portas, lê-se em tinta recente: CASA VIEIRA DE CARVALHO e, por baixo, DE HONÓRIO REZENDE FREIRE, SUCESSOR.

Honório chega, desmonta e amarra o cavalo numa das argolas que a administração colocara em frente ao empório.

Assim que apeia, o comerciante é abordado pelo sitiante João de Brito. Muito nervoso, amassando o chapéu de palha nas mãos rústicas, o sitiante lhe fala, humilde:

JOÃO DE BRITO: Sor Honório... Por favor, só uma palavrinha!...

Visivelmente aborrecido com a interrupção, Honório responde, seca-

mente:

HONÓRIO: Sim, sim! Que há, "seu" João de Brito?

JOÃO DE BRITO: É sobre aquela promissória, sor Honório...

HONÓRIO: Venceu, não é?

JOÃO DE BRITO: Sim, sor Honório... Venceu trás-anteontem... Ando com dificuldades em casa, vim pedir para o senhor espichar o prazo... É um favor que, lá em casa...

Enquanto conversam, outras pessoas, das mais modestas, também se aproximam, com lamúrias:

HOMEM MAGRO: Ah, senhor Honório, se o senhor pudesse...

NEGRO VELHO: Aquele meu caso, sor Honório, tá em vossas mãos... Agora...

HOMEM COM ROSTO ENCARQUILHADO: É o tempo que não ajuda na colheita, "seu" Honório... Assim, quem é que pode pagar seus compromissos?

O comerciante, enervado com a falação suplicante, empurra os mais próximos, buscando a entrada na loja. E retruca, rispidamente:

HONÓRIO: Chega! Ora essa! Negócio é lá no escritório! Que diabo! Venha um de cada vez!

E entra, finalmente, deixando os pedintes apalarmados. Depois de alguma indecisão, João de Brito é o primeiro a penetrar no empório. Os demais, em rodinha, ficam falando e gesticulando, entre si.

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

122. Honório Rezende Freire está no escritório, nos fundos do estabelecimento comercial. Senta-se diante de uma grande mesa de jacarandá, aborrotada de livros contábeis, papéias, cartas, títulos, faturas e toda sorte de documentos, tudo de mistura com amostras de secos e molhados.

Ao redor, e por todo o recinto, vêem-se mil coisas, como sacos, madeiras, panos, esteiras, frascos, como num pequeno almoxarifado.

João de Brito, amedrontado, aproxima-se do comerciante e fica de pé, indeciso.

Honório não o convida a sentar-se e, inamistosamente, quase com crueldade, tenta despachá-lo logo:

> HONÓRIO: Não temos mais prazo algum, "seu" João de Brito! A promissória está vencida e o jeito é pagá-la!

O sitiante, voz suplicante, insiste, procurando sensibilizar o usurário:

> JOÃO DE BRITO: A colheita, sor Honório, o senhor sabe, não deu pra nada! A gente ficou sem dinheiro!...
>
> HONÓRIO: E vai ser sempre assim! Ano que vem, a mesma coisa!

Nesse momento, vindo de uma sala ao lado, o contador da firma faz menção de colher assinaturas do patrão. Honório aproveita para despedir o devedor:

> HONÓRIO: Bem, "seu" João: dou-lhe mais 48 horas para o senhor se arranjar! Caso não, executo a hipoteca! Até quarta-feira, quero o dinheiro aqui e no contado! Passar bem, "seu" João de Brito!

O pobre coitado, torcendo o chapéu nas mãos, deixa transparecer a impossibilidade de solver o compromisso. Ainda se demora alguns segun-

dos diante do usurário, lágrimas de desespero já querendo aflorar-lhe nos olhos.

Subitamente, como a fugir dali, João se volta e caminha apressadamente para a porta de saída, enquanto Honório despacha com o contador.

EXTERIOR - SAÍDA DO EMPÓRIO - DIA

123. Ao chegar à calçada fronteira à casa comercial, João de Brito observa que a aglomeração de pessoas pobres e miseráveis, alguns mendigos andrajosos, inclusive uma mulher enrolada num resto de pano imundo, dramatiza e enfeia a paisagem.

Em contraste, carros-de-bois e um cordão de mulas de carga despejam gêneros sortidos para dentro do armazém.

A pressa e o estouvamento, naturais a negros escravos que transportam mercadorias, deixam que caiam no chão dois ou três sacos de farinha.

Rapidamente, pelo impulso da fome, precipitam-se sobre o mantimento derramado diversos populares, inclusive a mulher andrajosa, cujo olhar é de demência.

O avanço gera, naturalmente, tumulto e disputa. A mulher, inesperadamente, atira farinha para o alto e começa a gritar:

MULHER ANDRAJOSA: Apanha, gente!... Apanha a farinha que o "Barriga de Ouro" manda atirar pros seus porcos! Vosmicês não são os porcos do "Barriga"?! São não?!

Soldados surgem imediatamente e começam a dispersar os famintos com bordoadas e violência. A mulher demente, mais frenética ainda, berra aos soldados:

MULHER ANDRAJOSA: Vosmicês também não são porcos do "Barriga"?! Então, por quê batem nos outros?! Por quê, me digam?!... Tudo é porco, só o "Barriga" é Barão! Tem ouro nas tripas!...

Um soldado dá-lhe uma pancada com a lâmina do sabre. A mulher foge com o corpo e, de longe, esbraveja:

MULHER ANDRAJOSA: Dá pancada não, "seu" porco! A gente quer é comida, não quer pancada!

E desanda a rir de maneira impressionante.

124. Em nova angulação, câmera focaliza num canto da praça o jornalista Miro Tojal, do "Tribuno do Serro".

O jovem, muito alto e magro, tem barba negra e olhos argutos, mas generosos. Veste com certo apuro e é um espectador enojado de tudo aquilo.

Depois de murmurar para si mesmo, "que miséria!", sai a caminho da redação do jornal.

EXTERIOR - REDAÇÃO DO "TRIBUNO DO SERRO" - DIA

125. Miro Tojal chega ao prédio que serve de redação para o semanário. À porta, preparando-se para sair, o proprietário e temido panfletário de tendência republicana, Freitas Romano, a quem relata:

MIRO TOJAL: Pois é, professor, acabo de presenciar outro tumulto diante do armazém do Honório. E, como sempre, a soldadesca espanca os famintos!...

FREITAS ROMANO: Escreva, Miro, escreva logo coisa dura, veemente! Desanca o "Barriga de Ouro", a Polícia, desanca o Governo e o Imperador!

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 14

EXTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - NOITE

126. Depois de focalizar a fachada do empório de Honório, a praça vazia e as portas fechadas, protegidas por três soldados, câmera recua, em

Trav. e, simultaneamente, faz Pan.B-A, até enquadrar, em P.M., a parte superior do sobrado, com as janelas do salão abertas para os balcões.

Pelas janelas, fachos de luz de velas projetam-se no escuro da noite, denunciando festa, ou recepção, da rica família de Honório Rezende Freire.

SOM - Ecos de vozes, tinir de copos, ruídos de festa, esmaecidos pela distância.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - NOITE

127. No salão principal do solar, Honório preside elegante reunião de amigos. Ali conversam e bebericam umas quinze pessoas.

Além de Honório e sua mulher, Ernestina, outro centro de atenções gerais é o Barão de Cantuária, sessentão, cheio de empáfia, vestido com austeridade exagerada.

O Barão belisca uma guloseima qualquer. Depois, como se representasse para uma platéia em respeitoso silêncio de espera, toma um cálice de pé, da Boêmia, apoiado numa mesinha ao lado de sua poltrona.

Toma-o e o revira contra a luz, para apreciar a tonalidade da bebida, sorve um gole, que faz bochechar na boca por algum tempo e, por fim, deita falação:

BARÃO DE CANTUÁRIA: Estou informado de que Suas Majestades, Dom Pedro e a Imperatriz, estão a ponto de visitar-nos. Sempre alguma coisa de bom nos trarão esses ânimos exaltados de federalistas e republicanos! Esta corja!

Deixando parte da fala do Barão em off, câmera circula pela sala e vai focalizar outros convidados, até estacionar diante da gorda mulher de Honório, a senhora Ernestina de Melo Leitão Freire.

Estrategicamente sentada junto à grande mesa do centro, Ernestina não pára de devorar doces e guloseimas. Come de tudo, sem escolha, com

incrível avidez, reveladora de compulsiva e incurável neurose.

Convidados próximos da gorda senhora, inclusive uma mulher magra e ossuda, portadora de grande cópia de jóias e penduricalhos, observam Ernestina, discretamente, com malícia dissimulada.

Indiferente a tudo, Ernestina, contudo, continua sua voraz mastigação, canalizando para o estômago doces, bonbons e salgadinhos de toda espécie.

Um dos visitantes, amigo íntimo do dono-da-casa - Sebastião de Figueiredo Mendonça - está sentado ao lado de Luiza, sua linda e deleitável mulher, cujo decote, vez por outra, atrai os olhares cobiçosos de Honório, do Barão e de outros convidados.

De fato, o decote de Luiza é arrojado mesmo para a época, e escancara para a gula alheia um colo alabastrino, de estupenda beleza, apreciado inquietamente pelos homens.

Mendonça, o marido e proprietário do tesouro carnal, tem voz fanhosa e bajulatória, quando se dirige ao Barão, aproveitando-se do instante em que o aristocrata bochecha novamente o licor importado da França:

MENDONCA: De fato, senhor Barão de Cantuária, de fato! Vossa Excelência tem muita razão! Os ânimos andam cada vez mais exaltados!...

Deixando-o falar, em off, câmera prossegue o passeio documental, passando muito perto de Luiza, que namora, com olhos sensuais, o rico dono da casa, seu amante, e, em seguida, indo mostrar o olhar beatífico de Padre Teófilo, pároco da cidade, curvado em seus quase oitenta anos.

Enquanto isto, fanhosamente, Mendonça continua:

MENDONÇA (voz off): Pelo menos, cá na terra. E por quê? Porque atiçados pela irresponsabilidade da pregação republicana, desse mequetrefe que se chama Freitas Romano!

Ao pronunciar o nome do famoso jornalista, ouve-se na sala um co-

lérico "tipo à-toa"! não identificado, mas que não interrompe a arenga do marido de Luiza:

MENDONÇA (continuando, em off): ... e seu jornaleco sujo que eu, por artes do demo, não entendo como ainda circula por aí!

128. P.P. do Barão de Cantuária, que não gostou da interferência do Mendonça, só para desancar seu inimigo, o jornalista, e que retoma a palavra, meio irritado:

BARÃO DE CANTUÁRIA: Deixa para lá o jornaleco, senhor Mendonça! Essas balelas de província não têm eco nem alí na esquina! Grave, mesmo, esteja certo, é a oposição canalha da Câmara ao Ministério do Paranaguá, agora organizado! É isso!

Câmera recua, em Trav. abrindo o quadro até P.A.L.

Terminando a fala, o Barão volta ao cálice para novo gole e novo bochecho.

Ao lado do Barão, Padre Teófilo solta um pigarro de impaciência, sinal infalível de que vai falar. E pergunta:

PADRE TEÓFILO: E é certo, senhor Barão, que o Imperador virá com Dona Amélia e seus ministros? Não é uma imprudência?...

O Barão escuta o reverendo com grande atenção. Não nas palavras do sacerdote, mas na farpa de madeira que destaca de um palito, com o qual, logo, começa a coçar um dos ouvidos.

Por fim, com uma careta de satisfação pelo ouvido bem coçado, concorda, benevolente:

BARÃO DE CANTUÁRIA: Mais do que uma imprudência, Padre Teófilo! Uma temeridade!

Durante toda a seqüência da recepção, câmera, com pequenos "flashes" registra flagrantes de convidados comendo, conversando, rindo, coçando, gesticulando, em movimentação própria às reuniões da época. E focaliza homens tomando rapé; senhoras abanando-se freneticamente com grandes leques; escravos e mucamas trazendo guloseimas, abocanhando, às escondidas, doces e salgadinhos.

INTERIOR - REDAÇÃO DO "TRIBUNO DO SERRO - NOITE

129. Na redação do "Tribuno do Serro", à mesma hora, câmera documenta as características da época de uma empresa jornalística, com caixilhos e tipos soltos, espalhados pelas bancas de montagem; pinças, martelos de madeira para aplainarem os blocos de notícias já compostos, fortemente amarrados com barbantes; latas de tinta ainda importada da Inglaterra; flanelas sujas; prensas e tudo o mais. E vai fixar, em Trav., o proprietário e redator-chefe, Freitas Romano, rodeado pelos companheiros de jornal, inclusive Miro Tojal, lendo o artigo de fundo que escreveu para o próximo número:

FREITAS ROMANO (lendo): "A fome continua a oprimir-nos, e a cessação das chuvas faz com que este flagelo nos seja inteiramente insuportável. Não vemos mais o que se deva fazer para que o povo não seja vítima de um mal que a todos ameaça. Mal, inclusive, agravado pela ganância e cupidez de alguns comerciantes..."

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - NOITE

130. De volta ao salão de festas da residência de Honório Rezende Freire, câmera focaliza-o em P.P., copo de vinho à mão, que bebe com evidente prazer, já ligeiramente embriagado.

Na trilha sonora, em off, ouve-se o final da leitura do artigo de Freitas Romano:

FREITAS ROMANO (voz off) ..." que ficam

FREITAS ROMANO (voz off - continuando):
"... cada vez mais ricos, enquanto o povo se empobrece cada vez mais!"

131. Terminada a leitura do jornalista, voltam a ouvir-se os ruídos ambientais da recepção, enquanto a câmera, em Trav-Circular, afasta-se de Honório, passa pelo sacerdote e vai enquadrar Dona Ernestina em P.A.

A volumosa senhora, sempre mastigando, apanha um novo doce de um prato, na mesa central, e começa a devorá-lo com sofreguidão.

Apesar da mastigação ininterrupta, consegue falar, aproveitando o súbito silêncio que se faz na sala:

ERNESTINA: Em vez de plantar, de cuidar da roça, de trabalhar direito, essa gente sai por aí procurando ouro e pedras, como se essas coisas andassem aos ponta-pés...

Câmera prossegue o Trav-Circular e vai enquadrar, em P.M, parte do salão e alguns participantes da reunião, favorecendo o Barão, Mendonça, Luiza, Padre Teófilo e Honório.

Durante o Trav., a gorda e gulosa senhora continua, exaltada:

ERNESTINA: Como não encontram pedra nenhuma, pois as minas estão esgotadas, e só deixaram buracos, ficam reclamando, perambulando pelas ruas, pedindo esmolas e dinheiro emprestado...

Aproveitando a "deixa", Honório interrompe depressa mulher, completando:

HONÓRIO: Que depois não pagam!

Ernestina, terminado o parêntese do marido, que aproveitou para mastigar depressa um pudim, ainda acrescenta:

ERNESTINA: Ficam rezando novenas e comendo

feijão velho... Bem feito! São uns vagabundos, e agora pagam a culpa!

Satisfeita com o desabafo, Ernestina abocanha outra iguaria, enquanto o marido pondera, copo de vinho à mão:

HONÓRIO: É o que sempre digo: quem não planta, não colhe; quem não colhe, não come!

132. P.P.de Padre Teófilo, grave, opinando com dignidade os acontecimentos sociais, levando Honório a uma posição circunspecta e posada:

PADRE TEÓFILO: Peço sempre a Deus pela paz e bem-estar de nossa pobre gente. Esse é o dever de um bom pastor. Hoje, na verdade, com a quebra da exploração das minas, até então fartas em sua produção, a situação é grave, muito grave, amigos! Até pão já falta nas padarias!

133. P.P. de Honório Rezende Freite.

O comerciante, que bebia, retira depressa o copo da boca e declara, com empáfia e orgulho:

HONÓRIO: Nas minhas padarias não falta pão, padre Teófilo! Eu, graças a Deus, sempre tive os pés no chão, as mãos na burra e a cabeça em cima do pescoço!

134, Depois de focalizar Padre Teófilo em P.P., câmera recua, em Trav., até P.G. do salão e de todos os convidados.

Enquanto isto, o sacerdote estará dizendo:

PADRE TEÓFILO: O que ainda resta, no coração desses infelizes, é o ouro da bondade, da paciência e da resignação cristã.

PADRE TEÓFILO (continuando): Mas paciência e resignação, senhores, podem chegar ao fim, substituídas pela revolta! Muito cuidado, senhores, muito cuidado!

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 15

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

135. Sentada à mesa da sala de jantar, Ernestina delicia-se com doces, confeitos, bolos, pés-de-moleque, queijos, suspiros e o mais, dispostos sobre a rica toalha bordada, que recobre a grande e bonita mesa, também fabricada, no Tijuco, por Simeão Pedroso.

Da cozinha chega uma negra trazendo café com leite e outras variedades de queijos e quitandas. A escrava e, principalmente, as guloseimas, são seguidas com avidez pela gulosa senhora, cada vez mais gorda.

A escrava sai e câmera segue-a, em Trav., até a sala de visitas.

Nela, sentados num conjunto de estar, Honório Rezende Freire e seu amigo Sebastião de Figueiredo Mendonça conversam, bebendo café.

136. P.P. dos dois amigos, dialogando em voz mais baixa, confidencialmente:

MENDONÇA: Sabe, Honório? Sim... você sabe: os tempos andam bicudos, mesmo para nós. Não queria falar-lhe, agora, em dinheiro. É desagradável. Acontece que não posso entrar, já, com aquela importância. Falo porquê, afinal, somos amigos.

Câmera se movimenta, em Trav-Circular e, modificando a angulação, deixa Honório de frente, em P.P., com Mendonça em 3/4 de perfil, mais para a esquerda do quadro.

Mendonça, meio constrangido, ainda diz:

MENDONÇA: Talvez necessite até de um pouco mais, compreende? Digamos, um arredondamento... Que me diz?

Baixando mais ainda o tom de voz, para evitar que a mulher o escute, H$_o$nório responde ao amigo:

HONÓRIO: Não se preocupe, compadre. Sobre isso, não tenha cuidados. Posso esperar por mais algum tempo. Quanto ao arredondamento... Bem, hei-de estudar o assunto. Afinal, somos ou não somos compadres?

De novo se movimentando nos trilhos circulares, câmera parte para o contra-campo dos dois personagens: Mendonça fica de frente, em P.P., enquanto Honório se enquadra em 3/4 de perfil.

Mendonça, com a alma lavada pela anuência do comerciante, aproxima mais a cadeira e fala quase ao ouvido de Honório, com o sorriso a disfarçar o cinismo.

MENDONÇA: Outro dia, Honório, a Luiza lembrou: "se estás apertado, se precisas de mais algum dinheiro, por quê não recorres ao compadre?"... Tem graça, não?

137. P.P.P. de Honório, os olhos repentinamente rútilos, a voz impregnada de sensualidade, dizendo:

HONÓRIO: É isso mesmo, Mendonça. A Luizinha sabe que pode contar sempre comigo...

138. P.M. da sala, com o foco nos dois interlocutores.

Mendonça, subserviente e feliz, levanta-se e, pessoalmente vai servir-se de bebida, demonstrando intimidade e desenvoltura. Enche dois cálices com licor e volta para junto do comerciante, dizendo:

MENDONÇA: Sabes viver bem, hein, H$_o$nório?

MENDONÇA (continuando): Isto é do melhor, é do fino! Nem em Paris se bebe assim!...

Câmera inicia lento Trav-Avante, aproximando-se dos dois. Enquanto isto, Honório estará dizendo:

HONÓRIO: Olha, Mendonça, falando-se em amizade, vou precisar de um favorzinho seu...

MENDONÇA: E haverá favor para o compadre?... O que me pedir é ordem, ora essa!

A essa altura, câmera estará enquadrando o comerciante em P.P.P. Honório, baixando mais ainda o tom de voz, então explica:

HONÓRIO: Coisa à-toa, Mendonça. Como não posso, neste instante, me ausentar do Serro Frio, gostaria que você fosse resolver um negócio para mim, em Vila Rica. Será possível?...

MENDONÇA (voz off): Sem dúvida, compadre, sem dúvida! Terei nisso o maior prazer!

HONÓRIO: Ótimo, ótimo! E não te preocupes que aquelas coisas de que falávamos hão de esperar o tempo que for...

139. P.A. de Honório e Mendonça, sorvendo o licor, meio assustados com o grito que, da sala contígua, dona Ernestina emite, chamando uma escrava-mucama:

ERNESTINA (voz off): Mindinha! Anda cá, peste! E meu pudim?! Por quê não trazes meu pudim?!

EXTERIOR - CASA DE MENDONÇA - NOITE

140. Meio escondido num comprido capote escuro, chapéu de feltro enterrado na cabeça, Honório Rezende Freire, espreitando por todos os lados, chega ao portão florido da bonita residência de Sebastião de Figueiredo Mendonça.

Ainda que o local seja discreto, Honório abre o portão com mil cuidados e atravessa o pequeno jardim meio apressadamente.

Nesse instante, como previamente combinado, abre-se a porta de entrada e surge, sorridente e linda em seu vestido simples, Luiza, que o convida a entrar, calma nos gestos e postura, apenas fixando seus olhos sensuais no rosto afogueado do comerciante.

Mais com as mãos, do que com a voz, vai dizendo, charmosamente:

LUIZA: Vamos entrando, compadre... Uai! A casa é sua!... Por favor...

Honório se embaraça um pouco, ansioso pela posse tão desejada:

HONÓRIO: Boa noite, Luizinha... Ah! Sim... Como vai passando, minha... minha lindeza?...

Antes que a porta se feche, câmera ainda revela os dois, já quase abraçados, pouco nítidos no interior escuro.

Depois, fechada a porta, sempre enquadrada pela objetiva, ainda se ouve Honório dizer, muito excitado:

HONÓRIO (voz off): Luizinha... você está linda!...

Misturando-se com os ruídos da noite, ainda se ouve uma risada alegre e divertida de Luiza.

ESCURECIMENTO

SEQUÊNCIA 16

EXTERIOR - RUAS DO SERRO FRIO - DIA

141. A nova seqüência começa com o clareamento da imagem de um escravo, uma fita vermelha no braço, sinal de que está à venda por seu dono, e que mercadeja coisas da roça numa rua do Serro Frio.

Em seguida, através de "flashes" colhidos em ruas, praças e vielas da cidade, a seqüência prossegue, documentando a vida popular, com flagrantes característicos da época:

1)- negros-do-ganho, agachados no chão, jogando aiú, à espera de biscates;

2)- mendigos conversando numa porta, estendendo a mão a cada passante;

3)- negras lavadeiras passando com trouxas de roupa e bacias na cabeça;

4)- caminhantes em ladeiras e rampas, subindo e descendo;

5)- gente do povo conversando na porta de um biongo, com agitação inusitada.

Câmera, versátil, minudente, registra o clima de agitação e revolta que domina a cidade e seus moradores.

A certa altura, circulando pelas ruas, câmera focaliza um grupo que, numa calçada, ouve um popular lendo em voz alta matéria do "Tribuno do Serro":

> UM POPULAR (lendo): "Para avaliar-se o extremo da miséria pública, basta dizer que, todos os dias, uma guarda de permanentes é destacada para proteger as padarias e empórios de Honório Rezende Freire, a fim de conter o povo que, forçado pela fome, parece disposto a romper os diques da moderação e do sofrimento".

Outro popular, também no grupo, comenta, raivoso:

OUTRO POPULAR: É isto mesmo, minha gente! Afinal, o povo cansa!...

Um senhor, de monóculo e colete, também interfere, posudo:

HOMEM DE MONÓCULO: Haja em vista o que, por muito menos, aconteceu na Corte: por causa do aumento do preço nos transportes, o povo, com justa ira, fez a Revolta do Vintém! É a loucura dos preços!...

Duas outras pessoas, de aparência muito pobre, destacam-se do grupo e exclamam, revoltadas:

VELHO MAGRO (mostrando um saco vazio): Vejam! Ninguém pode comprar mais nada! Não é que falte... O empório do "Barriga de Ouro" está abarrotado!

Sacode no ar o saco vazio e volta a dizer, rancoroso:

VELHO MAGRO: O que falta é dinheiro!...

OUTRO HOMEM POBRE: Dinheiro e vergonha! Mas quando o povo explode, gente, é pior do que ar comprimido!...

MULHER DE MEIA-IDADE: Vejam a que ponto nós chegamos! É o fim do mundo! Me digam: quem sabe aonde vamos parar?!

De repente, como se fosse pré-combinado, o grupo começa a se deslocar, na direção do larguinho onde se localiza o principal empório de Honório Rezende Freire.

Câmera registra o deslocamento dos populares, aqui e ali acrescidos de outros moradores, inconformados com a situação de penúria que contagia a cidade.

EXTERIOR - PRAÇA E RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

142. De um ponto elevado, câmera enquadra o larguinho onde se localiza a casa comercial de Honório Rezende Freire, pouco a pouco invadida pela multidão de insatisfeitos. No enquadramento vê-se o pequeno destacamento policial que protege o empório.

143. Já em nível normal, câmera focaliza o grupo que, no plano anterior, foi o estopim da revolta popular contra o comerciante implacável.

Homens e mulheres, com a predominância de pobres e miseráveis, aproximam-se do empório, gesticulando muito, falando alto, mostrando a indisfarçável disposição de reagir.

Avançando em Trav, no meio da crescente multidão, câmera aproxima-se do empório e mostra três, ou quatro, guardas armados e atentos ao movimento popular, comentando entre si:

1º SOLDADO: Não estou gostando nada disso aqui, Tourinho! Povo ajuntado na raiva não é brincadeira! Não é melhor pedir reforço?

2º SOLDADO: Carece não, sô! Dou um tiro para o alto e a cambada sai correndo como coelho!...

3º SOLDADO: Gente, não é assim não! Afinal, também nós somos povo, nossas famílias também estão padecendo!

1º SOLDADO: Bem pensado, é isto mesmo! Ouviu o que o Quinzinho disse, Tourinho?

2º SOLDADO: O que eu não quero é baderna! Cumpro ordens! Se precisar, atiro mesmo!

144. De outro ângulo, câmera focaliza a multidão, sempre crescente, favorecendo, no meio dela, o sitiante João de Brito, que vai juntar-se aos populares raivosos.

João de Brito, barba por fazer, mostra feições ferozes, disposto a tudo, insuflando o povaréu:

JOÃO DE BRITO: Este homem é um explorador

JOÃO DE BRITO (continuando): ... do povo! Usurário e ladrão, responsável por essa miséria!

MULHER MAGRA E FEIA: A mulher dele, gorda que nem pipa, come o dia inteiro! E ainda bate na cozinheira! Porcalhona!

145. P.P. de outro popular, faminto e esfarrapado, que faz um verdadeiro comício, berrando como alucinado:

POPULAR FAMINTO: Ladrão do povo, agiota e miserável! Roubou a terra de meu pai, me jogou na miséria, o cachorro! Merece castigo, minha gente! Pau no lombo dele!

146. P.M. de parte da praça, enfatizando a figura raivosa do João de Brito que, estimulado pela onda crescente de revolta, ergue a voz e faz um discurso colérico e inflamado:

JOÃO DE BRITO: Esse ladrão compra safra por dez réis de mel coado! Depois, com desculpa de ajudar, força um empréstimo com juros escorchantes, e acaba tomando nossa terra! Vejam o Henriquinho, que perdeu tudo, e hoje passa fome!

147. Circulando pela praça, câmera vai focalizar, num canto, procurando se confundir com a multidão, o Sebastião de Figueiredo Mendonça, com um chapelão para disfarçar.

Também ele, amigo e compadre de Honório, começa a insuflar a turba, dizendo alto, para quem quiser ouvir:

MENDONÇA: O que esse homem esconde de víveres daria para alimentar um exército! Quarda alimento para especular, forçar o preço, ganhar mais!

Quando percebe a proximidade de duas mulheres, Mendonça fala mais baixo, mas de modo a ser ouvido por elas, voltado para um cidadão próximo:

MENDONÇA: E é sabido que o Honório é useiro e vezeiro em abusar de senhoras casadas que lhe caem na unha!... Um prevaricador!

Em volta dele a multidão se torna mais compacta, agitada e raivosa.

Mendonça aumenta o timbre da voz e vocifera, pouco se importando que o identifiquem:

MENDONÇA: Esse homem merece castigo!

Aponta para o sobrado e, enfaticamente, perora com raiva:

MENDONÇA: Merece um bom saque em seus haveres! Melhor dizendo: em nossos haveres! Afinal, a gente busca o que nos pertence!

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

148. No interior do sobrado, no pavimento superior, câmera focaliza Dona Ernestina em seu quarto de dormir, que fica no meio de um corredor.

Está estendida numa cama rústica de casal, com uma tábua servindo de cabeceira, já que recusara, peremptoriamente, usar o belíssimo leito Maria I, fabricado por Simeão Pedroso.

Também no quarto, como em toda a casa, há mesas e consoles repletos de doces, compotas, bolos e guloseimas, que ela devora com apetite feroz.

Indiferente ao tumulto que, de fora, lhe chega pela janela, continua a mastigação voraz, recostada num almofadão amarfanhado e sujo.

A certa altura, vendo chegar a Mindinha, lépida e fagueira, as mãos vazias, grita, zangada:

ERNESTINA: Ah, Mindinha, negra safada! Vai ver anda comendo meus doces! Vamos, vamos,

ERNESTINA (continuando)... sua peste, pegue debaixo da cama minha goiabada-cascão!

A mucama ajoelha-se no chão, deixando ver parte das nádegas escuras, e mete a cabeça debaixo da cama, procurando a goiabada. Até que exclama, com voz fina:

MINDINHA: Ih, Dona Ernestina, tou achando não!

ERNESTINA: Está aí sim, cabrita preta! Procure, que está aí!

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

149. No interior da casa comercial, portas cerradas, Honório mostra grande preocupação com o vozerio que chega de fora.

Entre empregados, escravos e alguns fregueses apanhados de surpresa, anda muito assustado, de lá para cá.

Até que, nervoso, muito impaciente, chama o contador e ordena:

HONÓRIO: Ô Gumercindo: dê um pulo à casa d'armas e pede ao furriel para providenciar mais guardas armados! Bem armados!

Um dos fregueses, quase em pânico, interfere, para sugerir:

FREGUÊS AFOBADO: Por quê não manda chamar o Padre Teófilo, "seu" Honório? Está velho, mas impõe respeito ao povo tão encapelado...

EXTERIOR - PRAÇA E RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

150. Do lado externo, com a praça quase tomada pela multidão, câmera focaliza o contador, Gumercindo, já de chapéu na cabeça, saindo com grande dificuldade do empório, por uma fresta da porta, enquanto os soldados lhe garantem a manobra.

A fresta é fechada a custo, de dentro, por empregados e escravos, que empurram pernas e braços para fora, afastando os que já fazem menção de invadir o estabelecimento.

Depois da difícil saída de Gumercindo, a multidão mais assanhada está prestes a invadir o armazém.

Muitos já esmurram e sacodem as portas fechadas.

No meio dos mais revoltados e agressivos, João de Brito brada, como possesso:

JOÃO DE BRITO: Mãos à obra, pessoal! Vamos arrombar este troço, apanhar a comida que o canalha roubou!

E ele mesmo dá o exemplo, esmurrando uma das portas.

Imediatamente, segue-se um movimento de massa, no turbilhão de gritos, exclamações e palavras soltas, de incitamento e revolta:

VOZES GRITANDO: Vamos! Arrebenta! Ao ataque! Quebra tudo! Pau nele, meu povo! Mata! Esfola o bicho!!!

A massa humana, sobrepujando a guarda de permanentes, esmurra e aplica fortes pontapés nas portas do empório, aos gritos e vociferações.

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

151. Dentro, nervosíssimo, Honório manda - e ele mesmo ajuda - reforçar as trancas das portas.

SOM - De fora chegam, como uma maré sonora, gritos e ruídos da multidão esmurrando as portas.

EXTERIOR - PRAÇA E RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

152. Na praça, armas embaladas, os soldados pedem, seu muito empenho, calma à multidão enfurecida:

1º SOLDADO: Calma, calma, minha gente! Por favor, sem calma não se faz nada!

2º SOLDADO: Vamos, vamos para casa! Assim não se resolve nada!

3º SOLDADO: Violência não adianta, pessoal!

As portas do empório começam a ceder. Uma, já se despregou da dobradiça. Alguns ainda gritam:

UM POPULAR (brandindo um pau): Ladrão, cadê nossa comida?!

OUTRO POPULAR: Coragem, meu povo! Vamos arrebentar a bodega!

UM NEGRO: Apareça, cachorro! Apareça, "Barriga de Ouro", quero furar tuas tripas!

Uma mulher debate-se para se colocar entre os primeiros invasores, e grita:

MULHER DO POVO: Estamos com fome! Nossas crianças precisam comer!

O soldado Tourinho aponta o fuzil para o alto e atira. Mas a multidão não recua e, de repente, as portas escancaradas, invade o armazém, levando tudo de roldão.

INTERIOR - EMPÓRIO DE HONÓRIO - DIA

153. Câmera, com agilidade, documenta o início do formidável saque, captando-lhe os melhores flagrantes.

Homens enfurecidos sobem em mesas e balcões, deitam prateleiras por terra, derramam tudo e espalham mantimentos pelo chão.

Outros, desatinados, arrebentam o gargalo de garrafas e frascos de perfume, ou água-de-Colônia, despejando o líquido sobre as próprias cabeças.

Um popular, rindo-se de bêbado, tenta enfiar sobre o sapato uma meia de mulher. Outros arregimentam sacos e sacos de gêneros alimentícios. Tudo é praticamente destruído e roubado.

Alguns dos invasores, já satisfeitos com a carga, começam a se retirar, enquanto outros, com porretes e outras armas agressivas, se limitam a quebrar tudo o que encontram pela frente.

Pelas portas arrombadas, entram novas ondas de gente, indo ocupar o lugar dos que, de alguma maneira, já estão satisfeitos, carregando para fora o seu saque.

EXTERIOR - PRAÇA E RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

154. Diante do empório, ao pé da porta que, pela escadaria, leva ao pavimento superior, o sitiante João de Brito instiga o povo remanescente da invasão:

JOÃO DE BRITO: Vamos lá em cima, onde mora o "Barriga de Ouro"! É lá que ele guarda ouro, jóias e dinheiro!

Ele próprio dá o exemplo, dando um formidável pontapé na porta fechada. Outros populares, imediatamente, vêm ajudá-lo a arrombar a porta de entrada. Em poucos minutos ela cede, com grande estrépito.

Dezenas de populares começam a subir a escadaria, numa incrível balbúrdia.

No meio deles, João de Brito, triunfante, subindo aos trombolhões, pede calma:

JOÃO DE BRITO: Calma, calma, que dá para todos!

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

155. Instalada em posição estratégica, num canto da grande sala de jantar, câmera enquadra quase todo o recinto, enfatizando a grande mesa de refeições, junto à qual, assustadíssima, dona Ernestina hesita entre fugir, ou comer mais uma brevidade.

De súbito, causando-lhe susto e pavor, avista a multidão que, pela escada, desemboca na sala, como um tropel de animais em estouro.

Dona Ernestina, segundo rap uma iguaria, põe-se de pé e grita:

ERNESTINA: Mas o que é isto, Santo Deus?! Que loucura!...

A turba, acumulando-se à entrada do salão, fica momentaneamente em silêncio, meio intimidada pelo luxo austero do recinto e a assustadora obesidade da senhora.

156. Câmera, como ponto-de-vista da multidão, mostra a sala, em P.G.: a mesa, local predileto da gula pantagruélica da mulher de Honório, repleta de doces e guloseimas; o guarda-louça e outros móveis fabricados por Mestre Simeão Pedroso, no Arraial do Tijuco.

Por toda parte, dentro e fora dos móveis, vêem-se iguarias, doces, biscoitos, bolos, tortas, queijos, brevidades, suspiros, compotas, numa variedade e quantidade incríveis.

Repentinamente, quebrando o silêncio momentâneo que se fizera, ouve-se, off, a voz de João de Brito, no comando da invasão:

JOÃO DE BRITO (voz off):Comida, minha gente! Aqui há comida para todos!

Compreendendo, finalmente, o que se passa, Ernestina avança sobre a multidão, tentando proteger o seu tesouro:

ERNESTINA: Fora, fora, canalha! Esta é casa de respeito! Vamos, fora, fora, baderneiros!

157. De outro ângulo, câmera registra a cena inacreditável que, subitamente, faz da sala de jantar um verdadeiro pandemônio: a multidão, excitada pela visão apetitosa das iguarias, avança, frenética, para devorar os doces e guloseimas de dona Ernestina, iniciando uma luta patética com a obesa senhora, que procura defender, com unhas e dentes, o que mais ama na vida.

E o faz aos gritos, empurrões, tapas e até mordidas nos mais próximos de sua fúria:

ERNESTINA: Sai, peste do diabo! Largue meu pudim, morto de fome! Largue o bolo, demônio dos infernos! Sai, mequetrefe, filho de uma vaca! Fora, pé-de-chumbo fedorento!

A batalha explode, tragicômica, entre a fome e a gula: de um lado, movida pela fome e a revolta, a turba enfurecida; de outro, a histérica luta da comilona, protegendo aos tapas, empurrões e socos suas compotas, doces e quitutes.

No aceso da disputa, pratos de doces, sopas, caldos e compotas espatifam-se no chão, enquanto Ernestina, exausta, quase sem voz, começa a cuspir nos invasores.

Em meio ao enorme tumulto, ecoam gritos, imprecações e insultos de parte a parte:

INVASORES: Pipa! Barril de sebo! Gorducha! Vai estourar de tanto comer! Dá pra nós também, comilona! Tem gente que passa fome, e a senhora arrebenta de tanto comer! Come, bruxa, que o dinheiro é nosso! Tudo isto foi roubado por seu marido!

ERNESTINA: Cachorro! Miserável! Fora, fora, rato de dispensa! Vá catar lixo, piolhento! Fora, cachorrada, fora baderneiros, saqueadores!

158. Câmera, de outro ângulo, focaliza a porta de entrada, pela qual, inesperadamente, surge a figura furiosa de Honório Rezende Freire.

Ao avistar a turba enlouquecida e o enorme tumulto que provoca em sua casa, o comerciante saca do bolso uma garrucha e, por sua vez, berra à multidão:

HONÓRIO: Fora, fora, miseráveis! Fora de minha casa, cachorros!!!

A chegada do comerciante, sua figura colérica e, principalmente, a arma que lhes aponta, intimidam momentaneamente os invasores, que se calam, atônitos, indecisos.

Disso se aproveita dona Ernestina que, quase correndo, deixa a sala, murmurando, muito assustada:

ERNESTINA: Maria Eugênia, minha Nossa Senhora! Maria Eugênia, minha filhinha, minha filhinha!

Logo em seguida, surgindo do meio da turba, ainda em silêncio, o sitiante João de Brito avança alguns passos na direção de Honório e, desafiante, grita ao homem que o levara à ruína:

JOÃO DE BRITO: Cachorro é você, "Barriga de Ouro"! Cachorro e ladrão!!!

E avança, raivoso, contra o comerciante.

Honório puxa, então, o gatilho da arma, com a maior firmeza. O tiro, que abre uma rosa de sangue no peito do sitiante, não chega a intimidar os outros que, temendo novos disparos, deixam João de Brito caído numa cadeira e, com paus, porretes, barras de ferro, facas, garfos e pedaços de móveis, pulam sobre Honório, desarmam-no e começam a espancá-lo violentamente.

Câmera se locomove no meio do linchamento e registra o esforço que Honório, homem muito forte, faz para livrar-se dos golpes, ele próprio também esmurrando caras, ferindo uns e outros.

159. De outro ângulo, câmera focaliza parte da cena violenta e, ao fundo, a figura de dona Ernestina, a filha ao colo, que observa apavorada o linchamento do marido e sai correndo na direção da escadaria, gritando:

ERNESTINA: Deus do céu! Socorro! Socorro!

EXTERIOR - EMPÓRIO E RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

160. Instalada na praça e fixando, em P.G., a casa comercial de Honório, praticamente destruída pelo formidável saque popular, câmera registra a dramática saída de dona Ernestina, a roupa rasgada e trazendo vestígios da luta com os invasores.

Com a filha no colo, chorando muito e, como a mãe, aterrorizada, Ernestina corre na direção da objetiva e, a certa altura, volta a gritar:

ERNESTINA: Socorro, socorro! Estão matando meu marido!

Ninguém, contudo, parece preocupar-se com os apelos da gorda senhora que, seguida pela câmera em panorâmica, desaparece numa esquina.

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

161. No pavimento superior do sobradão, Honório, muito ferido e sangrando, ainda tenta livrar-se da ira popular, correndo de um lado para outro, esbravejando, desferindo socos e pontapés nos agressores.

Quando, momentaneamente, consegue livrar-se de sua fúria, sai correndo pelo corredor e vai refugiar-se no último quarto, nos fundos, trancando-se por dentro.

Mas os invasores correm a seu encalço, furiosos, encontrando fechada a porta, que começam a esmurrar, gritando raivosamente:

INVASORES: Abra a porta, ladrão! Vai pagar pela morte do João de Brito! Covarde! Assassino, miserável!!!

162. Deslocando-se para dentro do quarto e desvendando-lhe o interior, câmera faz a surpreendente revelação: nele, um cômodo espaçoso, com duas janelas hermeticamente fechadas, encontra-se armado o belíssimo leito Maria I, fabricado pelo filho do Fiscal Pedroso de Almeida, ocupado, em toda a extensão, por sacos de farinha, arroz, feijão, milho e outros gêneros alimentícios.

Os sacos, grandes e pequenos, também são vistos empilhados por

toda parte, sobre cadeiras, mesas, no chão, ou recostados nas paredes, subindo até perto do teto.

Percebendo que a porta, em pouco tempo, seria arrombada, Honório, movido pelo instinto de sobrevivência, e tirando de si mesmo as últimas forças vitais, apanha os pesados sacos de alimentos, colocados sobre a cama, e vai recostá-los na porta, tentando reforçá-la.

Pouco a pouco o velho leito vai sendo despojado dos volumes, deixando ver, novamente, sua beleza inimitável.

Mas os golpes dos invasores crescem de intensidade e Honório compreende que a porta não resistirá por muito tempo, pois até machados e marretas estão sendo utilizados.

Com o pavor nos olhos, murmurando palavras e expressões ininteligíveis, a roupa em frangalhos, encharcada de sangue, o infeliz não sabe o que fazer e percorre com os olhos esgazeados todo o recinto.

SOM - Ruídos fortíssimos de golpes e pancadas na porta.

Honório, como última e desesperada tentativa, corre às janelas e tenta abri-las. Mas nada consegue, pois estão fechadas com vigas e pregos.

É quando, estremecendo de medo e pavor, avista a porta que tomba estrepitosamente por terra, despedaçada.

A turba, furiosa, levada à loucura, arrebenta com facas e machados os sacos que lhe dificultam a entrada no quarto e, pisando em farinha, milho, feijão e arroz, investe contra o comerciante, que ainda tenta defender-se, mas, pouco a pouco, se entrega, exangue, à sua fúria.

Moído de pancadas, o crâneo arrebentado, esfaqueado por todo o corpo, Honório tomba semi-morto no leito, livre, finalmente, de seus algozes, que vão deixando o quarto carregando os sacos de gêneros alimentícios.

Honório, nos estertores da morte, abandonado no quarto, ainda luta pela vida e, com esforço inútil e sobrehumano, tenta reerguer-se. Mas não o consegue e, de novo, tomba pesadamente na cama, o rosto apavorado voltado para a cabeceira de talha admirável.

Depois morre.

Câmera, em rápido Trav-Atrás, afasta-se do quarto fatídico, recua pelo corredor, atravessa as salas de jantar e de visitas, documentando os restos da batalha sangrenta e feroz que sediaram, e alcança, finalmente, um dos alpendres que se abrem para a praça.

EXTERIOR - BALCÃO DA RESIDÊNCIA DE HONÓRIO - DIA

163. Do balcão, em enquadramento de "contre-plongée", câmera focaliza, em P.G., a praça do empório e residência de Honório Rezende Freire.

Por ela transitam os últimos invasores, muitos dos quais carregando mercadorias e objetos furtados.

A praça, pouco a pouco, vai ficando deserta.

No chão e nas calçadas, como troféus da miséria, vêem-se restos e detritos do saque formidável.

Um grande silêncio cobre toda a cidade.

SOM - Rompendo o silêncio, sobe, na trilha sonora, o dobrar melancólico do sino de uma igreja.

FADE- OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 17

EXTERIOR - RUA E IGREJA DE SANTO ANTÔNIO - TIRADENTES - DIA

164. A imagem, em P.G., da rua fronteira à Igreja de Santo Antônio, na antiga São José del Rei, atual Tiradentes, clareia lentamente, revelando uma paisagem inconfundível de Minas colonial.

Pela rua vem descendo um sitiante, homem idoso, puxando um cavalo pela rédea, transportando ao mercado produtos da roça.

SOM - Na trilha sonora, ouve-se, em segundo-plano, o som de órgão, com música nupcial.

INTERIOR - IGREJA DE SANTO ANTÔNIO - DIA

165. No interior da imponente Matriz de Santo Antônio, com trabalhos do Aleijadinho, chega ao fim a cerimônia de casamento de José Manuel da Silva Alencastro e Bárbara Isabel Freire de Souza.

Após a bênção sacerdotal, os noivos se beijam, descem os degraus do altar e vão deixando a nave, passando por fileiras de bancos com os convidados da cerimônia, realizada na intimidade, pelo fato, muito compreensível, de que os nubentes já viviam maritalmente há quase cinco anos, e têm uma filha encantadora, Maria Efigênia, de quatro anos, a quem chamam, carinhosamente, de "Princesa".

Câmera, em Trav-Atrás, acompanha o solene caminhar dos recém-casados e vai revelando os espectadores do ato nupcial: a própria filha do casal, Maria Efigênia, ao lado do avô, pai de Bárbara Isabel, Tomaz Peixoto de Souza e sua segunda mulher, Hortência Matos de Leme e Souza, além de duas filhas menores.

Sucessivamente, câmera continua a mostrar a nave com seus bancos e convidados: Jorge Silvino dos Reis e sua mulher Dorotéia, amiga de Bárbara, além de outros personagens, ligados à família.

SOM - Além da música tradicional de casamento, executada no coro, ouve-se também o sino da igreja, festivo.

EXTERIOR - ESTRADA DE FERRO - DIA

166. Câmera, em P.G., enquadra a locomotiva "Maria Fumaça", no instante em que deixa a estação de Tiradentes, iniciando a viagem de volta a São João del Rei.

SOM - Em corte sonoro direto, o som dos sinos é sucedido pelo bater da sineta e, imediatamente, pelo silvo da locomotiva.

167. Em nova angulação, câmera focaliza agora a locomotiva em movimento, com seus três ou quatro carros de passageiros, passando próximos da objetiva.

A composição chega a uma curva e, seguida pela câmera em Pan., afasta-se até desaparecer entre dois morros.

INTERIOR - CARRO DE PASSAGEIRO - DIA

168. No interior do primeiro carro de passageiros da composição férrea, focalizam-se os convidados ao casamento de Alencastro e Bárbara.

O interior do carro está decorado com flores e cortinas brancas. Uma contagiante alegria torna o ambiente movimentado e feliz.

Câmera, inicialmente, focaliza, no primeiro banco, Jorge Silvino dos Reis e Dorotéia, sua mulher, conversando sobre o acontecimento:

SILVINO: Parece mentira, Dorotéia, mas esse casamento acabou se realizando!... Termina, assim, a escandalosa mancebia de nossos amigos...

Dorotéia, que retocava o rosto, volta-se meio surpreendida para o marido, e retruca:

DOROTÉIA: E por quê mancebia?... Eles se amavam, uniram espontaneamente suas vidas. Alencastro e Bárbara, você sabe, sempre foram muito independentes, pouco se importando com convenções e maledicências! No que fazem muito bem!

Silvino parece não ter gostado da opinião da mulher e, meio agastado, responde-lhe com certa acritude:

SILVINO: Mas deveriam se importar, Dorotéia! Afinal, vivemos cercados de gente, numa sociedade que tem regras, costumes e deveres!

DOROTÉIA: Deveres que ninguém respeita muito, regras e costumes freqüentemente hipó-

DOROTÉIA (continuando): critas, Silvino! Bárbara e Alencastro só resolveram casar-se porque a filha já está crescidinha. Só por isso, você sabe...

Câmera segue caminho, na passagem entre os bancos do vagão.

Mais adiante, focaliza, noutro banco, Tomaz Peixoto de Souza e sua mulher Hortênsia, captando-lhes o diálogo:

TOMAZ PEIXOTO: Este casamento me deixa muito feliz, Hortênsia. Assim fica regularizada a situação de minha filha. Mas vou sentir muita falta dos dois, de Maria Efigênia...

Tira o chapéu da cabeça e, com um lenço, enxuga a suor da fronte, enquanto a mulher lhe fala:

HORTÊNSIA: Hás de ser sempre um sentimental, Tomaz! Quem casa, quer casa... Mas vão morar pertinho de nós!

SOM - Silvo forte da locomotiva.

HORTÊNSIA: O Boanerges instalou os móveis na casa deles?

TOMAZ PEIXOTO: Quase todos. Alguns deles estão sendo restaurados. Já têm quase cem anos!

Continuando o Trav-Avante, câmera, finalmente, vai enquadrar, mais atrás, os nubentes.

Alencastro, apaixonado, beija o lindo rosto de Bárbara, e lhe fala, enternecido:

ALENCASTRO: Você está linda, amor! Escrevi

ALENCASTRO (continuando): ... outro soneto para você... Não se cansa de me inspirar?...

Bárbara acaricia o rosto do marido, sorrindo com encanto e doçura. E pede, no que é apoiada, alegremente pela filha:

BÁRBARA ISABEL: Diz o soneto, Alencastro... Queremos ouvir!...

MARIA EFIGÊNIA: Diz, papai... Ficou bonito?

O poeta retira do bolso da casaca uma folha de papel, manuscrita, e explica:

ALENCASTRO: Ainda não sei de cor...Vou ler para vocês.

Depois de pequeno intervalo, começa a ler o poema:

ALENCASTRO (lendo o poema de Alvarenga Peixoto):

"Passa-se uma hora, e passa-se outra hora
Sem perceber-se, vendo os teus cabelos;
Passam-se os dias, vendo os olhos belos,
Partes do Céu, onde amanhece a Aurora".

Durante a leitura, câmera detalha, em primeiros-planos, as reações enternecidas de Bárbara e Maria Efigênia, fixando-lhes o rosto, os olhos, as mãos enlaçadas.

Enquanto isto, com alguns versos em off, Alencastro continua o soneto:

ALENCASTRO (lendo):

"A boca vendo, aonde a graça mora,
Mimosas faces, centro dos desvelos,
Vendo o colo gentil, de onde os zelos,
Por mais que os mandem, não se vão embora".

EXTERIOR - DETALHES DA PAISAGEM - DIA

169. Novas imagens, colhidas fora do trem em movimento, ilustram os versos de Álvarenga Peixoto, no filme transferidos, em forma de paráfrase, para o personagem fictício de José Manuel da Silva Alencastro.

Câmera, com liberdade, captará imagens expressivas da paisagem circundante, como flores, galhos e caules agitados pelo vento; regatos, pequenas quedas d'água, pássaros, animais no campo, plantações, etc.

Essas imagens, para cobertura de montagem, fornecerão fundo para os versos que, na trilha sonora, Alencastro continuará a ler:

ALENCASTRO (lendo, em off):

"Que tempo há de passar? Gasta-se a vida,
E a vida é curta, pois ligeira corre,
E passa sem que seja pressentida.

"Ah, Marília, Marília, quem discorre
Nas tuas perfeições, gostosa lida,
Que alegre vive, que insensível morre!"

EXTERIOR - LOCOMOTIVA - DIA

170. Instalada na parte superior da locomotiva "Maria Fumaça", em movimento, câmera focaliza a sineta e o tubo de apito da máquina, acionados pelo maquinista.

SOM - Sucedendo, em corte sonoro direto, à voz de Alencastro, concluindo o poema, ouve-se o som da sineta e do silvo da locomotiva.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

171. Depois de vencer mais uma curva no caminho de ferro, a composição, conduzida pela velha "Maria Fumaça", ganha uma reta na parte elevada da estrada.

Câmera, em posição estratégica, além de enquadrar a composição

férrea, mostra também o casario distante de São João del Rei, com suas igrejas e belos sobrados coloniais.

Surge, então, em sobre-impressão, novo letreiro indicativo:

SÃO JOÃO DEL REI, 1880

SOM - Misturando-se ao som da sineta do trem, anunciando a chegada à cidade, ouve-se também, em segundo-plano, o dobrar de sinos das igrejas.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 18

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - NOITE

172. Empregados da carpintaria Boanerges & Filhos estão terminando a instalação dos móveis restaurados, originários do Tijuco, e que vão guarnecer a residência de Alencastro e Bárbara Isabel.

O próprio Boanerges, cabelos brancos, marceneiro de origem portuguesa, muito estimado na cidade, ajuda na colocação dos móveis na peça destinada ao escritório do poeta.

O cômodo está repleto de livros, ocupando várias prateleiras. A velha papeleira, também fabricada no Tijuco por Simeão Pedroso, destaca-se no recinto, merecendo cuidados especiais.

Enquanto Alencastro, Boanerges e mais dois empregados completam a decoração do ambiente, Bárbara Isabel, com a filha no colo, embalando-se na velha cadeira de balanço, fala ao marido:

BÁRBARA ISABEL: Que lindo, Alencastro! Seu escritório é o lugar mais bonito da casa! E esta cadeira é uma delícia!

Balança de um lado para outro, com a filha divertindo-se muito.

Depois completa:

BÁRBARA ISABEL: Os móveis antigos, além de bonitos, são muito confortáveis...

Alencastro aproxima-se da mulher e da filha. Beija-as e, brincando, comenta:

ALENCASTRO: Bárbara, minha fada. Acho que a casa toda está um encanto. Você tem tanto gosto que...

BÁRBARA ISABEL (interrompendo o marido, com modéstia): Os móveis é que são lindos, bobinho! E dizer que estavam no porão da casa de papai, há tanto tempo!... Agora estão quase novos, graças ao mestre Boanerges.

173. De seu canto, terminando de armar uma peça da mobília, Boanerges ergue a cabeça e, lisonjeado, também modesto, opina:

BOANERGES: Doutor Tomaz conservou muito bem a mobília, depois que chegou do Serro Frio. Além disso, dona Bárbara, são móveis feitos de excelente madeira de lei, coisa de primeira!...

174. Alencastro afaga os cabelos de Bárbara, beija novamente a filha e acrescenta:

ALENCASTRO: Só não entendi bem, Bárbara, porque você preferiu deixar a cama"Maria I" no quarto de hóspedes... É um móvel belíssimo!

175. P.A. e depois P.P. por Trav-Avante.

Câmera enquadra Alencastro, Bárbara e Maria Efigênia em P.A.

O poeta vai colocar livros numa prateleira próxima, enquanto Bárbara Isabel, ainda na cadeira de balanço, fica repentinamente triste e meditativa, os olhos sombrios e distraídos.

A invocação da velha cama pareceu afetá-la e isto, de relance, foi percebido por Alencastro que, preocupado, se aproxima e pergunta, carinhosamente:

ALENCASTRO: Bárbara, minha filha... Que aconteceu?... Não está se sentindo bem?...

Bárbara, que parara de balançar-se na cadeira, tenta esboçar um sorriso,pouco convincente. Depois explica, tristonha:

BÁRBARA ISABEL: Aquela cama, meu bem, me traz reminiscências muito tristes... De mamãe, de vovô... Além disso, está cercada de mistério, de histórias esquisitas!...

176. P.M. de todo o recinto e dos que nele se encontram, ouvindo, em respeitoso silêncio, a confissão de Bárbara Isabel, que prossegue, beijando as mãos de Alencastro:

BÁRBARA ISABEL: Perdoa, meu bem!... Deve ser bobagem minha!...

Alencastro acaricia amorosamente o rosto e os cabelos da mulher e depois lhe fala:

ALENCASTRO: Pronto, acabou-se. Não se fala mais em coisas tristes, querida! Se você quiser, a gente se desfaz da cama, ou a leva de volta para o porão de seu pai...

Bárbara, como se se assustasse, interfere meio precipitadamente:

BÁRBARA ISABEL: Não, não, Alencastro! A cama fica aqui, em nossa casa! É uma tra-

BÁRBARA ISABEL (continuando)... dição que não quero quebrar...

Levanta-se e vai abraçar ternamente o marido, que a enlaça, ouvindo-a dizer:

BÁRBARA ISABEL: Nós continuamos, amor, com nosso leito modesto, mas também bonito... Não foi fabricado por mestre Boanerges?...

O carpinteiro, lisonjeado, só consegue dizer, de seu canto:

BOANERGES: Obrigado...

177. P.A. de Bárbara e Alencastro, amorosamente abraçados. Bárbara, linda e emocionada, volta a sorrir, feliz. E acrescenta:

BÁRBARA ISABEL: O importante é estarmos juntos, e felizes! Com nossa Princesa!...

Maria Efigênia, que permanecera na cadeira de balanço, salta alegremente do móvel e se lança nos braços do pai, enquanto Bárbara ainda diz, com encanto e doçura:

BÁRBARA ISABEL: Sabe? Li num livro francês, ainda solteira, que quando a gente consegue ser a gente mesmo, o resto pouco importa...

Alencastro, olhando-a no fundo dos olhos, começa então a dizer os versos famosos, com enorme carinho:

ALENCASTRO:

"Bárbara bela,
do Norte estrela,
que o meu destino
sabes guiar..."

Bárbara, interrompendo-o, retoma o poema imortal de Alvarenga Peixoto:

BÁRBARA ISABEL:

"Eu bem queria
a noite e o dia
sempre contigo
poder passar..."

De repente, com um sorriso encantador, Maria Efigênia, por sua vez, conclui amorosamente o refrão famoso:

MARIA EFIGÊNIA:

"Isto é castigo
que Amor me dá!..."

Rindo muito, os três, abrasados de amor, deixam o cômodo e vão para os fundos da casa.

ESCURECIMENTO

SEQUÊNCIA 19

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

178. Por uma estreita rua de São João del Rei caminham alguns homens, entre os quais José Manuel da Silva Alencastro, Jorge Silvino dos Reis, o jornalista Epaminondas Silveira e outras destacadas personalidades do mundo político, social e literário da velha cidade.

Noite fria, obriga-os a vestir pesados capotes e chapéus da época.

O grupo evita fazer ruídos e passa próximo da objetiva, que o acompanha, em Pan.E-D, até que desaparece numa esquina.

INTERIOR - CASA DE TOMAZ PEIXOTO - NOITE

179. O grupo conduzido por Alencastro chega ao salão principal da residência de Tomaz Peixoto, já tomado por inúmeros outros integrantes do Clube Republicano Tiradentes. Depois dos cumprimentos de praxe, os recém-chegados tomam seus lugares, logo servidos de café e biscoitos por criados do anfitrião.

À mesa principal encontram-se, além de Tomaz Peixoto, o jornalista Epaminondas Silveira e o médico Eulálio da Cunha. Tomaz Peixoto, com

certa solenidade, abre a sessão:

TOMAZ PEIXOTO: Está aberta a sessão! E, com prazer, passo a palavra ao Secretário-Geral e ilustre Jornalista Epaminondas Silveira!

Epaminondas põe-se de pé e, eloqüente, compenetrado, começa a falar:

EPAMINONDAS: Companheiros e amigos! Importante conquista tivemos com a Lei do Ventre Livre.

180. Câmera inicia Trav-Avante e Circular, fixando os participantes da reunião política, captando tipos e expressões características. Alguns cochilam; outro tem um tique cômico nos olhos; um velhote, de boca carnuda, segue com lubricidade uma criadinha bem feita de corpo; uma senhora gorda afugente, com mau-humor, uma mosca inconveniente; um mulato de óculos espirra muito, etc. etc.

Enquanto isto, Epaminondas continua, em voz off:

EPAMINONDAS (voz off): Esses são passos iniciais que, embora representem importantes conquistas, ainda são tímidos e insatisfatórios! Queremos mais, muito mais!

181. P.P. de Epaminondas, veemente, prosseguindo o discurso:

EPAMINONDAS: Queremos a Abolição, completa a irrestrita, terra gratuida para os camponeses, queremos a República, que virá, custe o que custar!

182. P.P. de Alencastro, entusiasmado, apoiando o orador:

ALENCASTRO: Bravos, muito bem, Epaminondas! Falou com brilho, falou por todos nós! Viva a República!

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO VILAS BOAS DA GAMA - NOITE

183. Nesse mesmo instante, na aprazível chácara do Deputado Joaquim Vilas Boas da Gama, latifundiário, escravocrata e monarquista ferrenho, outros moradores de São João del Rei também estão reunidos num de seus luxuosos salões. Seus objetivos são, contudo, diametralmente opostos aos defendidos no Clube Tiradentes.

Fumando charuto de preço e bebendo vinho francês com biscoitos e guloseimas, servidos fartamente aos convidados, o Deputado está falando, exaltadamente:

DEPUTADO VILAS BOAS: Este Clube, que chamam indevidamente de Tiradentes, nada mais é do que uma organização clandestina, sem existência legal, estatutos e tudo o mais!

Câmera inicia lento Trav-Avante, focalizando os participantes da reunião, homens e mulheres elegantemente vestidos, muito atentos ao parlamentar, que prossegue:

DEPUTADO VILAS BOAS: É mais um ajuntamento subversivo de adeptos de uma política utópica e fantasista, comprometedora das nobres tradições mineiras de equilíbrio e moderação!

Mais adiante, sentado numa larga poltrona, um dos presentes, trêmulo pela idade avançada, a mão em concha, atrás de uma orelha, levanta-se com dificuldade e, copo de vinho à mão, aparteia:

VELHO SURDO: São ateus, nobre Deputado! Pregam a dissolução da família, o amor livre, a anarquia! Deus nos livre dessa gente!

Avançando sempre, câmera, pouco adiante, faz Pan-D-E e vai

enquadrar, perto de uma janela, um homem gordo e calvo, de colete e relógio com corrente de ouro, dando também seu palpite:

HOMEM GORDO: Devido à excessiva tolerância imperial, nossas autoridades estão omissas e complacentes, enquanto os apaniguados do Clube atentam contra a Lei, a Constituição e o Trono!

Panoramizando ainda para a esquerda, câmera mostra uma senhora, seios opulentos e jóias de alto a baixo, que mastiga um biscoito apressadamente, para então dizer:

MULHER COM JÓIAS: E por quê não põem essa gente na cadeia, deputado?! São perigosos, capazes de por fogo na cidade!

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE ALENCASTRO - NOITE

184. De volta da reunião em casa de Tomaz Peixoto, Alencastro chega ao interior de sua casa, na praça da Igreja de São Francisco de Assis.

Entra com mil cuidados, evitando acordar Bárbara Isabel e a filha, no adiantado da hora.

Quando chega ao escritório, abre a papeleira, apanha uma folha de papel com o manuscrito de um novo poema.

Entretido com a leitura, Alencastro não percebe a chegada da mulher, que entra silenciosamente no gabinete de trabalho do marido e o surpreende com um abraço.

Alencastro, assustando-se ao ver a mulher acordada, volta-se feliz e pergunta:

ALENCASTRO: Bárbara!... Que presente a noite me dá!...

Bárbara, rindo do galanteio, pergunta, afagando-lhe a cabeça:

BÁRBARA ISABEL: Ouvi você chegar... Já é

BÁRBARA ISABEL (continuando)... tão tarde, amor! Por quê não vem deitar, Alencastro?...

O poeta guarda o poema, fecha a papeleira e responde:

ALENCASTRO: Tem razão. Vamos, Bárbara. Deixo o trabalho para amanhã.

Afasta a cadeira, levanta-se e abraça amorosamente a mulher, dizendo-lhe:

ALENCASTRO: Foi uma reunião excelente na casa de seu pai. Tomamos decisões importantes.

185. Bárbara, já livre do abraço do marido, vai sentar-se na cadeira de balanço e lhe fala, a princípio meio relutante:

BÁRBARA ISABEL: Amor, escuta aqui: você sabe que não gosto de me envolver com esses assuntos, que o entusiasmam tanto. Não sei, amor, mas tenho um pouco de receio... de medo desses monarquistas zangados. Me diga: isto não é meio arriscado?... Logo agora, que vamos ter gente nova... Sabe quem vai chegar?...

Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrar Bárbara Isabel em P.P. Alisando graciosamente a barriga, acrescenta:

BÁRBARA ISABEL: Vem aí, amor, o nosso caçula!...

Alencastro, com emoção e uma grande alegria, surge no quadro pela esquerda e vai sentar-se no chão, ao pé de Bárbara, dizendo, eufórico:

ALENCASTRO: Um filho, Bárbara?! Verdade,

ALENCASTRO (continuando): amor?... Verdade mesmo?!...

BÁRBARA ISABEL: No começo também não acreditei. Mas doutor Aprígio confirmou. E desta vez, meu bem, vai ser um homemzinho, como você tanto queria! Tenho a certeza!...

Beija Alencastro na boca, apaixonadamente. Depois completa, com deliciosa doçura:

BÁRBARA ISABEL: É meu presente de madrugada...

ALENCASTRO: Um presente maravilhoso, mulher querida!... Um filho, um filho!...

Recosta a cabeça no colo de Bárbara e fica alguns instantes em silêncio, desfrutando espiritualmente a grande alegria.

Olha-a, então, com profunda ternura, e confessa, a meia-voz:

ALENCASTRO: Olha, Bárbara, faz muito tempo que venho guardando um nome para nosso filho, em segredo! Se for mesmo um filho, se Deus quiser, vai se chamar Damasceno. Você gosta?

BÁRBARA ISABEL (como para si mesma):Damasceno... Damasceno... Gosto muito!

ALENCASTRO: Damasceno: aquele que chega cedo... de madrugada...

Câmera, fazendo Pan e, em seguida, Trav-Avante, afasta-se do recanto,onde se encontram Bárbara e Alencastro, atravessa o cômodo e se aproxima da janela, através da qual focaliza, em P.G., a praça da Igreja de São Francisco de Assis e, ao fundo, o delineamento das montanhas.

Está amanhecendo, uma manhã fria e cinzenta.

SOM - Entram na trilha sonora ruídos antecipados de palmas, gritos e vivas, típicos de comício político.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 20

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

186. Na praça da Igreja de São Francisco de Assis realiza-se um comício de propaganda republicana e abolicionista.

Promovido pelo Clube Tiradentes, cuja efígie decora o palanque, a concentração atrai dezenas de pessoas.

No palanque estão figuras conhecidas, como Tomaz Peixoto de Souza, Alencastro, Silvino dos Reis, Epaminondas Silveira e outras personalidades locais.

Muito eloqüente, emitindo fortemente a voz para ser ouvido no logradouro, o poeta dirige-se aos conterrâneos:

ALENCASTRO: O povo de São João del Rei; o povo de Minas Gerais; o povo de todo o Brasil, não se deixa mais iludir com palavras que não correspondem à realidade! Se a Abolição da escravatura está praticamente feita, a República está mais próxima do que se pensa! Para uma e outra, só falta a consagração popular e nacional!

Câmera, circulando no meio dos espectadores, capta expressões de entusiasmo, gestos e aplausos significativos, como os de Bárbara Isabel e Maria Efigênia, ouvindo, orgulhosas, o discurso de Alencastro, que, neste ínterim, continua:

ALENCASTRO (voz off): Nossa causa é justa,

ALENCASTRO (continuando): ... é patriótica, é humanitária! Ela existe, de fato, em todos os espíritos e corações brasileiros! Seria rematada loucura pretender impedir a torrente caudalosa da idéia nova!

187. P.P. de Alencastro, no palanque, concluindo a fervorosa declaração de princípios, cuja voz cresce, possante, ressoando na praça:

ALENCASTRO: Idéia que invade os lares brasileiros e se derrama generosamente em todo o território nacional! Abolida a escravidão, que nos envergonha, só nos falta eliminar o poder, que nos oprime!

188. P.G. de parte da praça e do palanque, no instante em que, concluindo a oração, Alencastro é aplaudido e abraçado calorosamente pelas pessoas que o cercam.

SOM - Gritos e aplausos.

UMA VOZ ANÔNIMA: Viva a República!

MUITAS VOZES: Viva! Viva!

189. Deslocando-se do palanque, câmera focaliza, num canto da praça, meio escondidos entre árvores e palmeiras, o Deputado Vilas Boas da Gama e alguns amigos. Com um sorriso irônico, o parlamentar viera, anonimamente, observar o comício republicano.

Quando os aplausos começam a amainar, o deputado comenta para os que o acompanham:

DEPUTADO VILAS BOAS: Estão vendo? Estão ouvindo?! Uma desfaçatez, uma provocação, um desafio ao Trono e à ordem pública! Afinal, onde está nossa Constituição, o respeito ao Poder constituído?!...

UM AMIGO: O que mais admira, Vilas Boas, é a presença de seu parente, Silvino dos Reis, nesse conchavo de irresponsáveis!

OUTRO AMIGO: Inacreditável! Inacreditável!

DEPUTADO VILAS BOAS: O Jorge é parente de minha mulher. É um doidivanas, um ingênuo, influenciado por esses demagogos! Anda encalacrado de dívidas, deve uma fortuna ao Fisco, e ainda se mete com esses pulhas! Um tolo!

O velho trêmulo e surdo, visto na residência do parlamentar, também emite sua opinião, laconicamente:

VELHO SURDO: De fato, de fato! Um tolo!

F U S Ã O

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO VILAS BOAS - NOITE

190. Numa das salas de estar da chácara de Vilas Boas da Gama, conversam amistosamente o parlamentar, sua mulher, Dona Inês e Jorge Silvino dos Reis.

O Deputado governista fala com voz firme, de censura, dirigindo-se a Silvino:

DEPUTADO VILAS BOAS: Nunca pretendi meter-me na vida de ninguém, meu caro, muito menos na sua! Mas, por um dever de amizade e, posso dizer, até de parentesco, sou obrigado a alertá-lo para o risco que corre se enrolando com esse grupelho do Clube Tiradentes!

Silvino nada responde, limitando-se a ouvir com respeito o marido de sua prima.

Está, no entanto, contrafeito, intranqüilo, apertando as mãos

com certa impaciência.

O Deputado, encorajado com o silêncio do visitante, segue com os conselhos, veemente:

DEPUTADO VILAS BOAS: O que se passa com você, Jorge?! Por quê se aliou a esses perigosos contestadores do Trono?!

Bate, amistosamente, a mão no ombro do visitante, que continua calado, enigmático, e prossegue, persuasivo:

DEPUTADO VILAS BOAS: Má causa esta, meu caro! E essas reuniões clandestinas terminarão por prejudicá-lo seriamente!

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Dona Inês e Silvino em P.P.

Mansa e cordial, Dona Inês, atenta à fala do marido, interfere:

DONA INÊS: Não é que não respeite suas convicções, Jorge! Respeito, sempre respeitei! Mas você tem pensado em Dorotéia, em seus filhos?!... E se você... fosse preso?... Resolverá seus problemas de consciência?!...

Parecendo um pouco assustado, Silvino volta-se para a prima e pergunta:

SILVINO DOS REIS: Preso?!... Por quê preso, Inês?!

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro até P.A. e focalizando Vilas Boas que, mais do que depressa, responde pela mulher:

DEPUTADO VILAS BOAS: E você acha que a Corte vai tolerar indefinidamente essa

DEPUTADO VILAS BOAS (continuando):... provocação?! Vai deixar que a solapem, impunemente?!

Silvino, cabisbaixo, não tem coragem de reagir. Acovardado, fragilizado pelo temor de represália, ouve as recriminações do latifundiário e escravocrata.

O Deputado, satisfeito consigo mesmo, certo de que ganhou a batalha, aproxima o rosto do visitante e desfecha o argumento final:

DEPUTADO VILAS BOAS: Sabemos de suas dificuldades financeiras, Jorge. Dívidas, pressões do Fisco e de credores... Agora, pergunto: e se o Governo, em represália, executá-lo?! Já pensou?! Onde irão parar seus bens, homem?!

Câmera inicia lento Trav-Avante, tirando Vilas Boas e Dona Inês do quadro, até enquadrar Silvino dos Reis em P.P.P.

Tentando disfarçar a dúvida que, afinal, o abala por dentro, Silvino se manifesta, derrotado:

SILVINO DOS REIS: Tenho pensado nisso tudo, Deputado... De fato, reconheço que me envolvi demais nesse... nesse movimento, nessa... conspiração!...

INTERIOR - ESTAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

191. Em corte direto, partindo do P.P.P. de Silvino dos Reis, na residência do Deputado Vilas Boas, câmera detalha a ruidosa frente da locomotiva "Maria Fumaça" chegando à "gare" da estação de São João del Rei.

SOM - Na trilha sonora dominam os ruídos típicos de estação de estrada de ferro, de mistura

com o bater da sineta da locomotiva.

192. De outro ângulo, câmera fixa, na plataforma interna, Bárbara Isabel, com Maria Efigênia e, no colo, o caçula Damasceno, meio assustado, observando tudo, além de Tomaz Peixoto, amigos e correligionários do Clube Tiradentes.

Todos se movimentam para abraçar José Manuel da Silva Alencastro, que desembarca de um dos carros de passageiros, de regresso do Rio de Janeiro.

Bárbara, feliz, antecipa-se aos demais para abraçar o marido, perguntando, com ternura:

BÁRBARA ISABEL: Então, querido, fez boa viagem?... Correu como você queria, no Rio?

Alencastro, denotando fadiga, abraça-se à mulher e beija Maria Efigênia e Damasceno, que lhe pulara ao colo, dizendo:

ALENCASTRO: As coisas não podiam ter corrido melhor, amor! Melhor do que eu esperava, fora as saudades, é claro!...

Depois, voltando-se para a filha, acrescenta:

ALENCASTRO: Sabe, Princesa? Trouxe-te uma boneca da Corte. Linda!

MARIA EFIGÊNIA (muito excitada): Linda, papai?... De que tamanho?...

ALENCASTRO (medindo no ar): Assim, quase meio metro...

Envolvido por outras pessoas, inclusive pelo sogro, Alencastro lhes fala, enquanto os abraça:

ALENCASTRO: Trago excelentes notícias! Po-

ALENCASTRO (continuando):... dem convocar o Clube, para hoje à noite?

Aflita, Bárbara Isabel intervém:

BÁRBARA ISABEL: Hoje à noite, Alencastro?! Você deve estar exausto da viagem, deve descansar!...

Alencastro enlaça amorosamente a mulher, enquanto responde:

ALENCASTRO: Descanso depois, amor! Preciso transmitir aos amigos notícias importantes e urgentes!

F U S Ã O

INTERIOR - CASA DO DEPUTADO VILAS BOAS - DIA

193. Jorge Silvino dos Reis aguarda, num sofá da sala de visitas da chácara de Vilas Boas da Gama, a chegada do Deputado.

Está inquieto, nervoso, segurando um envelope que, a certa altura, depois de tomar uma farta pitada de rapé e assoar-se num grande lenço de alcobaça, abre, retirando de dentro um documento que relê, talvez pela décima vez.

Logo depois, ouvindo passos, ergue os olhos e avista o Deputado que vem a seu encontro, metido num elegante "robe-de-chambre", e que o saúda, muito cordial:

DEPUTADO VILAS BOAS: Olá, Jorge! Bons olhos o vejam! Muito bom dia!

Silvino põe-se de pé e retribui o cumprimento dizendo:

SILVINO DOS REIS: Bom dia, Deputado. Bom dia! Como tem passado?

DEPUTADO VILAS BOAS: Bem, muito bem!

Depois, impaciente, quer ir logo ao assunto:

DEPUTADO VILAS BOAS: Trouxe a carta?...

SILVINO DOS REIS: Está aqui. Redigi esta noite. Quer ler?

DEPUTADO VILAS BOAS: Claro! Deixe-me ver!

Silvino estende-lhe a carta, que o parlamentar começa imediatamente a ler.

De vez em quando, lê alguns trechos em voz alta, como para sentir o efeito de tal ou qual palavra.

Sua fisionomia, pouco a pouco, vai exprimindo contentamento e aprovação:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo): "Beijo as mãos de Vossa Majestade, rogando que acredite em meu profundo respeito e lealdade..."

O parlamentar, de pé, caminha alguns metros pela sala, lendo sempre. Câmera segue-o, em Pan.

Quando estaca diante do retrato a óleo do Imperador Pedro II, com veste, coroa e adereços imperiais, câmera se aproxima, em Trav-Avante, fixando o Deputado e o Imperador num mesmo e significativo enquadramento.

Durante toda a movimentação, Vilas Boas estará lendo a carta, alçando a voz em alguns trechos:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo) "Por inadvertência e, por quê não o dizer, ingenuidade e boa fé, fui sendo vítima de envolvimento..."

Interrompe a leitura e, voltando-se para Silvino, comenta, visivelmente satisfeito:

DEPUTADO VILAS BOAS: Ótimo, Jorge! Está indo muito bem! "Envolvimento" é a palavra exata!

E volta a ler, vez e outra, em voz alta:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo): "Rogo perdão e clemência a Vossa Majestade"... (Pausa) ... "patenteando meu remorso e assegurando minha fidelidade à Coroa... (Pausa) "Declaro, sob minha fé e honra, que os principais sediciosos são membros do Clube Tiradentes, foco e agente da subversão..."

194. Transferindo-se para o corredor da casa, câmera focaliza a mulher do Deputado, Dona Inês, ouvindo, perto da porta entreaberta, a conversa do marido com o primo.

No rosto distinto e digno de Dona Inês já se percebe uma ponta de desgosto e melancolia.

E ouve, em voz off, a leitura da carta desprezível, com crescente comiseração e tristeza:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo, em voz off): "Entre eles, posso destacar o advogado e fazendeiro Tomaz Peixoto de Souza; seu genro, poeta e proprietário de jazidas minerais, José Manuel da Silva Alencastro; o jornalista Epaminondas Silveira..."

Avançando, em Trav., câmera vai detalhar, em P.P., a expressão de desalento e decepção de Dona Inês, que, a certa altura, exclama para si mesma:

DONA INÊS: Que coisa triste!...

E se afasta, indo para os fundos da casa.

195. De volta à sala, câmera enquadra o Deputado e Silvino dos Reis em P.A.

O parlamentar, continuando a leitura da carta, vai sentar-se ao

lado de Silvino, que o escuta, contrafeito:

DEPUTADO VILAS BOAS (lendo): ..."o médico Eulálio da Cunha, o comerciante Eráclito Monteiro..."

Sem conter a satisfação, Vilas Boas interrompe a leitura da carta delatora e comenta, eufórico:

DEPUTADO VILAS BOAS: Excelente, meu caro Jorge, excelente! Esta carta lhe trará, sem sombra de dúvida, o generoso perdão do Imperador! Ele lhe dará mais do que o perdão, meu caro: também o reconhecimento! O reconhecimento, veja lá!...

E volta a ler, agora apressadamente, a parte final da carta.

Câmera panoramiza para a esquerda e, em seguida, através de Trav-Avante, vai enquadrar o quadro a óleo do Imperador D. Pedro II, numa das paredes da sala.

Durante este movimento, ouvir-se-á, em off, a voz do Deputado Vilas Boas da Gama, com a inflexão de triunfo e contentamento:

DEPUTADO VILAS BOAS (voz off): Dentro de poucos dias esta carta estará nas mãos magnânimas do Imperador! Então, meu caro Jorge, você terá notícias, das melhores, das melhores, posso lhe garantir!

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 21

INTERIOR - CLUBE TIRADENTES - NOITE

196. Após enquadrar, numa parede da sala de reuniões do Clube Tiradentes, retratos pintados de Benjamin Constant e Joaquim Nabuco, câmera

recua, em Trav-Atrás, faz Pan e vai focalizar, em P.G., o recinto, repleto de associados e, sobre um pequeno tablado, a mesa dirigente dos trabalhos, integrada por Tomaz Peixoto, Eulálio da Cunha, Epaminondas Silveira e José Manuel da Silva Alencastro.

Alencastro está fazendo um relato da viagem ao Rio, ouvido pelos companheiros em respeitoso silêncio:

> ALENCASTRO: E assim, meus amigos, participei de importante reunião no escritório de Aristides Logo, onde encontrei eméritos republicanos civis. O Centro fica no mesmo prédio onde Saldanha Marinho tem seu gabinete de trabalho.

197. Câmera, colocada sobre o tablado, como ponto-de-vista dos integrantes da mesa, focaliza o salão em P.G.

Depois inicia lento Trav-Avante, fixando os participantes da reunião, atentos à narrativa de Alencastro, que prossegue, em off:

> ALENCASTRO (voz off): Constatei, nessa viagem, que o importante, o importantíssimo é o entrosamento entre civis e militares. E isto está sendo feito, com firmeza. Primordial, também, vem sendo a atuação admirável da Imprensa!

198. P.P. de Alencastro, que retira da pasta um documento de algumas páginas, dizendo:

> ALENCASTRO: Com a colaboração valiosa de alguns correligionários do Rio de Janeiro, redigimos este manifesto, que se intitula "Ao Povo de São João del Rei". Como vêem...

Neste exato instante, ouve-se, em off, um estrondo que assusta e interrompe o orador.

SOM - Ruído forte de porta arrombada.

199. Câmera, em P.G., focaliza todo o recinto, no justo momento em que a porta central de entrada é violentamente arrombada por soldados governamentais, comandados pelo Major Agripino Meireles, da guarnição de Barbacena.

Uma tropa, com aproximadamente 50 militares, portando fuzis e baionetas caladas, invade o recinto, em marcha de combate.

O Major, ganhando o centro da sala, ergue a voz e diz, energicamente, aos participantes da reunião:

MAJOR MEIRELES: Fiquem todos onde estão! Em nome de Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II e do Governo da Província, declaro-os presos! Não se movam, para evitar violências!

Com um gesto, ordena que a tropa tome posição, cercando os associados da organização.

Depois o comandante do contingente adverte:

MAJOR MEIRELES: A menor tentativa de fuga, ou resistência, será severamente repelida!

200. Focaliza-se, em P.M., a mesa diretora. Também no enquadramento se vêem o Major e alguns soldados.

Da mesa, com seus ocupantes dominados pelo espanto, Alencastro indaga, com voz firme:

ALENCASTRO: Temos o direito de saber, senhor Major, o fundamento legal desta invasão arbitrária!

O militar avança alguns passos na direção da mesa e, sem perturbar-se, responde:

MAJOR MEIRELES: Esta reunião é ilegal e subversiva! Os senhores pregam a derrubada do regime, subvertem a ordem pública e desrespeitam a Constituição! Esses são os fundamentos!

201. P.P. de Alencastro, lívido, apertando o manifesto nas mãos nervosas, balbuciando, para si mesmo:

ALENCASTRO: Deus do céu! Que miséria!...

F U S Ã O

EXTERIOR - ESTAÇÃO DE SÃO JOÃO DEL REI - DIA

202. Todos os pontos circunvizinhos da estação da estrada de ferro de São João del Rei estão tomados estrategicamente por soldados da guarnição local e de Barbacena.

Por toda a parte, muita gente silenciosa e assustada, embora cheia de revolta, viera assistir ao embarque dos prisioneiros.

Câmera favorece, através de Pan e da lente "Zoom", a figura pungente de Bárbara Isabel, num canto da praça, próximo à entrada principal da "gare".

A mulher de Alencastro tem os dois filhos em sua companhia. Maria Efigênia, perplexa e fortemente abatida pelos acontecimentos e o destino de seu pai, está calada, agarrada à mãe.

De um primeiro carro, puxado a cavalos, chegam os prisioneiros principais. A multidão se agita e se adensa, procurando vê-los saltar do veículo.

Inicialmente, descem dois correligionários do Clube Tiradentes. Logo depois, também amarrados pelo pulso, surgem à porta do carro Alencastro e Tomaz Peixoto.

Os prisioneiros são colocados em fila indiana, junto à porta da "gare".

203. Câmera focaliza, em P.P., Alencastro, Tomaz Peixoto e mais dois ou três detidos. A fisionomia do poeta, ainda que tensa e aflita, guarda

dignidade e altivez.

204. De outro ângulo, favorecendo os prisioneiros, câmera focaliza Maria Efigênia que, inesperadamente, se liberta da mão de Bárbara Isabel e sai correndo ao encontro do pai, gritando:

MARIA EFIGÊNIA: Papai!... Papaizinho!...

Na confusão que se faz, Alencastro, apesar de manietado, ergue a filha no colo.

A menina, chorando convulsivamente, beija sem parar o rosto emagrecido do pai, abraçando-o com força selvagem.

Um sargento e mais dois soldados, aproximam-se rapidamente para retirar a menina, que se abraça desesperadamente ao pai, resistindo e gritando:

MARIA EFIGÊNIA: Larguem meu pai!... Larguem, gente ruim! Larguem papai, seus bobos!

Esmurra o peito do sargento, que a agarrara irritadamente, gritando sempre, com sua voz ecoando na praça:

MARIA EFIGÊNIA: Papai não vai embora não, ouviu?! Sai, gente ruim! Sai daqui!...

Quase sem força, a menina é, finalmente, retirada do pai, enquanto os prisioneiros são empurrados com violência crescente pelos militares, entrando na "gare", onde o trem os espera para a viagem penosa.

205. Antes de embarcar, ainda que compelido pelos soldados, Alvarenga se volta e procura, com os olhos aflitos, a mulher e os filhos.

Depois que os descobre, no meio do povo, fixa neles um olhar doloroso, de profunda tristeza.

206. P.A. e depois P.P.P. por Trav-Avante.

Câmera enquadra Bárbara Isabel, o olhar traduzindo um sofrimen-

to profundo e atroz, pousado no marido que parte.

Além do sofrimento e da enorme estupefação, as feições de Bárbara refletem prenúncios de perturbação mental: os olhos vagos, absortos, os lábios murmurando palavras indistintas.

SOM - O forte ruído ambiental, misturando ruídos da multidão, do trem e do movimento da tropa e dos prisioneiros, desaparece lentamente, cedendo lugar a dramático silêncio.

Neste ponto, concluindo o movimento de aproximação, câmera estará fixando Bárbara Isabel em P.P.P.

A pobre mulher, golpeada pelo drama inesperado, balbucia, com voz destorcida, versos esparsos do marido:

BÁRBARA ISABEL (voz destorcida, com eco):
"Bárbara bela,
do norte estrela..."

Fica alguns instantes em completa mudez, o olhar distante e opaco.

Depois continua, com um sorriso indevassável nos lábios:

BÁRBARA ISABEL:
"Isto é castigo
que Amor me dá..."

SOM - A triste reminiscência poética de Bárbara Isabel é, repentinamente, interrompida pelo silvo agudo da locomotiva, iniciando viagem.

Câmera continua a fixar o rosto pungente da mulher do poeta. Seu olhar é estranho, vazio e enlouquecido.

SEQUÊNCIA 22

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE ALENCASTRO - NOITE

207. Depois de enquadrar Bárbara Isabel em P.P., câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo até P.M., quando mostra o escritório de Alencastro, à meia-luz, as prateleiras de livros na obscuridade.

Mais perceptível, num canto, a velha papeleira, fabricada no Tijuco, está aberta, como se Alencastro a tivesse utilizado pouco antes.

Ao fundo, perto de uma janela, Bárbara Isabel está repousando na cadeira de balanço, os olhos fechados.

Pouco depois, vestindo uma camisola de dormir, Maria Efigênia chega ao cômodo e vai ao encontro da mãe, que a coloca no colo, envolvendo-a num abraço carinhoso.

A menina, recostando na mãe o rosto emagrecido e pálido, pergunta, com voz chorosa:

MARIA EFIGÊNIA: Mãezinha, quando o papai vai voltar?,.. Estou com muita saudade dele...

Bárbara, a custo retendo as lágrimas, sente a elevada temperatuda da filha e, com sobressalto, põe-lhe a mão na fronte e, aflita, pergunta:

BÁRBARA ISABEL: Minha Princesa... Está sentindo alguma coisa?... Está tão quentinha!

MARIA EFIGÊNIA: Estou meio tonta, mamãe... Não posso dormir, mas estou com sono. A senhora vai chamar o doutor, vai, mamãe?...

Bárbara levanta-se e, com a filha no colo, vai para o quarto de dormir, enquanto diz:

BÁRBARA ISABEL: Amanhã, amorzinho, amanhã vou chamar o médico. Agora, Princesi-

BÁRBARA ISABEL (continuando)... nha, vamos pra caminha... Vamos tomar um remédio e ficar boa depressa. Vamos, minha filha!

F U S Ã O

INTERIOR - RESIDÊNCIA DE ALENCASTRO - NOITE

208. Saindo do quarto de Maria Efigênia, Bárbara, noite alta, insone, chega ao escritório de Alencastro.

Antes de entrar, contudo, ouve, quase como um gemido, uma voz estranha, parecida com a voz de Alencastro, dizendo, como um sussurro:

ALENCASTRO (voz com efeito, distante, estranha):"Bárbara... Bárbara bela... do norte estrela..."

Bárbara retrocede, ganha o corredor, à procura da voz que a chama, com profunda tristeza:

ALENCASTRO (voz off, com efeito): "Bárbara bela..."

Câmera, acompanhando-a no corredor, focaliza-a quando pára diante da porta do quarto de hóspede, de onde chega, mais forte e nítida, a voz sobrenatural e estranha:

ALENCASTRO (voz off, com efeito especial): "Bárbara bela... eu bem queria, a noite e o dia, sempre contigo poder passar..."

Não tendo mais dúvida de que a voz procede daquele quarto, Bárbara torce a maçaneta e entra.

INTERIOR - QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

209. O cômodo está mergulhado na obscuridade, mas uma luz delineia com mais precisão o belíssimo leito Maria I, sobre o qual morreram os antepassados de Bárbara.

Quando Bárbara penetra no quarto, desaparece inteiramente a voz melancólica e distante de Alencastro.

Ao avistar, no fundo do quarto, aquele leito de tantas lembranças trágicas, Bárbara estremece e, imobilizada diante dele, não ouve mais a voz que a chamava, mas um gemido pungente, que parece emergir do fundo do tempo.

SOM - Na trilha sonora, em novo efeito especial, começa a ouvir-se um gemido profundo e prolongado.

Nesse exato instante, acordando em pânico de um pesadelo, Maria Efigênia, noutro quarto da casa, solta um grito de pavor e desespero:

MARIA EFIGÊNIA (voz off): Papai! Papaizinho!

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 23

EXTERIOR - RUA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

210. Bárbara Isabel, fechada em luto, a cabeça parcialmente coberta por um grande xale, vem descendo uma rua típica de São João del Rei.

Lampiões tristes projetam, na caiação das paredes, a sombra errante e esguia da mulher.

Passos lentificados, o olhar perdido na distância sem fim, Bárbara se aproxima pouco a pouco da objetiva, passando diante de uma casa de um só pavimento, em ligeira curva.

Numa das janelas da casa, abrindo-se para a rua, conversam duas velhas moradoras. Quando avistam e reconhecem Bárbara Isabel, interrompem a conversa e a fitam com curiosidade e pena.

Com uma voz de enorme tristeza, Bárbara vem dizendo versos do marido poeta:

BÁRBARA ISABEL (com voz estranha, murmurando):

"... do ingrato amor seguir não deves
quando já não podes amar sem vil baixeza..."

Depois que Bárbara sai do campo ótico da objetiva, desaparecendo pelo lado esquerdo, as duas mulheres, à janela, comentam, penalizadas:

PRIMEIRA MULHER: É Bárbara Isabel... Pobre mulher, perdeu o juízo!...

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar as duas mulheres em P.P. e captar-lhes o diálogo significativo:

SEGUNDA MULHER: E não era para menos, Alvina! Fiquei sabendo de tudo em Barbacena! Coitadinha... Ficou assim depois da morte da filha, não foi?...

EXTERIOR - VIELA DE SÃO JOÃO DEL REI - NOITE

211. Bárbara Isabel caminha agora por outra velha rua de São João del Rei, cantarolando uma cantiga qualquer, quase inaudível.

Na trilha sonora, além do ruído de seus passos leves sobre o calçamento de pedra, continua a ouvir-se, em off, a voz das duas moradoras, vistas no plano anterior:

PRIMEIRA MULHER (voz off): A filha, uma menina linda, morreu de febre cerebral, depois que soube da morte do pai, na prisão do Rio de Janeiro. O filho caçula, Damasceno, foi levado para a casa de parentes, em Mariana.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DE
SÃO FRANCISCO DE ASSIS - AMANHECER

212. As primeiras cores do amanhecer pousam suavemente no casario e

ruas da velha cidade.

Na praça da Igreja de São Francisco de Assis, com suas imponentes palmeiras, um funcionário da Câmara vai apagando, um a um, os lampiões públicos.

Um homem passa a cavalo e algumas mulheres buscam alcançar a primeira missa. Vão de xales coloridos, agasalhando boca e nariz do frio da manhã.

Cruzam com Bárbara Isabel, que atravessa a praça, sem prestar-lhes atenção.

Bárbara aproxima-se de sua residência, abre o portãozinho e entra, sempre entoando a cantiga, tristemente.

SOM - Bárbara tartamudeia velha cantiga mineira. Em segundo-plano sonoro, ouve-se o sino da Igreja de São Francisco de Assis, chamando para a missa.

INTERIOR - CASA DE ALENCASTRO - MANHÃ

213. Depois de atravessar o salão principal, em completa desordem, Bárbara chega ao gabinete de trabalho de Alencastro, este exatamente como sempre esteve: a papeleira aberta, livros por todos os cantos, a cadeira de balanço perto da janela.

Como se a movesse uma força atávica, Bárbara vai sentar-se à escrivaninha, vasculha ao acaso alguns papéis, descobre um envelope cheio de versos.

Abre-o e retira um manuscrito, que começa a ler.

Na trilha sonora começa a ouvir-se a voz inconfundível do poeta José Manuel da Silva Alencastro, lendo os versos, que Bárbara acompanha com os olhos tristes:

ALENCASTRO (voz off):

"Tu, entre os braços,
Ternos abraços

ALENCASTRO (continuando, voz off):

"Da filha amada
Podes gozar;
Priva-me a estrela
De ti e dela,
Buscas dos modos
De me matar!"

Na trilha sonora, a voz de Alencastro agora é substituída pela voz infantil, de grande doçura, de Maria Efigênia, dizendo o refrão do poema imortal.

MARIA EFIGÊNIA (voz off):

"Isto é castigo
Que Amor me dá..."

214. P.P. de Bárbara Isabel, segurando a folha de papel com os versos.

Nesse instante, como da outra vez, volta a ouvir-se a voz distante, marcada pela fadiga e a tristeza, chamando-a do quarto de hóspedes:

ALENCASTRO (voz distante, com efeito especial):

"Bárbara... Bárbara bela..."

Lentamente, denunciando perplexidade e automatismo mental, Bárbara ergue os olhos e os pousa num ponto vago, próximo da objetiva da câmera. E balbucia:

BÁRBARA ISABEL: Alencastro?...

Em seguida, como se obedecesse ao chamado, deposita a folha de papel na escrivaninha e, vagarosamente, levanta-se, atravessa a sala, seguida em Pan.E-D, e ganha o corredor, a caminho do quarto de hóspedes.

INTERIOR - QUARTO DE HÓSPEDES - MANHÃ

215. Instalada no interior do quarto de hóspedes, câmera focaliza a porta de entrada, entreaberta, pela qual, caminhando com lentidão e leveza, Bárbara Isabel penetra no cômodo, que percorre com os olhos, como

se procurasse Alencastro. E ainda pergunta, com enorme tristeza:

BÁRBARA ISABEL: Alencastro?...

216. Câmera, em lento Trav-Avante, vai fixá-la em P.P.

Nada encontrando, a infeliz, entregue à solidão e ao abandono, vai estender-se no leito majestoso, envelhecido pelo tempo, fabricado no Tijuco. E ali se deixa ficar, imóvel, em completo silêncio.

Diz a tradição de São João del Rei que, antes de morrer, Bárbara Isabel ainda ouviu, muito distante e débil, a voz doída do poeta Alencastro, dizendo, como em despedida:

ALENCASTRO (voz off, com efeito especial):
"Bárbara bela...
Isto é castigo
Que Amor me dá..."

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 24

EXTERIOR - RUA DIREITA - MARIANA - NOITE

217. Avançando de 1880 para os idos de 1935, a nova seqüência abre-se com o clareamento da sombra esguia de dois homens caminhando, à noite, pela Rua Direita, na cidade de Mariana.

Sob a luz das luminárias da velha cidade, as sombras se alongam e se movimentam com a caminhada dos homens na rua de paralelepípedos.

Câmera, em Trav-Atrás, fixa a sombra movente dos caminhantes, panoramiza para o alto e focaliza Damasceno Freire da Silva Alencastro e seu amigo Jesuíno Moreira Raposo.

SOM - Além do ruído dos passos no calçamento de pedra, ouve-se, em segundo-plano sonoro, o bater nostálgico de um sino de igreja.

Damasceno, filho de José Manuel da Silva Alencastro e Bárbara Isabel Peixoto de Alencastro, é homem de 53 anos de idade, proprietário da "Pharmacia Central", que herdara de um tio, que o criou e protegeu

após a morte dos pais.

Como de hábito, após fechar a farmácia, Damasceno vai beber umas e outras, quase sempre na companhia de Jesuíno, inseparável amigo, num bar da vizinhança.

Depois, já meio "alto", sai a caminhar com o Jesuíno, até recolher-se, tarde da noite, à casa, que também fora do tio, perto da Igreja das Mercês.

A caminhada noturna de Damasceno e Jesuíno por ruas, praças e vielas de Mariana, fornece as imagens para o novo letreiro indicativo, em sobre-impressão:

MARIANA, 1935

Damasceno, homem alto, meio calvo, de aparência distinta e amável, apesar da expressão permanentemente melancólica do rosto, faz confidências nostálgicas ao amigo, cruzando, aqui e ali, com outros vultos solitários da noite.

Luzes, além de uma ou outra janela iluminada, são apenas as que vêm dos postes públicos.

O farmacêutico, brincando com a bengala, complemento inseparável, fala ao amigo:

DAMASCENO: É isso, Jesuíno! Vida de viúvo solitário, num fim de mundo como Mariana, é uma merda! Sem perspectiva , sem futuro!...

Damasceno, com o efeito da bebida, dá um cambaleio, mas depressa se apruma. Depois continua, pessimista:

DAMASCENO: Uma merda, "seu" Jesuíno!...

JESUÍNO: E seu filho, Damasceno? Por que não manda buscar o garoto? O Afonsinho seria boa companhia para você...

Jesuíno também avança com certa dificuldade. Puxado de novo pelo braço, pára para ouvir Damasceno:

DAMASCENO: Já pensei nisto, Jesuíno. Mas o menino está muito bem com a avó, em Belo Horizonte.

Dá um chute num caroço de manga e depois continua:

DAMASCENO: Belo Horizonte, meu velho, é outra coisa! Cidade nova, moderna, vai garantir o futuro do garoto. Eu aqui, nesta geringonça, o dia inteiro na farmácia, vendendo xaropes, uma merda, Jesuíno, uma merda!

Jesuíno, convencido, concorda:

JESUÍNO: É... Você tem razão, Damasceno, não daria certo não! Uma merda!...

Caminham mais alguns metros, em silêncio, cruzando com outro notívago retardatário.

A saudação que os três se fazem é bem mineira:

NOTÍVAGO: Ôi!...
DAMASCENO: Ôi!...
JESUÍNO: Ôi!...

Depois Jesuíno volta a perguntar:

JESUÍNO: E se você se casasse de novo?... Está moço, ainda dá no couro, não dá?...

Damasceno, que ia acender um cigarro, interrompe o gesto para responder ao amigo:

DAMASCENO: Se ainda dou no couro?!... Quer experimentar?! Baixe as calças!...

Acende, afinal, o cigarro, e então completa:

DAMASCENO: Mas, falando sério, Deus me livre de novo casamento, homem! Não vou estragar a boa lembrança da Eponina...

Tira o chapéu, como numa reverência, e acrescenta:

DAMASCENO: Que Deus a tenha em bom lugar!

Aproximam-se de um muro baixo, no fim de uma ladeira deserta e escura, e nele se sentam, escolhendo um lugar limpo.

218. P.P. de Damasceno e Jesuíno, sentados no muro, e conversando:

DAMASCENO: O pior, Jesuíno, é que o sacripanta de meu auxiliar na farmacia pediu as contas!... Vai para Juiz de Fora...

JESUÍNO: O Raimundo, diz você, põe-se ao fresco?!

DAMASCENO: O Raimundo! Veja você que chatice!

Com certa dificuldade, Damasceno tenta acender o cigarro no do amigo. Dá umas baforadas e continua:

DAMASCENO: O Raimundo foi criado por meu tio. Nasceu, por assim dizer, entre as drogas do velho, acabou meu braço direito! Honesto e competente, agora pega o trem e vai embora! Uma merda, "seu" Jesuino!...

Retira o relógio "cebola" do bolso do colete, examina as horas e exclama:

DAMASCENO: Pôxa, sô! Tardíssimo!

Voltam a caminhar, descendo a ladeira.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 25

EXTERIOR - RUA DIREITA E FARMÁCIA - DIA

219. Câmera focaliza, em P.G., a Rua Direita, ponto comercial da ci-

dade, favorecendo o sobrado onde, no térreo, se localiza a "Pharmacia Central", de Damasceno Peixoto da Silva Alencastro.

Passam alguns moradores, homens e mulheres, uma charrete e até um "Ford" bigode, trepidando no calçamento de pedra.

"Zoom" fecha sobre as portas ainda cerradas da farmácia, que tem uma placa indicativa sob um balcão do pavimento superior.

Uma das portas se abre, pelo lado de dentro, surgindo Damasceno, de avental, começando um novo dia de trabalho.

Logo em seguida, abre-se a segunda porta.

A primeira cliente do dia é uma velha ossuda, que entra no quadro, pela esquerda, sobe o degrau de pedra e penetra na farmácia para comprar remédio.

INTERIOR - "PHARMACIA CENTRAL" = DIA

220. A velha ossuda chega ao balcão da farmácia, com suas altas prateleiras, as colunas de cimento pintado, e, fixados em pontos estratégicos, os cartazes com anúncios de medicamentos da época (1935).

A velha, fungando o nariz, dirige-se ao Damasceno, que se aproximara para recebê-la:

VELHA OSSUDA: Bons dias, "seu" Damasceno! Que Deus esteja!

DAMASCENO: Deus esteja, dona Carminha. Como vai de saúde? O ar é dos melhores...

VELHA OSSUDA: Que nada, "seu" Damasceno! Estou mal... Agora é esse defluxo que me aperreia desde sábado! Que me dá o senhor para isso?

DAMASCENO: O melhor remédio, dona Carminha, é limão espremido em cachaça quente, com bastante alho. Mas, como não vendo essas especiarias, posso é recomendar uns comprimidos de Cafiaspirina.

Enquanto fala, Damasceno apanha o remédio e o entrega à cliente. Ela paga e ele aciona a velha máquina registradora, de idade indefinida.

Faz o troco e a freguesa vai saindo com os votos do farmacêutico:

DAMASCENO: Vá com Deus, dona Carminha, e que o comprimido faça bom efeito!

Ao sair, a velha quase esbarra com o Jesuíno, que está entrando e, aproximando-se do balcão, diz ao amigo:

JESUÍNO: Bom dia, "seu" Damasceno... Tem um bom remédio para bebedeira?...

Jesuíno aperta a mão do amigo e lhe diz, cordial:

DAMASCENO: Tenho um excelente purgativo!... Diabo, Jesuíno, que chegas cedo, sô! Deu formiga na cama?...

221. P.P. dos dois amigos, enquadrados de perfil e separados pelo balcão. O Jesuíno então explica:

JESUÍNO: É sobre o substituto do Raimundo. É isso a que vim, entende? Melhor dizendo, vim trazer-te uma substituta para o Raimundo...

Damasceno, meio espantado, pergunta:

DAMASCENO: Substituta?! Uma mulher, Jesuíno, ouvi bem?!

JESUÍNO: Ouviu. Uma moça, Damasceno, de excelentes qualidades!

222. P.M. do interior da farmácia.

Damasceno vai aos fundos do estabelecimento, de onde traz alguns medicamentos aviados, nos quais cola as etiquetas manuscritas.

Mesmo trabalhando, dialoga com o amigo, reclamando:

DAMASCENO: Estamos arranjados, Jesuíno! Uma moça, diz você?! Para me embrulhar as receitas, embaralhar as drogas, trocar as

bulas?! Ora... ora!

223. De dentro da farmácia, câmera enquadra Damasceno em 3/4 de perfil, ao lado da máquina registradora, e Jesuíno de frente, em P.P., retrucando, meio zangado:

JESUÍNO: Ora, ora, digo eu! Então tens preconceito com as mulheres?! Não admite que elas, hoje, são mais eficientes do que nós, uns cachaceiros? Essa que lhe trago, cursou três anos a Escola de Ouro Preto. Não custa experimentar, homem!

Depois completa, em tom ligeiramente malicioso, piscando o olho:

JESUÍNO: Além disso, velho ranzinza, ela é um brinco, uma jóia!...

224. Contra-campo: Jesuíno à direita, em 3/4 de perfil, com Damasceno de frente, em P.P.

O farmacêutico, ainda não convencido, indaga ao amigo:

DAMASCENO: De que me servirá esse brinco, essa jóia, se não for competente? Isto aqui não é joalheria, Jesuíno!

225. Mesmo enquadramento do nº 223. Jesuíno, em P.P., insiste:

JESUÍNO: Homem, dou garantia do produto! Não se esqueça que a moça estudou na mais antiga Escola de Farmácia do Brasil!

226. P.G. da farmácia, favorecendo o balcão e uma das portas de entrada, pela qual chega um mulato alto e magro, de óculos, que vai dizendo, pernóstico:

MULATO PERNÓSTICO: Sô Damasceno, bom dia! Ainda que mal pergunte, o senhor tem Eli-

xir de Inhame?

DAMASCENO: Se o senhor quiser, pode levar até uma dúzia de fra^scos...

MULATO PERNÓSTICO: Não tanto, bastam dois!

Enquanto Damasceno vai buscar o remédio, Jesuino vai espiar, da porta, o movimento da rua. Cumprimenta uma ou duas pessoas que passam.

Depois de pagar e apanhar os dois frascos embrulhados, o mulato se despede:

MULATO PERNÓSTICO: Obrigado. Até mais ver, "seu" Damasceno...

DAMASCENO: Bom proveito, Virgílio, bom proveito!

O mulato se afasta, saudando ligeiramente Jesuíno de cabeça.

Damasceno aproxima-se do amigo e lhe transmite a decisão, cordato:

DAMASCENO: Bem, Jesuíno. Olha, seja o que Deus quiser! Mande-me sua protegida amanh^ã cedo. Digamos: às oito horas.

SEQUÊNCIA 26

EXTERIOR - RUAS DE MARIANA - DIA

227. Câmera registra a apressada caminhada de Celeste, recomendada de Jesuíno, a partir da casa onde mora com dona Marieta, tia idosa e cozinheira de fama em toda a cidade.

Celeste, mocinha bonita, frágil e delicada, veste um casaco de lã, com um xale no pescoço. Atravessa ruas e praças, desce e sobe ladeiras, preocupada com a hora. Ao ouvir o relógio de uma igreja batendo 8 horas, acelera o passo, afobada.

E chega à Rua Direita com dez minutos de atraso.

INTERIOR - "PHARMACIA CENTRAL" - DIA

228. Damasceno, nos fundos da farmácia, ocupado com receitas e bulas, não percebe a chegada de Celeste que, intimidada, pára diante do balcão, indecisa.

Pouco depois, indo apanhar alguma coisa na loja, Damasceno avista a moça que, embaraçada, lhe diz:

CELESTE: Bom dia... Sou a Celeste... O senhor me desculpe o atraso...

Damasceno aproxima-se, curioso. Ajeita os óculos, que tira do bolso, e olha para o mostrador do relógio de parede.

Guarda os óculos e observa a recém-chegada, com olhos argutos. E lhe diz, tranqüilamente:

DAMASCENO: Ah, muito bem... Como que, então, você é a Celeste, a recomendada do Jesuíno?

CELESTE: Sou. Meu pai, Ubaldino, foi muito amigo de "seu" Libório, pai dele... O Jesuíno é muito nosso amigo...

Procura alguma coisa na bolsa, enquanto acrescenta:

CELESTE: Trouxe uma carta de recomendação do meu ex-professor, Arduíno Matos...

Damasceno não dá muita importância à carta que, após ser lida rapidamente, abandona sobre uma mesinha cheia de frascos. E comenta:

DAMASCENO: Olha aqui, menina: há três coisas que a recomendam muito bem: ter sido aluna do Arduíno; ser amiga do Jesuíno e, principalmente, chamar-se Celeste!

Empurra o recipiente em que mistura uma receita para aviar e, voltando-se para Celeste, começa a declamar os versos de Alphonsus de Guimaraens:

DAMASCENO (declamando):

"Celeste... É assim, divina, que te chamas,
Belo nome tu tens, Dona Celeste...
Que outro terias entre humanas damas,
Tu que embora na terra do céu vieste?"

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar Celeste em P.P.

A moça cria coragem e, inesperadamente, começa a dizer a segunda estrofe do soneto:

CELESTE:
"Celeste... E como tu és do céu não amas:
Forma imortal que o espírito reveste"...

229. Em movimento idêntico, câmera avança, em Trav., até enquadrar Damasceno também em P.P.

Feliz, muito admirado, deixando aflorar no rosto um sorriso conivente, o farmacêutico fica ouvindo Celeste, que continua, em off:

CELESTE (voz off):
"De luz, não temes sol, não temes chamas,
Porque és sol, porque és luar, sendo celeste".

230. Mudando a angulação, câmera focaliza Celeste e Damasceno em P.A.

Depois circula em torno dos dois, centralizando ora um, ora outro.

Terminada a estrofe, dita por Celeste, Damasceno, contentíssimo, retoma o poema:

DAMASCENO:
"Incoercível como a melancolia,
Andas em tudo: o sol no poente vasto
Pede-te a mágoa do findar do dia".

E Celeste conclui o soneto, com voz delicada, de harmoniosa inflexão:

CELESTE:
"E a lua, em meio à noite constelada,
Pede-te o luar indefinido e casto
Da tua palidez de hóstia sagrada".

Terminado o soneto, tocados pela substância poética, Damasceno e Celeste ficam algum tempo em silêncio.

Depois, comovido, o farmacêutico diz:

DAMASCENO: O lugar é seu, minha filha! Mesmo que, daqui por diante, eu não venda muitos remédios, vamos ter, pelo menos, bons versos para recitar. E a poesia é a melhor cura para almas sofridas e solitárias, como esta minha.

EXTERIOR - TORRES E SINOS DE IGREJAS - ANOITECER

231. Câmera focaliza, em P.G., o interior de um bar típico de Mariana, em 1935, com decoração, móveis, bebidas e alguns cartazes com propaganda de produtos de maior consumo, naquela época.

O bar está cheio de jovens, homens de meia-idade, velhos e poucas mulheres. Muitos falam alto, discutindo política (hábito mineiro), queixando-se da vida (hábito nacional), ou falando da vida alheia (hábito latino).

Câmera, em Trav-Avante, focaliza garçons e freqüentadores e vai enquadrar, num canto do botequim, Damasceno e Jesuíno, fumando e bebendo cerveja.

E conversam, já meio tocados pela bebida:

DAMASCENO: Sei não, Jesuíno. Este levante comunista, que o rádio andou anunciando, há-de ter conseqüências funestas para o Brasil! Você não vê nisso tudo um bom pretexto para o Getúlio implantar uma ditadura?

JESUÍNO: Olarilas se vejo! Logo o Getúlio, que não tem nenhuma afinidade com eleições e democracia...

Damasceno apanha o maço de cigarro, oferece um ao amigo e, por sua vez, retira outro, que o Jesuíno acende com um velho isqueiro.

Vendo passar o garçom, um careca meio gordinho, o farmacêutico

lhe fala, alçando a voz:

DAMASCENO: Ô Agripino, me traz mais lingüiça, queijo e batata frita. Mas não demora muito, sô!

O garçom, já se afastando, replica:

AGRIPINO: É pra já, "seu" Damasceno!...

232. P.P. de Damasceno e Jesuíno, no bate-papo alcoolizado:

DAMASCENO: O gaúcho é muito esperto, Jesuíno! Passa a rasteira em todo o mundo, não fica nem com comunismo, nem com integralismo, voceê vai ver!

JESUÍNO: Um caudilho, um caudilho, isto é o que ele é!...

Damasceno toma outro gole de cerveja. Depois volta a falar:

DAMASCENO: Mudando de assunto, Jesuíno: sabe que a Celeste vai indo melhor do que a encomenda? Caprichosa, discreta, ótima de temperamento...

JESUÍNO (satisfeito): Não lhe disse? Viu como acertei em cheio? A Celeste é um meninaço de garota!

Os dois bebem mais cerveja, enquanto o garçom chega com a linguiça e o queijo, dizendo:

AGRIPINO: A batata frita vem daqui a pouco, "seu" Damasceno.

DAMASCENO: Está bem, Agripino. Mas não traz muito gordurosa, ouviu?

Depois o farmacêutico, indeciso em dizer, ou não dizer, acaba se decidindo e confessa ao Jesuíno, meio embaraçado:

DAMASCENO: Jesuíno: vou te dizer uma coisa... A Celeste me convidou para almoçar, domingo, na casa da tia. Mas estou em dúvida... Que você acha? Talvez não fique bem...

O Jesuíno, que o ouvia com muito interesse, bebendo cerveja, dá sua opinião:

JESUÍNO: Besteira sua, Damasceno! O que não fica bem é você recusar o convite...

233. P.P.P. do farmacêutico, explicando:

DAMASCENO: É que já sou meio velhusco, rapaz! Eu é que sei!

Câmera faz Pan.E-D e vai enquadrar também Jesuíno em P.P.P., no instante em que solta uma gargalhada e, divertido, comenta:

JESUÍNO: E você liga pra mexericos, "seu" compadre?! Olha, velhusco: a comida de dona Marieta é a melhor do Brasil! Quer perder o petisco?!...

INTERIOR - CASA DE CELESTE - DIA

234. Câmera detalha um prato, ou panela, fumegando no fogão de lenha da casa de dona Marieta, tia de Celeste. Em detalhe: a fumaça que se esvai por uma fresta do teto, através de um raio de sol.

Após recuar, abrindo o quadro, câmera mostra a cozinha bem típica, dona Marieta, a simpática dona da casa, de avental bordado, e uma preta gorda e sorridente, atiçando o fogo e mexendo numa panela, que também fumega.

Dona Marieta tempera um frango ao molho pardo e, a certa algura, prova a comida numa colher de pau.

235. Na sala de visitas, mobiliada com gosto suspeito, cheio de "bric-à-brac", Damasceno está sentado numa cadeira de palhinha, meio intimidado, ainda com o chapéu na mão.

Celeste, ainda de pé, toma-lhe o chapéu, dizendo:

CELESTE: Com licença, "seu" Damasceno, esteja a gosto!

Depois de colocar o chapéu num cabide, Celeste vai sentar-se noutra cadeira, ao lado do farmacêutico que, ainda cheio de dedos, retira o maço de cigarro do bolso, apanha um e, antes de acendê-lo, pergunta:

DAMASCENO: Permite?...

Celeste, indo apanhar um cinzeiro, repete a frase convencional, e bem mineira:

CELESTE: Esteja a gosto, "seu" Damasceno...

Depois a moça, com muita graça e singeleza, apanha dois cálices e uma garrafinha com bebida de época. Enche os copos e, voltando para perto do farmacêutico, oferece-lhe a bebida.

Bebem em silêncio, ambos meio encabulados.

É quando chega à sala dona Marieta, já sem avental, para avisar:

DONA MARIETA: O almoço está na mesa, "seu" Damasceno. Celeste, traga seu patrão para a sala, querida.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - CASA DE CELESTE - DIA

236. O almoço está chegando ao fim. À cabeceira da mesa antiga, Damasceno saboreia o resto de frango e seus acompanhamentos, bebe um gole de vinho e, já desinibido e meio empanturrado, comenta para dona Marieta e Celeste, uma à sua direita, outra à esquerda:

DAMASCENO: O Jesuíno tem toda razão, dona Marieta! Nunca comi nada mais gostoso! A senhora tem mãos de mestre!

Dona Marieta, lisonjeada, prodigamente recompensada da trabalheira na cozinha, exclama, muito feliz com o elegio, bastante sincero, por sinal:

DONA MARIETA: Bondade sua, "seu" Damasceno... Comida caseira, de gente pobre...

DAMASCENO: Que nada, dona Marieta! Nem o Barão de Rothchild comeria melhor no "Maxim's" de Paris!

DONA MARIETA: Está falando difícil, "seu" Damasceno... Que gente é essa?...

237. P.G. da sala e dos três comensais.

Damasceno deixa a mesa, põe a mão na barriga, demonstrando enorme satisfação gastronômica e, copo à mão, vai à janela, espia a cidade, enquanto explica:

DAMASCENO: Rothchild é o homem mais rico do mundo, e o "Maxim's" é o restaurante mais famoso de Paris...

Celeste também se levanta e vai ao encontro do farmacêutico, enquanto dona Marieta retira os pratos. E pergunta, com muita simplicidade:

CELESTE: O senhor já esteve lá, "seu" Damasceno?

DAMASCENO: Eu, em Paris?!... Sou um mineirão caipira, Celeste! Nunca saí do Brasil, aliás, de Minas Gerais! Bem que eu gostaria, bem que eu gostaria!...

Encaminha-se para a moça, coloca-lhe carinhosamente a mão no ombro e, com voz meio pastosa, pelo vinho bebido, lhe fala:

DAMASCENO: Celeste, vou lhe pedir uma coisa: não me chame mais de senhor, de "seu" Damasceno, de patrão. Pode fazer isto? Eu ficaria muito contente!

Celeste olha Damasceno com olhos gaiatos e responde, brincando:

CELESTE: Sim, senhor patrão! Suas ordens serão cumpridas, "seu" Damasceno!...

238. De outro ângulo, câmera focaliza Celeste e Damasceno em P.A.L. Depois inicia lento Trav-Avante, até enquadrá-los em P.P.

Os dois, na ausência de dona Marieta, ocupada na cozinha, como que se abraçam ligeiramente, divertidos com a brincadeira. Mas Celeste, pondo-se de repente séria, fala, com grande suavidade:

CELESTE: Damasceno... Você... Você, Damasceno...

Recosta-se graciosamente no farmacêutico que, comovido, atrai-a para si e lhe fala, amorosamente:

DAMASCENO: Gosto de você, Celeste... Sua presença jovem, tão meiga, me faz bem, traz alegria à minha vida...

Depois de alguns segundos, em silêncio, torna a dizer, quase aos ouvidos da moça:

DAMASCENO: "Porquê és sol, porquê és luar, sendo Celeste"...

Celeste recosta delicadamente a cabeça no ombro do farmacêutico que, enlevado, lhe afaga os cabelos.

Quando ouvem os passos de dona Marieta, retornando à sala, separam-se e vão à sala de visitas, para o cafezinho tradicional.

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 27

INTERIOR - "PHARMACIA CENTRAL" - DIA

239. No interior da farmácia, Damasceno atende a três moradores, enquanto Celeste, na parte dos fundos, avia receitas, já com tarimba e desembaraço.

Chega à loja, caminhando vagarosamente, um homem de meia-idade, os cabelos grisalhos, o rosto pálido e escavado.

Damasceno vai atendê-lo com solicitude e consideração:

DAMASCENO: Como está passando, professor? Está melhor? Resolveu seu problema digestivo?

PROFESSOR: Melhorei um pouquinho, Damasceno, mas continuo ainda com essa dor de estômago enjoada!

Damasceno apanha, numa prateleira, um remédio da época, e o estende ao cliente, dizendo:

DAMASCENO: Este remédio chegou há pouco. Mas, professor, por quê o senhor não faz uma consulta em Belo Horizonte, ou no Rio de Janeiro?

PROFESSOR: Já fiz, Damasceno, e não adiantou grande coisa.

Trazendo na mão o recipiente de aviar receita, Celeste aproxima-se do farmacêutico e, vendo-o ocupado com o cliente, hesita um pouco.

Mas Damasceno a socorre, paternal:

DAMASCENO: Sim, Celeste, alguma coisa?...

CELESTE: Não encontro o frasco de sal amargo. O senhor... (hesita um pouco para prosseguir), onde você o guarda?...

Damasceno aponta para uma prateleira:

DAMASCENO: Alí, Celeste. Vai apanhar...

Enquanto Celeste volta à labuta, Damasceno despacha o professor, que sai sob o olhar afetuoso do farmacêutico:

DAMASCENO: Estimo melhoras, professor. Até mais ver.

PROFESSOR: Até breve, Damasceno.

240. Com a partida do cliente, Damasceno vai ao encontro de Celeste, nos fundos da farmácia, e lhe fala, exprimindo tristeza:

DAMASCENO: Veja você, Celeste, como a vida é caprichosa e triste: aquele homem, que acaba de sair, está com câncer. Não sabe de nada e acredita que é problema de estômago. Ninguém tem coragem de lhe dizer a verdade, nem a família, nem os amigos.

CELESTE: Que coisa triste, Damasceno! Quanto drama existe por aí...

DAMASCENO: Você ainda não viu nada, Celeste!

Ficam alguns instantes em silêncio. Celeste volta a aviar suas receitas.

Damasceno chega mais perto dela e, afagando-lhe os cabelos, faz o convite:

DAMASCENO: Você trabalhou muito nesta semana, Celeste. Estive pensando: vamos domingo à Cachoeira das Andorinhas? A gente faz um picnic... Se quiser, pode levar dona Marieta.

CELESTE: Gostaria muito, Damasceno!

Toma delicadamente a mão do farmacêutico e acrescenta, com grande doçura:

CELESTE: Vamos só nós dois, Damasceno. Não precisa ir mais ninguém...

SOM : Antecipando-se à próxima imagem, entra na trilha sonora o som do motor de um velho carro, modelo 1932, ou 1933, subindo a serra, além de música de época.

EXTERIOR - SERRA E CACHOEIRA DAS ANDORINHAS - DIA

241. "Flashes" de cobertura do passeio de Damasceno e Celeste.

O farmacêutico guia um automóvel da época, com capa, óculos e

chapéu.

Câmera documenta, em planos sugestivos, a subida empolgante da serra, nas proximidades do Pico de Itacolomi, e a chegada à bela cachoeira, atração turística da região.

242. Nas imediações da cachoeira, espalhados num grande platô, casais, homens, mulheres, velhos e crianças, também desfrutam o luminoso domingo.

Num recanto, sob uma árvore frondosa, Damasceno e Celeste estendem a toalha e preparam o pic-nic, com a comida apetitosa e os quitutes mineiros de dona Marieta.

Damasceno abre uma garrafa de vinho, enche dois copos e, antes de beber, faz um brinde:

DAMASCENO: Um bfinde à moça que está trazendo alegria e felicidade ao cinqüentão solitário de Mariana...

Bebem o primeiro gole. Depois Celeste retribui:

CELESTE: Retribuo o brinde e presto homenagem ao melhor patrão do mundo!...

Damasceno faz um gesto e impede Celeste de continuar, corrigindo:

DAMASCENO (fingindo seriedade): Queira fazer-me o favor, senhorinha Celeste, de retirar este horrível palavrão, patrão! E exijo outro brinde, senhorinha! Como patrão, exijo!

Os dois começam a rir da brincadeira. Celeste retoma o copo e, desta vez, com encanto e simpatia, refaz o brinde:

CELESTE: Brindo ao homem mais generoso, ao amigo mais gentil, ao poeta mais sensível...

Olhando Damasceno nos olhos, Celeste completa:

CELESTE (continuando)... ao companheiro

afetuoso que faz de meu trabalho um prazer de cada dia.

DAMASCENO: Agora,sim! Melhorou muitíssimo, minha Celeste...

Por instantes, os dois bebem, felizes, imersos em sua própria ventura.

Damasceno, pouco depois, com voz comovida, acrescenta:

DAMASCENO: Foi o brinde mais bonito que ouvi em minha vida. Aliás, uma vida de poucos brindes...

Bebe outro gole, recosta-se no tronco da árvore, toma a mão de Celeste e a traz para mais perto de si.

Em seguida, envolvido pelo instante de ternura e lirismo, enlaça-a amorosamente, beija-lhe os cabelos, as mãos, o rosto, com delicadeza e emoção.

Ficam mais alguns instantes em silêncio, contemplando a paisagem majestosa.

Câmera documenta o instante emotivo, circula em torno dos dois, detalha a serra, a mata, as árvores, as nuvens com desenhos caprichosos.

243. Depois de enquadrar Damasceno e Celeste em P.A.L., câmera inicia lento Trav-Avante, até fixá-los em P.P.

Rompendo o silêncio conivente e amoroso, Damasceno acaricia ternamente a moça e lhe diz:

DAMASCENO: A melhor coisa que me aconteceu, nestes últimos tempos, foi sua chegada, com ligeiro atraso, à "Pharmacia Central", lembra-se?

CELESTE: Nunca vou me esquecer, Damasceno!... Em vez de 8 horas, cheguei às 8 e 10, nervosa, o coração batendo depressa. E você ficou olhando o relógio...

DAMASCENO: Para ver quantos momentos de de-

lícia a vida me roubou...

Volta-se para Celeste e, muito perto dela, contempla-a com enorme carinho. Aproxima o rosto e a beija na boca, demoradamente.

Celeste abraça-o com força e sensualidade, prolongando o beijo inesperado.

Os dois, logo a seguir, unidos pela emoção e o desejo, ficam calados, enchendo o silêncio de entrega e cumplicidade.

Depois Damasceno faz a confissão implícita:

DAMASCENO: Gosto muito de você, Celeste! Gosto tanto que a quero comigo, hoje, amanhã, para sempre...

E confessa, com disfarçada timidez:

DAMASCENO: Estou lhe fazendo um pedido de casamento...

Câmera avança um pouco mais, retirando Celeste do quadro e fixando Damasceno em P.P.P., quando acrescenta:

DAMASCENO: Há esta grande diferença de idade, e sei que vão dizer que você poderia ser minha filha, ou até minha neta. Isto não me incomoda, Celeste. Não dou importância a diz-que-diz e mexerico. Mas, se você...

Câmera, através de Pan.E-D, tira o farmacêutico do enquadramento e fixa Celeste também em P.P.P., ouvindo, enternecida, a voz off de Damasceno, que completa:

DAMASCENO (voz off) ... pensar diferente, minha filha, fica o dito por não dito!...

Celeste, emocionada, olhando-o nos olhos, responde após curto intervalo:

CELESTE: Também gosto do sen... de você, Damasceno. Como avô, como pai, como amigo...

Câmera faz pequeno Trav-Atrás, recolocando Damasceno no quadro, fixado em P.P., juntamente com Celeste que, ao dizer as últimas palavras, aproxima o rosto de Damasceno e, com enorme doçura, finaliza:

CELESTE: E como marido...

Os dois, enlevados e felizes, voltam a beijar-se na boca.

SOM - Sobe, na trilha sonora, o som de órgão, ou "harmonium", com a "Marcha Nupcial" de Mendelssohn.

SEQUÊNCIA 28

INTERIOR - IGREJA DAS MERCÊS - DIA

244. Câmera enquadra Celeste e Damasceno em P.P., no instante em que, dada a bênção nupcial, se beijam no altar da Igreja das Mercês.

SOM - De mistura com a "Marcha Nupcial", ouve-se também o som de sinos, repicando alegremente.

Enquanto o padre, celebrante da cerimônia de casamento, se afasta com o coroinha, os noivos descem o degrau do altar e ganham o centro da nave, caminhando lentamente entre as fileiras de bancos.

Seguindo-os em Trav-Atrás, câmera vai mostrando, nos primeiros bancos, os convidados do casal: Dona Belmira e o neto, Afonsinho, filho de Damasceno e da falecida Eponina; Dona Maria do Carmo, irmã da primeira mulher do farmacêutico, com sua filha Elisa, moça de grande beleza, pouco mais velha do que Celeste; Dona Marieta, Jesuíno, o garçom Agripino, o professor, doente de câncer, e alguns poucos mais.

Ao cruzar com Jesuíno, Damasceno faz-lhe um sinal, que pode significar vitória, ou derrota, ao qual responde o amigo dileto com um sorriso feliz e afetuoso.

245. Na sacristia, na fila de cumprimentos, Elisa, sorridente, aproxima-se da noiva, que veste um simples, mas caprichado vestido, beija-a e

a fita com olhar envolvente, de brilho intenso, do qual emana um encanto sensual que deixa Celeste ligeiramente perturbada.

Ao beijá-la, Elisa segreda, com grande ternura:

ELISA: Você está linda, Celeste!...

E se afasta, enquanto outros convidados chegam, na fila, para os cumprimentos de praxe.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - NOITE

246 Na bonita residência de Damasceno, pintada de novo e guarnecida com os velhos móveis do Tijuco, realiza-se íntima e agradável recepção aos convidados do casamento.

As mesmas pessoas, vistas na igreja, saboreiam o suculento jantar preparado por dona Marieta, regado a vinho, licor, cerveja, conhaque francês e a famosa cachaça de Januária.

Câmera documenta a festa alegre, musicada pelo conjunto do seresteiro mais famoso de Mariana, Tininho Torres, também companheiro de boemia e antigas serenatas de Damasceno e Jesuíno.

Celeste, sempre com o bonito vestido de noiva, está sentada entre Elisa e sua mãe.

Damasceno tem o filho Afonso, de 4 anos, a seu lado, enquanto Jesuíno, já meio bebido, perto dele, pergunta, a certa altura:

JESUÍNO: Então, mano velho, te enforcaram, hein?... Quem diria, sô!...

DAMASCENO: Agora só falta você, Zé do Mato! Quando vão te fisgar, velho feio?!...

JESUÍNO: Nunca! Cruz credo, te esconjuro!

A mesa cai em risadas, enquanto o Jesuíno, após beber mais um gole de cachaça, acrescenta:

JESUÍNO: E onde é que vai ser a lua-de-mel?...

DAMASCENO: Aqui mesmo, Jesuíno. No fim do ano tiro férias e levo Celeste ao Rio de Janeiro.

247. Em nova angulação, câmera focaliza parte da mesa, favorecendo Padre Medeiros, celebrante do casamento, que se levanta, copo à mão, e propõe um brinde:

PADRE MEDEIROS: Brindo pela felicidade eterna de nossos prezadíssimos amigos! E que Deus os abençõe, e lhes dê paz e amor!

Perto do sacerdote, Jesuíno, mais do que depressa, apanha o copo de cachaça, também se levanta e, pegando a deixa, completa, jocoso:

JESUÍNO: Paz, amor e alguns irmãozinhos pro Afonsinho!...

O Afonsinho, que já cochilava na cadeira, leva um pequeno susto, ao ouvir seu nome, e pergunta ao pai, meio espantado:

AFONSINHO: Irmãozinhos, papai?!...

Em meio às gargalhadas, Damasceno acaricia o filho e o tranqüiliza:

DAMASCENO: Brincadeira do tio Jesuíno, Afonsinho!

Depois, com o copo de vinho, também se levanta e fala aos convidados:

DAMASCENO: Agradeço, comovido, em nome de Celeste e do meu, essa manifestação de amizade de vocês todos. Ergo também minha taça, ou melhor, meu copo, pela saúde e felicidade de todos os queridos amigos!

248. Os convidados, alegre e ruidosamente, deixam a mesa de refeição e se espalham pela casa e o jardim.

Elisa, procurando Celeste, avista-a no jardim e vai ao seu encontro.

Aproveitando uma saída de Damasceno, as duas vão sentar-se num banco de pedra, conversando:

ELISA: A festa está linda, Celeste! Sua casa é um encanto e, neste jardim, você é a flor mais bela...

CELESTE: Obrigada, Elisa, obrigada por tudo, por você ter vindo, por ser tão gentil!...

Elisa toma-lhe a mão, em movimento tão discreto que nem Celeste percebe que a está levando aos lábios.

Elisa beija-lhe a mão, a princípio muito de leve, mas, depois, mais demoradamente, e com sensualidade, dizendo:

ELISA: Quero muito ser sua amiga, Celeste...

CELESTE: Mas, é claro, Elisa! Vamos ser amigas, grandes amigas!

ELISA: As pessoas que mais estimo me chamam de Lili...

Depois de mais um beijo demorado nas mãos, agora ajuntadas, Elisa completa, insinuante:

ELISA: Quero que você me chame de Lili...

Câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.A.L., quando Damasceno, vindo do interior da casa, traz duas taças na mão.

Vem, evidentemente, para beber mais uma vez com a noiva. Vendo as duas, no entanto, encaminha-se para o banco e, elegantemente, oferece as taças às duas moças, dizendo, enquanto enlaça Celeste, que se pusera de pé, para recebê-lo:

DAMASCENO: Fico satisfeito, vendo que vocês já se tornaram amigas.

ELISA: Celeste é linda, tio! Você é mesmo um felizardo!

Damasceno faz um carinho em Celeste e concorda, feliz:

DAMASCENO: Também acho, Lili!...

Os três se afastam, voltando à sala e aos convidados.

Câmera faz Pan e focaliza uma das janelas que dão para a varanda e o jardim.

Depois avança, em Trav., ou pelo movimento de aproximação da lente "Zoom", até penetrar no quarto matrimonial, pela janela.

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

249. Instalada no interior do quarto matrimonial, câmera completa o movimento de aproximação e enquadra, ligeiramente à direita, o velho e estupendo leito colonial, fabricado no Tijuco, deixando, à esquerda, a porta que liga o cômodo ao corredor.

O leito está recoberto por vistosa colcha de linho ouro-velho, de excelente qualidade. Há flores e cortinas novas, tudo revelando cuidados especiais para a noite de núpcias.

Surge, então, à porta de entrada, felizes e exaustos, Damasceno e Celeste. Ainda na soleira da porta, abraçam-se e se beijam, cercados pelo silêncio da casa, ao término da festa.

Damasceno, ainda abraçado à noive, pergunta, à meia-voz:

DAMASCENO: Feliz, amor? Muito feliz?...

Brincando com uma mecha de cabelo do marido, Celeste responde com um simples Ã...Ã..., confirmando com a cabeça.

Damasceno, que está poético e inflamado, volta a dizer, agora com mais ênfase:

DAMASCENO: Obrigado, amor, por você ser minha!...

Em seguida, sempre abraçados, os dois caminham alguns passos pelo quarto, aproximando-se do leito.

250. Em nova angulação, câmera favorece destacadamente o velho leito de casal, envelhecido pelo tempo, os docéis e cortinados emoldurando o enquadramento e, ao fundo, Damasceno e Celeste aproximando-se.

Podendo, agora, de mais perto, apreciar o móvel antigo, Celeste pára, deslumbrada, e só consegue dizer, os olhos fixados na cama:

CELESTE: Que maravilha, Damasceno!... Tenho a impressão que foi feita para mim... para nós!...

Dizendo isto, volta-se para o marido, que ficara parado a alguns metros do leito.

Câmera, seguindo o olhar de Celeste, faz Pan.D-E e vai focalizar Damasceno com as feições transtornadas, lívido e espantado.

251. P.M. de Celeste, Damasceno e parte da cama.

Celeste, avistando o estranho aspecto do marido, vai ao seu encontro, perplexa, querendo saber:

CELESTE: O que foi, Damasceno?! Que aconteceu, amor?! Não está se sentindo bem?!...

Recosta-se nele, tentando acalmá-lo. Depois acrescenta, meigamente, como para brincar:

CELESTE: Parece que viu fantasma!...

Damasceno, já se reanimando, abraça-se à mulher e, ainda um pouco trêmulo e assustado, responde:

DAMASCENO: E vi mesmo!...

Aponta para a cabeceira da cama e completa, com perplexidade:

DAMASCENO: Parece que vi, no medalhão da cabeceira, dois olhos estranhos...

Câmera avança, em Trav., até fixar o casal em P.P., enquanto Damasceno conclui:

DAMASCENO: ... fitando-me com ódio!

Celeste, impressionada com o timbre estranho da voz do marido, só consegue dizer:

CELESTE: Eu não vi nada...

Damasceno, para desanuviar o ambiente e deixar tranqüila a mulher, abraça-a com mais força e lhe diz, mais à vontade:

DAMASCENO: Deve ser imaginação minha, ou efeito da bebida... Nesta cidade muita gente avista fantasmas e almas do outro mundo...

Celeste desembaraça-se dos braços do farmacêutico e, como uma criança, joga-se ao leito, com o vestido de noiva, véu e grinalda, exclamando, alegremente:

CELESTE: É a cama mais bonita do mundo, amor!

Recosta a cabeça nos travesseiros altos e macios, com fronhas de seda finíssima, e acrescenta:

CELESTE: Acho maravilhoso a gente passar a primeira noite numa cama assim!...

252. Depois de enquadrá-la, a partir do pé da cama, câmera avança, lentamente, até o P.P. de Celeste e do medalhão da cabeceira.

Celeste ainda comenta, como para si mesma:

CELESTE: Tudo isto é um sonho!...

SOM - Na trilha sonora, além dos ruídos característicos da noite, também se ouve o bater das horas na Igreja da Sé.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 29

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

253. A imagem de Celeste e do medalhão da cama, registrada no plano anterior, funde-se, lentamente, com o P.P. de Damasceno, sentado à beira do leito, deprimido e pensativo.

Câmera recua em Trav., mostra parte do leito e, à esquerda do enquadramento, Celeste deitada, parcialmente coberta pela colcha.

Tem os olhos fixos em Damasceno, sem entender muito bem o que se passa.

O farmacêutico, contrafeito e melancólico, comenta, como se estivesse se desculpando:

DAMASCENO: Bebi demais, meu bem... Acho que é isto! Nunca me aconteceu isto, antes...

CELESTE: Por que dar tanta importância a isto, querido? Coisa à-toa! Isto passa...

Ergue-se um pouco, deixando ver o busto seminu, decotada nos seios, muito atraente e tristonha.

Recosta a cabeça e o busto nas costas do marido, que permanece na mesma posição, constrangido.

Celeste, muito meiga, então lhe fala:

CELESTE: Também estou muito cansada... Vem, amor, vamos dormir. Já é tarde...

Damasceno então se volta e, acariciando-lhe o rosto, responde:

DAMASCENO: Não se preocupe comigo, Celeste... Não tenho sono. Durma, minha filha, durma bem! Você deve estar exausta!...

Celeste volta a estender-se no leito. E diz, bocejando:

CELESTE: Estou, sim... Exausta, com muito sono...

ESCURECIMENTO

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

254. Depois de focalizar Damasceno e Celeste, abraçados, na cama matrimonial, câmera recua, em Trav., mostrando o farmacêutico no instante em que, extremamente nervoso, afasta-se com certa rudeza da mulher, deixa a cama, caminha pelo quarto e exclama:

DAMASCENO: Não adiante, Celeste! Estou doente, esta é a verdade, estou doente!

E vai sentar-se, pesadamente, na cadeira de balanço, perto de uma janela.

Celeste, ainda na cama, então comenta, pesarosa:

CELESTE: Você se preocupa demais com isto, Damasceno, fica nervoso, impaciente, faz um cavalo de batalha...

255. P.P. de Damasceno, muito irritado, e que replica com aspereza, quase grosseiramente:

DAMASCENO: É fácil dizer isto! Para você, isto não é nada, vai passar, não se preocupe! Para mim isto é muito desagradável, uma merda, ouviu?!

256. P.G. do quarto e do casal. Caindo em si, diante do silêncio e a surpresa de Celeste pelo desabafo grosseiro, Damasceno deixa a cadeira e volta ao leito, abraçando-se à mulher e lhe dizendo, desesperado:

DAMASCENO: Desculpe-me, Celeste! Desculpe a grosseria!

CELESTE: Não se preocupe, amor, procure se acalmar, não fique assim tão nervoso... Sei que isto acontece...

Damasceno, mais calmo, mas ainda muito abatido, afaga tristemente os cabelos de Celeste, dizendo:

DAMASCENO: Ainda bem que você compreende... É que gosto demais de você, é isto!

Ficam alguns instantes calados, abraçados. Depois Damasceno, sempre acariciando Celeste, acresdenta, um pouco reanimado:

DAMASCENO: Assim que Lili chegar, para te fazer companhia, vou a Belo Horizonte. Quero

me consultar com o doutor Anielo, fazer um exame geral, ver o que tenho!

Beija-lhe carinhosamente o rosto e conclui:

DAMASCENO: Agora durma. Vou tomar um copo de leite.

Câmera, depois que Damasceno se afasta, faz Trav.-Avante e vai enquadrar Celeste em P.P.P.

Seguindo o marido com os olhos, Celeste murmura, sem preocupar-se que ele a ouça:

CELESTE: Depois venha descansar um pouco...

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 30

EXTERIOR - RUA DIREITA - DIA

257. Elisa vem descendo a Rua Direita, em dia de sol forte.

Aproxima-se da "Pharmacia Central", sobe o degrau e entra no estabelecimento comercial.

INTERIOR - "PHARMACIA CENTRAL" = DIA

258. Celeste, de avental branco, está atendendo alguns fregueses da farmácia.

Elisa, depois de saudá-la com um gesto, vai sentar-se num banco de madeira e fica observando a amiga ao trabalho.

Depois que os clientes, atendidos amavelmente pela moça, se afastam, Elisa aproxima-se do balcão e comenta, amistosa:

ELISA: Tio Damasceno não podia encontrar substituto melhor! Agora pode viajar quando quiser, pois você é maravilhosa!

Após pequeno intervalo, enquanto Celeste ajeita remédios na prateleira, Elisa pergunta:

ELISA: Trabalhou muito, hoje?...

Celeste se aproxima da amiga. As duas se beijam, carinhosamente:

CELESTE: Foi um dia movimentado, Lili. Estou um pouco cansada. Daqui a pouco está na hora de fechar. Vamos juntas para casa? Pode esperar?

ELISA: Claro que posso! Gosto de ver você com esse avental... Parece médica...

EXTERIOR - RUA E JARDIM DE MARIANA - ANOITECER

259. Depois de focalizar Celeste e Elisa em P.P., caminhando numa rua de Mariana, câmera recua, abrindo para P.A. e seguindo-as em Trav-Atrás, registrando-lhes o diálogo:

ELISA: Me diga, querida... O que está deixando você tão melancólica?... Não quero ver você tão triste, nunca, ouviu?...

Celeste nada responde, limitando-se a olhar a amiga com um olhar efetivamente triste e cansado.

Elisa insiste, preocupada com o silêncio depressivo da amiga:

ELISA: Tenho a certeza de que há alguma coisa séria entre você e o tio... Você está aflita, tensa! Me conta, querida, o que está se passando com você?!...

De repente, sem mais conter-se, Celeste lança-se nos braços de Elisa, chorando:

CELESTE: Lili, Lili, você tem razão! Meu casamento é um desastre, nada dá certo! Damasceno está doente! Foi um grande erro este casamento, um grande erro!...

Caminham pela alameda de um jardim e, mais adiante, vão sentar-se

num banco.

260. P.P. de Celeste e Elisa, num recanto florido do jardim.

Alí Elisa, recostando o rosto de Celeste em seu ombro, procura acalmar a amiga, dizendo-lhe carinhosamente:

ELISA: Fique calma, querida!... Por favor, procure acalmar-se, meu bem! Estou aqui, com você, não deixo mais você ficar sozinha...

Estende um lencinho a Celeste, que enxuga as lágrimas. Ficam alguns instantes caladas, Elisa acariciando levemente as mãos da amiga.

Depois Celeste lhe fala:

CELESTE: Quero ir para casa, Lili...

Levantam-se e se afastam.

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - NOITE

261. Celeste está estendida na cama, muito abatida ainda.

Elisa chega ao quarto com um calmante, que oferece à amiga, dizendo:

ELISA: Tome, querida, vai te fazer bem...

Celeste põe na boca o comprimido, toma um gole de água e fecha os olhos, recostada no travesseiro, enquanto Elisa, olhando-a com ternura, afaga-lhe as mãos, o rosto, os cabelos, delicadamente:

ELISA: Vai se acalmar, dormir um pouco...

262. Em nova angulação, câmera focaliza Elisa, sentando-se na cadeira de balanço, e, mais ao fundo, à esquerda do quadro, Celeste no leito, olhos cerrados.

Quando se assegura de que Celeste adormeceu, Elisa, evitando ruído, fecha a janela, escurecendo mais o quarto, volta a sentar-se na cadeira e alí, balançando-se vagarosamente, fecha também os olhos, ouvindo os sons da noite, um sino distante, grilos, latidos distantes de um cão.

F U S Ã O

263. Horas mais tarde, acordando, Celeste avista Elisa, adormecida na cadeira.

Pé ante pé, evitando acordá-la, deixa o quarto e vai à varanda.

EXTERIOR - VARANDA - NOITE

264. Na varanda, com muitas plantas, flores e algumas gaiolas de pássaros, Celeste vai sentar-se num banco de ferro. Aspira o perfume das flores, observa a noite que escoa.

Pouco depois escuta passos e avista Elisa, que vem sentar-se a seu lado, dizendo:

ELISA: Não quis descansar mais, Celeste?...

CELESTE: Acordei sem sono... Gosto muito deste recanto. Na noite de casamento tive um sonho... com você. Sonhei que estávamos as duas neste banco...

Elisa enlaça a amiga, que recosta a cabeça em seu ombro. E continua, com suavidade e doçura:

CELESTE: Eu estava triste, muito triste, e você me disse coisas muito bonitas...

Elisa atrai, com mais calor, o corpo formoso da amiga, aspira-lhe o perfume dos cabelos, que beija com delicadeza e sensualidade, dizendo:

ELISA: Adoro estar aqui com você, em sonho ou, como agora, sentindo nas mãos o palpitar de seu corpo... Adoro este lugar, o pátio, o jardim...

265. Câmera passeia pela varanda, pelo jardim, captando detalhes expressivos, imagens suaves e sugestivas, enquanto Elisa continua, em off:

ELISA (voz off): Sempre gostei de casas antigas, como esta, com varanda e balcões, jardim, muro de pedra, coberto de

musto e samanbaias, sala forrada com papel azul, desbotado, fechada com o prolongamento do telhado, portas de vinhático, uma escadinha levando ao sótão...

266. Câmera, lentamente, avança até enquadrar Celeste e Elisa em P.P. Estão comovidas, unidas pelo instante poético. Celeste, no mesmo tom nostálgico e confidente, acrescenta:

CELESTE: No sótão há velhas canastras, onde mulheres tristes guardaram segredos, roupa velha, lembranças do passado, de uma vida vazia e infeliz...

Elisa abraça ternamente a amiga e, em certo momento, beija-lhe os cabelos, a fronte, os olhos. E lhe diz, com um estremecimento envolvente e sutil:

ELISA: Dentro da casa, alguém... como você, esta luz delicada, este ar puro e perfumado, como seu rosto, sua pele, suas mãos tão lindas...

Acaricia com os lábios, com extrema delicadeza, as mãos esguias de Celeste, repetindo os versos de Alphonsus de Guimaraens:

ELISA: "Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas"...

Ficam em silêncio, Elisa olhando amorosamente a amiga, seduzindo-lhe os sentidos, numa consumpção voluptuosa e sensível.

Depois, murmura-lhe aos ouvidos, com encanto e langüidez:

ELISA: Gosto muito daqui, desta casa, deste ambiente... Principalmente de você, Celeste... Gosto muito de você!...

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - MANHÃ

267. Deslocando-se para o interior do quarto matrimonial, câmera

focaliza Celeste estendida no leito colonial, com Elisa, sentada à beira da cama, acariciando-lhe os cabelos, os braços, o colo palpitante.

Celeste, fechando os olhos, entrega-se a um prazer indefinido, aberto como flor, como um sentido latente, cheio de delícia.

Elisa então lhe fala, com inebriante ternura:

ELISA: Você é linda, Celeste, linda e deliciosa... Adoro você, amor!...

De repente, acordando do torpor sensual, Celeste é dominada por um inesperado sentimento de culpa e vergonha.

Com um gesto brusco, afasta Elisa e lhe diz, rispidamente:

CELESTE: Não, não, Lili! Não quero! Vá embora, vá embora!...

Elisa, surpreendida e confusa, levanta-se, atravessa o quarto e sai, fechando a porta.

F U S Ã O

INTERIOR - QUARTO DE DAMASCENO - DIA

268. Horas mais tarde, deitada ainda na cama, Celeste ouve abrir-se a porta do quarto e vê Elisa, com roupa e mala de viagem.

Elisa, junto à porta, diz a Celeste, fria, distante:

ELISA: Estou indo embora, Celeste. Vim me despedir...

Dominada, subitamente, pelo pânico, Celeste salta do leito e corre na direção da amiga, exclamando:

CELESTE: Você vai embora?!... Não, não, querida, não vá embora, pelo amor de Deus!...

ELISA: Não era isto que você queria, Celeste?...

Celeste, desesperada, abraça-se à amiga e responde, chorando nervosamente:

CELESTE: Eu?!... Querendo que você vá embora?! Nunca, Lili, nunca quis isto!...

Elisa, comovida, deposita a mala no chão e, envolvendo Celeste num abraço apertado e aflito, pergunta:

ELISA: Quer, então, que eu fique aqui, com você?...

CELESTE: Quero, meu bem, quero, preciso que fique, suplico para ficar!...

As duas, abraçadas, voltam ao leito e nele se jogam, chorando, com paixão, com um carinho arrebatado e nervoso:

CELESTE: Lili, Lilizinha, não vá embora, meu bem, não vá embora, pelo amor de Deus!... Nunca, nunca!

Câmera, versátil, registra o abraço desesperado das duas amigas, que se beijam, se acariciam, soluçando, murmurando palavras de amor e ternura:

ELISA: Meu bem!... Meu amor!...

CELESTE: Não vá embora, Lili, fique comigo, não me deixe sozinha!... Meu bem, meu bem, minha vida!...

Elisa beija os olhos de Celeste, sorve-lhe as lágrimas e, com as mãos frementes, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios. Depois beija-a na boca, longamente, apaixonadamente.

INTERIOR E EXTERIOR - ESTAÇÃO DE MARIANA - DIA

269. Damasceno está chegando, de trem, da viagem a Belo Horizonte.

A composição, puxada pela velha locomotiva "Maria Fumaça", pára ruidosamente na estação da cidade.

O farmacêutico desce de um dos carros com mala, sacola, capa e jornais.

Fatigado, cheio de poeira, entrega a bagagem a um carregador e segue a pé para casa.

SOM - Ruídos ambientais, vozes, gritos de camelôs, apregoando coisas, carregadores, etc.

Damasceno atravessa a praça e a ponte, cruzando com populares. Alguns o cumprimentam de longe, cerimoniosamente. Um velho, de grandes bigodes brancos, vem ao seu encontro, perguntando, bisbilhoteiro:

VELHO DE BIGODES: Olá, "seu" Damasceno. Chegando do Rio de Janeiro?...

Damasceno, impaciente para livrar-se do velho, responde, seguindo em frente:

DAMASCENO: Nada de Rio, "seu" Lucas. Dei um pulo foi a Belo Horizonte. Até mais ver, "seu" Lucas.

Aperta-lhe a mão e, fazendo um gesto para o carregador, apressa o passo, a caminho de casa.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

270. No quarto de Celeste, nesse mesmo instante, prossegue o ritual amoroso, de paixão e erotismo.

Celeste e Elisa, nuas, estão caladas, desfrutando o prazer intenso do sexo e da carícia.

Em torno das duas há um silêncio penetrante, e todo o quarto parece traspassado por um encanto singular, quase irreal.

Um desejo excitante vai sendo desfrutado, voluptuosamente, pelas moças, enquanto a câmera, ágil, versátil e minudente, registra a abrasada cena de amor, captando-lhes a emoção profunda que as estremece.

Elisa, a certa altura, posta-se aos pés de Celeste, beija-lhe lascivamente as pernas, as coxas, o púbis deliciado.

Celeste, num gozo indizível, crescendo do fundo de si mesma, entrega-se, como flor fecundada, à carícia física que a transfigura e inebria.

EXTERIOR - RUA DE MARIANA - DIA

271. Ligeiramente em "contre-plongée", câmera enquadra e acompanha, em Trav-Atrás, Damasceno, caminhando, em P.P.

Aproxima-se da Rua das Mercês, o rosto exprimindo alívio e satisfação. Atrás dele, levando a mala e a sacola, o carregador transpira muito, a custo seguindo as passadas largas do farmacêutico.

SOM - Na trilha sonora ouve-se, ligeiramente ampliado, o ruído dos passos de Damasceno, ferindo o calçamento de pedra.

Enquanto caminha, Damasceno ganha, de súbito, uma expressão renovada e feliz, ouvindo, na memória, a voz do médico, doutor Anielo, dizendo-lhe em Belo Horizonte:

DOUTOR ANIELO (voz off, com eco): "Ora, convenhamos, meu caro Damasceno: você está vendo fantasmas! Com sua idade, e sua saúde, ainda pode ter dúzias de filhos!"

Reproduzindo, na memória, as palavras animadoras do médico, Damasceno chega até a diminuir o passo, feliz e reconfortado.

Na trilha sonora continua a ouvir-se a voz off do médico:

DOUTOR ANIELO (voz off): "É nervoso, meu caro, apenas nervoso! Olha, para acalmar o primeiro ímpeto, tome dois grãos de bromato de Férrer, e verá como tudo se arranja!"

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

272. No quarto, apesar de experimentar uma inquietude irreprimível, ardendo no coração, Celeste quer mais, pede mais, como se a dominasse um narcótico, circulando-lhe no sangue.

As duas se abraçam, com força voraz, se acariciam, frementes de amor e excitação.

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

273. Damasceno agora atravessa a Praça da Sé, sobe a Rua Conde Con-

ceição e atinge a Rua das Mercês, aproximando-se de sua casa, na outra extremidade.

Segue feliz, confiante, o olhar irradiando alegria e vigor.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

274. Os lábios de Celeste pedem mais beijos, buscam a boca sensual de Elisa, com uma súplica que a sacode de gozo e prazer.

Depois exclama, transfigurada:

CELESTE: Te adoro, Lili, te adoro, te adoro!

EXTERIOR - RUA DAS MERCÊS - DIA

275. Chegando diante da casa, Damasceno remunera generosamente o carregador, que agradece, sorridente, retira a chave do bolso e, com ela, abre a porta de entrada. Apanha a bagagem e entra.

INTERIOR - CASA DE DAMASCENO - DIA

276. Depois de fechar a porta, Damasceno atravessa a sala de visitas e, pelo corredor, se encaminha para o quarto de dormir.

Câmera segue-o, em Trav-Atrás e P.P., até alcançar o quarto.

Antes de abrir a porta, ouve vozes abafadas, gemidos e expressões de prazer.

Surpreso, sem entender o que se passa, Damasceno deposita a mala e a sacola no assoalho, estende a mão, torce a maçaneta e abre vagorosamente a porta.

Durante alguns segundos, fixa a vista, acostumando-se à obscuridade do quarto.

Avista, então, atônito, a grande cama do Tijuco e nela, as duas moças despidas e abraçadas.

A princípio, como se não acreditasse no que vê, fica parado, no mesmo lugar, apenas olhando, estupefato, enquanto Celeste e Elisa, sem pressentir-lhe a presença, continuam a beijar-se, sussurrando palavras e expressões de prazer e sensualidade.

Câmera, em campo e contra-campo, ora focaliza o farmacêutico, em P.P. e P.M., ora o leito e as duas amantes, como avistadas por ele.

Compreendendo, afinal, o que ocorre, Damasceno, silenciosamente, deixa o quarto, encostando de leve a porta de entrada.

277. Através de Trav-Atrás e P.P., câmera acompanha Damasceno pelo corredor e a sala, fixando-lhe o rosto desfigurado e atônito, o caminhar trêmulo, o olhar idiotizado, marcado pelo espanto, a tristeza, a vergonha e a revolta.

278. Chegando ao cômodo, que lhe serve de escritório e biblioteca, Damasceno vai abrir a velha papeleira, que também veio de São João del Rei, de onde apanha um revólver, certificando-se de que está carregado.

Depois, lentamente, retorna ao quarto.

279. Damasceno chega, novamente, diante da porta do quarto matrimonial e, desta vez, abre-a violentamente.

Com passos largos, aproxima-se da cama, levando o terror às duas moças que, instintivamente, se separam, olhando-o com enorme espanto.

Parando ao pé da cama, Damasceno aponta-lhes a arma, enquanto Celeste e Elisa, num gesto de pudor instintivo, se cobrem com a colcha.

Mas o farmacêutico arranca-lhes a colcha, com brutalidade, e ordena, com voz terrível:

DAMASCENO: Continuem! Vamos, continuem o que estavam fazendo!!!

Imobilizadas pelo assombro, Celeste e Elisa nada conseguem fazer, olhando, desesperadas, para o farmcêutico que, com mais vigor e cólera, repete:

DAMASCENO: Vamos, continuem! Continuem, desgraçadas! Façam exatamente o que estavam fazendo, sujas!!!

As duas, com enorme constrangimento, voltam a se abraçar, os corpos gelados como cadáveres.

Damasceno, contudo, não se satisfaz com o gesto tímido e contrafeito das moças, e volta a ordenar, enfurecido, quase aos berros:

DAMASCENO: Não era isso o que estavam fazendo, suas porcas! Não era assim! Eu vi! Vamos, beijem-se, esfreguem-se uma na outra, vamos, depressa!!!

280. Deixando Damasceno à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra Celeste e Elisa em P.A, ligeiramente em "plongée".

Enquanto as moças, estupidificadas, continuam abraçadas e sem ação, Damasceno, arma em riste, continua a gritar, desfigurado:

DAMASCENO: Vamos, já disse! Quero que façam exatamente o que estavam fazendo! As mesmas coisas, as mesmas porcarias!!!

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar Celeste e Elisa em P.P.

As duas tentam se beijar e, com mãos trêmulas, se acariciam sem nenhuma vontade, de forma ridícula e maquinal, enquanto continuam a ouvir, em off, a voz potente do farmacêutico:

DAMASCENO (voz off): Vamos, vamos, quero mais, muito mais, putas ordinárias!!!

281. Em novo enquadramento, como em contra-campo, câmera focaliza Celeste e Elisa, à esquerda do quadro, em P.P., tendo ao centro, e à direita, a figura patética do farmacêutico, o revólver apontado para as duas, trêmulo, o rosto molhado de suor.

Suas feições, aos poucos, se transfiguram e, em lugar de ódio e desprezo, passam a exprimir uma enorme piedade.

Quase roçando pelos corpos nus das duas amantes, câmera inicia lento Trav-Avante, até focalizar Damasceno em P.P.P.

Ele repete, agora com voz débil, sem força, quase balbuciante:

DAMASCENO: Vamos, vamos, continuem! Continuem...

De repente, traspassado por uma angústia irreprimível, rasgando-lhe as fibras do coração, Damasceno desvia o cano do revólver e ergue-o à altura da têmpora direita.

282. Instalada ao pé da cama, câmera focaliza Celeste e Elisa em P.P., em posição de ligeiro "plongée".

Subitamente, ecoando pela casa inteira, ouve-se um terrível estampido.

SOM - Ruído fortíssimo de tiro de revólver.

Com enorme sobressalto, Elisa e Celeste estremecem na cama e vêem tombar sobre elas o corpo ensangüentado do farmacêutico, espargindo sangue e partes arrebentadas do crânio.

As duas moças, num desespero histérico, começam a gritar, enquanto o sangue lhes escorre pelo corpo, infiltrando-se na colcha e no colchão.

São exatamente 6 horas da tarde e, do crepúsculo, emerge uma luz cambiante e poética.

Câmera avança, em Trav., ultrapassa o leito, a cabeceira e alcança a janela aberta, através da qual mostra, ao fundo, as torres da Igreja das Mercês.

SOM - Sinos batendo à hora vesperal, de mistura com os gritos e soluços de Celeste e Elisa.

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 31

EXTERIOR - IGREJA E TREVO DE OURO PRETO - DIA

283. Depois de focalizar, em P.P., a torre e sino de uma igreja de Ouro Preto, próxima à Rodovia dos Inconfidentes, a lente "Zoom" abre o quadro e, conjugada com o movimento panorâmico da câmera, vai enquadrar, em G.P.G., a paisagem montanhosa e a estrada asfaltada, na altura do trevo que leva à cidade, pela esquerda, e a Saramenha, pela direita.

Pela Rodovia vem vindo, em alta velocidade, um carro do ano.

SOM - Bater de sino e, em segundo-plano sonoro, de vento e ruído de carro na estrada.

284. Em nova angulação, câmera focaliza, de mais perto, o carro se aproximando do trevo, diminuindo a marcha, até parar.

285. P.A. do carro e motorista: o engenheiro Paulo Roberto de Almeida Cintra. No quadro também se avista a placa de sinalização do trevo, perto da qual o veículo se imobilizou.

Na placa podem ser lidas as indicações: Ouro Preto, pela esquerda, e Saramenha, à direita.

Câmera inicia Trav-Avante, até enquadrar o motorista em P.P.

Paulo Roberto, hesitante, murmura para si mesmo:

PAULO ROBERTO: Ouro Preto... ou a fábrica de Saramenha?...

Consulta o relógio de pulso. E toma uma decisão:

PAULO ROBERTO: Saramenha!

286. De um ponto elevado, câmera mostra o trevo, o carro e a bifurcação da estrada.

Tomando a decisão, Paulo Roberto vira à direita e ganha a estrada de contorno de Ouro Preto, caminho para Mariana e a fábrica de alumínio da Alcan, no bairro de Saramenha.

Câmera segue-o, em Pan.E-D, até que, mais adiante, o carro desaparece numa curva.

EXTERIOR - ESTRADA E OURO PRETO - DIA

287. Instalada no interior de um carro em movimento (ponto-de-vista de Paulo Roberto), câmera focaliza a rodovia asfaltada que leva a Saramenha.

Depois de uma curva, surge à frente, e à esquerda do quadro, a paisagem inconfundível de Ouro Preto, com o casario barroco, as velhas igrejas e, ao fundo, as imponentes montanhas do maciço do Itacolomi.

Sobre esta imagem de localização geográfica, surge o letreiro indicativo:

OURO PRETO: ATUALIDADE

288. Deixando Paulo Roberto à esquerda, câmera enquadra, de outro ângulo, a cidade de Ouro Preto, como vista da estrada do contorno.

O engenheiro diminui a marcha do carro e contempla a paisagem envolvente, enquanto, no rádio do automóvel, se ouve musica atual, de sucesso nas paradas.

SOM - Música atual.

O carro chega a nova curva e deixa ver, à frente e à direita, as altas chaminés da fábrica de alumínio.

SOM - Apito distante da fábrica.

EXTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

289. De um ponto elevado, como ponto-de-vista do engenheiro no carro, câmera focaliza, em G.P.G., a Fábrica de Alumínio da Alcan, em Saramenha, com suas chaminés expelindo grossas nuvens de fumaça branca.

290. Agora o carro de Paulo Roberto aproxima-se do portão e guarita da fábrica. Um guarda faz-lhe sinal para parar.

O engenheiro imobiliza o veículo e estende ao guarda um documento de identidade, dizendo:

PAULO ROBERTO: Sou o engenheiro Paulo Roberto de Almeida Cintra, contratado pela fábrica. Vim me apresentar ao sr. William Thompson.

GUARDA: Pois não, doutor. Pode passar. O estacionamento é alí.

Paulo Roberto movimenta o veículo e, mais adiante, estaciona-o numa vaga.

SOM - Ruídos ambientais da fábrica.

INTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

291. Paulo Roberto chega diante de uma porta, no prédio administrativo da fábrica.

Na porta lê-se a placa indicativa: William Thompson, Diretor Administrativo.

Bate à porta e entra.

292. Já no interior do gabinete do diretor, Paulo Roberto aproxima-se de um norte-americano alto, gordo, louro, meio calvo, atrás de uma mesa repleta de papéis, micro-computador, telefones, pastas e fichários.

E pergunta:

PAULO ROBERTO: Doutor William Thompson?...

O americano, que assinava papéis, deposita a caneta na mesa, observa, com curiosidade, o recém-chegado, e responde, com efusão:

WILLIAM THOMPSON: Yes, yes! Por favorr, sem o doutor, please! Just William, please!

Paulo Roberto, à vontade, passa a falar sem-cerimoniosamente:

PAULO ROBERTO: As you wish, William. With pleasure!

WILLIAM THOMPSON: Good, good! You speak English?...

PAULO ROBERTO: Como todo brasileiro, "more or less"...

Apertam-se as mãos, sorridentes. Depois Paulo Roberto se apresenta:

PAULO ROBERTO: Sou o engenheiro Paulo Roberto...

WILLIAM THOMPSON (interrompendo): ... de Almeida Cintra, I know! Estava esperrando o senhorr...

Thompson, jovial e bonachão, levanta-se e vai servir-se de água gelada, enquanto Paulo Roberto lhe diz:

PAULO ROBERTO: Já que cortei o doutor, gostaria que você cortasse o senhor. O.K.?

O americano aproxima-se do engenheiro, toma-lhe o braço e vai dizendo, misturando inglês com português, com seu jeitão desinibido:

WILLIAM THOMPSON: Yes, of course! Come with me, Paulo, vamos ao Departamento do Pessoal.

Antes de deixarem a sala, pergunta:

WILLIAM THOMPSON: Tell me, Paulo: já se instalou na cidade?

PAULO ROBERTO: Ainda não. Estou chegando de viagem.

293. Caminham num corredor comprido, seguidos pela câmera em Trav-Atrás. O americano, meio tagarela, continua com as perguntas:

WILLIAM THOMPSON: Tem família?

PAULO ROBERTO: Não, sou solteiro.

WILLIAM THOMPSON: Good, very good! Solteirro trabalha melhorr, sem aporrin... como se diz? Aporrinhaçon!...

Solta uma sonora gargalhada e, antes de entrarem na sala do Pessoal, completa, dando tapinhas nas costas do engenheiro:

WILLIAM THOMPSON: Homem casado, chato! Homem mal casado, piorr!... Well, my friend: Mister Lustosa, Chefe do Pessoal, vai lhe conseguir um bom "república". Aqui os solteiros morram em "repúblicas", you know?

E solta outra gargalhada, enquanto abre a porta do Departamento do Pessoal.

EXTERIOR - RUAS E PRAÇAS DE OURO PRETO - DIA

294. Câmera documenta a passagem do carro de Paulo Roberto por ruas, praças e ladeiras de Ouro Preto.

Ao som forte do rádio do automóvel, a objetiva ora focaliza a paisagem, como ponto-de-vista de Paulo Roberto, ora o veículo e seu ocupante, nas ruas e ladeiras da cidade.

A certa altura, Paulo Roberto murmura para si mesmo, diminuindo a velocidade do carro, para ler a placa indicativa da rua, numa esquina:

PAULO ROBERTO: Rua Costa Sena... nº 120....

Depois, recordando-se de William Thompson, acrescenta, divertido:

PAULO ROBERTO: Costa Sena Street, yes, é aqui mesmo!

EXTERIOR - RUA COSTA SENA E "REPÚBLICA" - DIA

295. Seguindo lentamente pela rua e conferindo a numeração das casas, o engenheiro vai estacionar o carro mais ou menos no meio do quarteirão, diante da "república", um sobrado típico de Ouro Preto, com janelas, emolduradas com pedra e madeira, a porta de entrada e, no pavimento superior, várias janelas com balcões dando para a rua, pintadas de azul colonial.

No instante em que desliga o motor do automóvel, sua atenção é viva e estranhamente atraída pelo som de um piano, proveniente de outra casa, exatamente em frente à "república".

Paulo Roberto abre a porta e deixa o veículo, buscando com os olhos, agora com um brilho intenso e duro, o lugar exato de onde provém a música romântica e triste do piano.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin, em solo de piano.

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

296. Como ponto-de-vista de Paulo Roberto, câmera enquadra, em P.G., a fachada do sobrado de onde provém a melodia, profundamente triste, do "Prelúdio" de Chopin.

Depois, lentamente, a "Zoom" vai fechando o quadro sobre as três janelas, com balcões, do pavimento superior.

SOM - Simultaneamente com o movimento de aproximação da lente "Zoom", o som do piano vai aumentando, até primeiro-plano sonoro.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

297. Instalada no interior do sobrado, câmera focaliza, em P.M., a sala de visitas da residência de Vera Lúcia.

É uma sala também característica dos interiores ouropretanos, com velhos móveis, sofá e cadeiras de palhinha, mesinha ovalada e console, relógio de pêndulo, retratos de família, presos por cordões amarelos, pendendo da cimalha, um oratório com imagem de santo e, num canto, perto de uma das janelas, o belo piano de armário, madeira cor de ouro, com bibelôs e vasos sobre a toalha rendada, cobrindo a tampa.

Ao piano, executando o "Prelúdio" nº 4, uma moça muito jovem e bonita, a pele alva, traços finos e delicados, com longos cabelos soltos.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrá-la em 3/4 de perfil e P.P., concentrada na execução da peça romântica.

SOM - "Prelúdio"nº 4, de Chopin. Sinos distantes, em segundo-plano.

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

298. Deixando parte do carro no enquadramento, câmera focaliza Paulo Roberto em P.P., parado à porta do automóvel, atento e fortemente seduzido pela música do piano.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin, em seus compassos finais.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

298. Vera Lúcia executa os compassos finais da peça de Chopin.

Depois, movida por uma força estranha e poderosa, fecha a tampa do piano e caminha até o balcão de uma das janelas.

EXTERIOR - BALCÃO DA CASA DE VERA LÚCIA - DIA

299. Instalada no balcão de uma das janelas do sobrado onde reside Vera Lúcia, câmera, em posição de "plongée", como ponto-de-vista da pianista, focaliza a rua e, diante da "república", o carro e Paulo Roberto, imóvel, os olhos fixos na moça.

"Zoom" inicia lento movimento de aproximação, até enquadrar o engenheiro em P.P.

Paulo Roberto crava na moça um olhar estranho, misto de surpresa e rancor, toldando-lhe o rosto e dando-lhe uma expressão grave e dura.

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

300. Em contra-campo, instalada na calçada diante da "república" da Rua Costa Sena, câmera agora representa o ponto-de-vista de Paulo Roberto e, em posição de"contre-plongée", focaliza a fachada da casa de Vera Lucia e, no balcão do pavimento superior, a bela pianista, cujo olhar, também fixado no engenheiro, está impregnado de melancolia, susto e perplexidade.

O instante de atração recíproca e envolvente só é quebrado, subitamente, pela voz de Dona Olga, avó de Vera Lúcia, que a chama de dentro:

DONA OLGA (voz off): Vera Lúcia, minha filha!...

Acordando da contemplação perturbadora, Vera Lúcia, assustada, volta-se para o interior da casa e responde:

VERA LÚCIA: Vovó?!...

E se afasta, voltando ao interior da casa.

EXTERIOR -"REPÚBLICA" DA RUA COSTA SENA - DIA

301. Deixando parte do carro no enquadramento, câmera focaliza Paulo Roberto em P.P., sempre parado à porta do automóvel, olhando ainda a fachada da casa de Vera Lúcia.

Também ele, inesperadamente, se assusta com a voz de alguém, à

janela da "república", trazendo-o à realidade:

ADROALDO QUINTÃO (voz off): Aquela é a Vera Lúcia, uma vizinha que estuda piano...

Paulo Roberto então se volta, quase assustado.

302. De nova angulação, câmera enquadra, em P.M., parte da fachada da "república", com Paulo Roberto à esquerda e, ao fundo e à direita, debruçado à janela, Adroaldo Quintão, que completa:

ADROALDO QUINTÃO: Você deve ser o novo colega da fábrica, não é?

Seguido pela câmera, que corrige o enquadramento e segue-o em panorâmica, Paulo Roberto aproxima-se da janela e estendendo a mão, responde:

PAULO ROBERTO: Paulo Roberto de Almeida Cintra, engenheiro-eletricista. Muito prazer.

ADROALDO QUINTÃO: Adroaldo Quintão, engenheiro-mecânico, seu colega de "Pulgatório". Muito prazer também.

303. Instalada no interior da "república", câmera enquadra Adroaldo Quintão à esquerda do quadro e, na calçada, à direita, Paulo Roberto em P.A.

O recém-chegado, estranhando o nome, pergunta, divertido:

PAULO ROBERTO: Não sei se entendi bem... "Pulgatório"?!...

ADROALDO QUINTÃO: Veja a placa acima...

304. De outro ângulo, câmera, na Rua Costa Sena, enquadra, em P.G., os dois engenheiros e parte da fachada da casa.

Paulo Roberto afasta-se um pouco na calçada e, olhando para cima, enxerga a placa com o nome irreverente da "república": "PULGATÓRIO".

Sorridente, volta para perto de Adroaldo, sempre à janela do térreo, e comenta:

PAULO ROBERTO: "Pulgatório", hein?... Mal, mal!...

ADROALDO QUINTÃO: Não se assuste, colega! A "república", não a brasileira, foi dedetizada ontem e as pulgas foram pro brejo!...

Deixando a janela, Adroaldo atravessa a sala e chega à porta de entrada.

Desce à calçada e, aproximando-se do colega, acrescenta, jovial:

ADROALDO QUINTÃO: Desculpe a brincadeira, Paulo Roberto. Mas, vamos entrar. Vou ajudar você a trazer a bagagem para dentro.

Antes de começar a tirar do carro malas, embrulhos e sacolas, Paulo Roberto volta a encarar o sobrado fronteiro.

Adroaldo aproxima-se e pergunta:

ADROALDO QUINTÃO: Gosta de música?

PAULO ROBERTO: Gosto, mas não exatamente do gênero que ouvi. Não sei porque, mas a música daquele piano me impressionou muito...

ADROALDO QUINTÃO: A música, ou a pianista?...

305. P.P. de Paulo Roberto e Adroaldo Quintão.

Desviando o olhar da casa de Vera Lúcia, Paulo Roberto fala diretamente ao colega, gravemente, com indisfarçável emoção na voz:

PAULO ROBERTO: Tudo me impressionou muito, colega! A música, de enorme tristeza, e aquela moça, quase uma criança, de beleza meio irreal...

ADROALDO QUINTÃO: É a Vera Lúcia, uma menina muito legal e bem comportada. Estuda no Conservatório e sua paixão é o piano, além

da avó, que ela adora.

PAULO ROBERTO: Curioso! Parece que a conheço, de algum lugar, não sei de onde!... Talvez de um sonho, ou de um pesadelo!...

306. P.G. de Paulo Roberto e Adroaldo Quintão, diante da "república". O engenheiro então conclui:

PAULO ROBERTO: Mas deixa isto pra lá!... Vamos levar a tralha para dentro, que estou doido por um chuveiro!...

F U S Ã O

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

307. Mais tarde, já refeito com um bom chuveiro, de "short" e camiseta, Paulo Roberto retira das caixas os componentes de uma sofisticada aparelhagem de som, com "reciever", "tape-deck", "tuner", amplificadores, toca-disco, caixas acústicas, etc., o que leva Adroaldo a comentar, admirado:

ADROALDO QUINTÃO: Um som da pesada, hein? Era o que faltava ao "Pulgatório"!

PAULO ROBERTO: Podemos instalar o som aqui mesmo na sala?

ADROALDO QUINTÃO: Perfeito! Com este som, companheiro, vamos organizar por aqui mesmo bons arrasta-pés, ótimas noitadas!...

Enquanto instalada a aparelhagem numa estante da sala, Paulo Roberto dialoga com o colega:

PAULO ROBERTO: Você convida a pianista?...

ADROALDO QUINTÃO: Posso convidar, é minha amiga. Mas não acredito que venha. É uma moça tímida, caseira, muito apegada à avó. Além disso, acho que ainda é virgem...

PAULO ROBERTO: Virgem?! Ainda há disto por aqui?!...

ADROALDO QUINTÃO: Em Minas há de tudo, colega!...

PAULO ROBERTO: Mas isto é fácil de dar jeito..

Dizendo isto, Paulo Roberto coloca uma fita no aparelho de som, aperta os botões e, em alto volume, faz tonitroar pela casa e adjacências um "rock" da última safra.

SOM - Entra forte, na trilha sonora, música da atualidade.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

308. No interior da casa de Vera Lúcia répercute com força a música de Paulo Roberto.

Vera Lúcia e a avó, trabalhando na cozinha, assustam-se com a barulheira contemporânea:

DONA OLGA: O que é isto, meu Deus?!...

VERA LÚCIA: Vem ali da "república" do Adroaldo...

DONA OLGA: Mas isto é coisa de doido!...

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

309. Na sala da "república" o som quase arrebenta os tímpanos.

Adroaldo, elevando a voz, vai apanhar uma garrafa de cachaça, dizendo:

ADROALDO QUINTÃO: Então, companheiro, para festejar sua chegada e este som da pesada, nada melhor do que uma cachacinha de Januária!...

Paulo Roberto apanha o copo com a cachaça famosa e responde ao colega:

PAULO ROBERTO: Falou, companheiro! Vamos à pinga!

Bebe dois ou três goles e, em seguida, vai à janela, voltando a olhar a casa de Vera Lúcia.

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

310. Como ponto-de-vista de Paulo Roberto, à janela, câmera focaliza, em ligeiro "contre-plongée", a fachada da casa de Vera Lúcia, no instante em que a moça, surpreendida pelo som fortíssimo oriundo da "república", chega ao balcão, com expressão de espanto e aborrecimento.

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

311. P.P.de Paulo Roberto, olhando na direção de Vera Lúcia e, elevando o tom da voz, para fazer-se ouvir, dizendo:

PAULO ROBERTO: Ôi, grande pianista!

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

312. Deixando Paulo Roberto no quadro, à esquerda, câmera focaliza a fachada do sobrado fronteiro e, no balcão da janela, Vera Lúcia.

A moça, sem dar resposta ao cumprimento do engenheiro, dá-lhe as costas e volta ao interior da casa.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

313. Voltando ao interior da sala, meio sem jeito, Paulo Roberto vai abaixar o volume do som e, bebendo outro gole da "Januária", diz ao colega:

PAULO ROBERTO: Acho que nossa pianista não é admiradora da música pop!...

ADROALDO QUINTÃO: Ela gosta mesmo é de Chopin, Beethoven, Debussy, Villa-Lobos...

Paulo Roberto, depois de encher o copo com a cachaça de Januá-

ria, volta a subir o volume do aparelho de som.

A música pop volta a ouvir-se com força total, ressoando em todo o quarteirão.

SOM - Música pop, altíssima.

F U S Ã O

SEQUENCIA 32

INTERIOR E EXTERIOR - FÁBRICA DE SARAMENHA - DIA

314. A nova seqüência abre-se com "flashes" do trabalho profissional de Paulo Roberto na fábrica de alumínio de Saramenha.

SOM - Na trilha sonora, o som forte da música pop mistura-se com os ruídos, também elevados, das máquinas da fábrica.

Câmera, em planos de cobertura, focaliza o engenheiro em diferentes locais da grande indústria, mexendo em máquinas, fazendo cálculos e ligações elétricas, conferenciando com técnicos e operários.

SOM - Ruídos ambientais da fábrica de alumínio.

EXTERIOR E INTERIOR - OURO PRETO E "REPÚBLICA" - DIA

315. Alternando os "flashes" que documentam a vida profissional de Paulo Roberto, câmera também focaliza-o a caminho, de carro, da "República" da Rua Costa Sena, cruzando ruas e praças de Ouro Preto, estacionando na Praça Tiradentes e fazendo compras em butiques e lojas de "souvenirs", antiquários e galerias, ou, finalmente, na intimidade da casa, ocupando-se com seus pertences e, principalmente, com a aparelhagem de som, seu "hobby" principal.

O último plano da seqüência mostra Paulo Roberto, na sala, preparando-se para ouvir outra gravação do "hit-parade".

SOM - Na trilha sonora ouve-se, em segundo-plano, o som do piano de Vera Lúcia, novamente executando o "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

316. Atraído pela melodia, exprimindo profunda tristeza, Paulo Roberto desiste do "rock" e se encaminha para a janela, na qual se debruça para ouvir.

Vindo do interior da casa, Adroaldo Quintão, de "short" e tênis, chega à sala, observa o colega, entretido com a música, e vai ao seu encontro, dizendo:

ADROALDO QUINTÃO: Acho que você acaba trocando Pink Floyd por Frederic Chopin, meu caro...

Paulo Roberto, que não se volta para o colega, continua na mesma posição e demora alguns instantes para responder:

PAULO ROBERTO: Não sei bem o que acontece comigo, Adroaldo... Mas esta música me toca profundamente, mexe comigo, me traz estranhas recordações...

Quando a execução termina, e Vera Lúcia passa a executar a "Rêverie", de Debussy, parece que a magia se desfaz e Paulo Roberto, deixando a janela, volta-se para Adroaldo e pergunta:

PAULO ROBERTO: Você então é amigo da pianista? Mora só com a avó, não tem outros parentes?...

Adroaldo, que apanhara a garrafa de cachaça, vai sentar-se numa cadeira, enquanto explica:

ADROALDO QUINTÃO: Parece que não, Paulo Roberto, pois é a última descendente de uma das famílias mais antigas de Diamantina,

os Rezende Freire, com histórias misteriosas, suicídios, mortes estranhas, o diabo! Uma gente esquisita, muito complicada!

Paulo Roberto enche um copo com a "Januária", bebe um gole, pensativo, sombrio. Depois comenta:

PAULO ROBERTO: Coisa interessante, Adroaldo: também sou descendente de diamantinenses, e tive um antepassado que foi Fiscal de diamantes, acabou na forca, acusado de furto. Coisa bárbara!

Depois de enquadrar os dois engenheiros em P.A., câmera avança, em Trav., e vai focalizar Adroaldo Quintão em P.P., comentando também, gravemente:

ADROALDO QUINTÃO: Que coincidência, hein?... Vocês dois descendentes de diamantinenses, e agora vizinhos, na mesma cidade, na mesma rua!... Vai ver que são até parentes!

317. P.P. de Paulo Roberto, meio assustado ao ouvir os comentários do colega, a quem responde quase rispidamente:

PAULO ROBERTO: Parentes?!... Não, não, de forma alguma, apesar de que em Minas tudo pode acontecer, no presente e no passado!...

318. P.M. da sala e dos dois engenheiros.

Adroaldo Quintão, que se levartara e chegara à janela, observa a casa de Vera Lúcia e, vendo-a chegar ao balcão, exclama:

ADROALDO QUINTÃO: Ôi, Vera Lúcia!... Parou de estudar?...

Paulo Roberto vai também à janela, interessado na presença da pianista.

Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se dos dois e, deixando-os de cos-

tas, corrige o foco e focaliza Vera Lúcia no prédio em frente, a atenção voltada para os engenheiros, respondendo:

ADROALDO QUINTÃO: Como vai, Adroaldo?...

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

319. Instalada no balcão do pavimento superior da casa de Vera Lúcia, câmera, em posição de "plongée", enquadra a pianista, 3/4 de perfil, à esquerda do quadro e, ao centro e à direita, parte da fachada da "república" e os dois engenheiros da fábrica de alumínio.

Adroaldo, erguendo um pouco o tom da voz, faz a apresentação:

ADROALDO QUINTÃO: Este é o Paulo Roberto, novo engenheiro da fábrica, meu colega de "Pulgatório"...

VERA LÚCIA (meio desinteressadamente): Prazer...

320. Instalada diante da "república", ao nível da janela, câmera enquadra Paulo Roberto e Adroaldo Quintão em P.P., sempre à janela.

Paulo Roberto, tentando desfazer o constrangimento que percebera na vizinha, então pergunta, cordialmente:

PAULO ROBERTO: Tudo bem, Vera Lúcia? Gostei muito do piano. O que estava tocando?...

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

321. Montada em praticável, câmera, em ligeira posição de "contre-plongée", focaliza Vera Lúcia em P.A., no balcão do sobrado, respondendo:

VERA LÚCIA: Um "Prelúdio" de Chopin... O número 4...

PAULO ROBERTO (voz off): Tocou muito bem!

VERA LÚCIA: Obrigada. Ainda estou estudando...

Depois de pequena pausa, Vera Lúcia se despede:

VERA LÚCIA: Com licença, tenho de ajudar vovó. Até logo...

E se afasta, voltando ao interior da casa.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

322. Paulo Roberto e Adroaldo Quintão, por sua vez, deixam a janela e voltam à "Januária".

Depois Paulo Roberto religa a aparelhagem de som e, em volume altíssimo, faz novamente rebombar na vizinhança o "rock" pauleira.

SOM - Som fortíssimo do aparelho, com música do "hit-parade".

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

323. Ouvindo a música da "república", Vera Lúcia, com expressão de desagrado, chega perto da avó, que varre a sala, e comenta:

VERA LÚCIA: É um colega do Adroaldo, vovó! Veja só que tipo de música ele curte!...

DONA OLGA: Há gosto para tudo, Vera Lúcia! Hoje a juventude gosta disto, e de outras besteiras!...

Vera Lúcia vai fechar o piano, que se conservara aberto, enquanto comenta:

VERA LÚCIA: Que azar, vovó! Vir morar logo aqui, no "Pulgatório"!... É um rapaz antipático! Não sei por quê, mas me causa até medo!...

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

324. De volta à "república" do "Pulgatório", câmera focaliza Paulo Roberto, que desliga o aparelho de som e, voltando-se para Adroaldo, pergunta:

PAULO ROBERTO: Acho que descobri um jeito

de melhorar minha imagem com a pianista... Aqui tem uma boa casa de discos?...

ADROALDO QUINTÃO: A melhor á a "Modern Sound", na Rua São José. Procure lá o Dudu Troppia.

Paulo Roberto veste apressadamente uma camisa e sai, depois de apanhar a carteira de dinheiro.

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

325. Paulo Roberto deixa a "república", abre o carro, entra, liga o motor e arranca, subindo a ladeira.

SOM - Ruídos ambientais e, em primeiro-plano sonoro, o carro que arranca e sobe a ladeira.

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 33

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

326. Detalhe de um disco, rodando no aparelho de som de Paulo Roberto.

SOM - Sobe, na trilha sonora, o "Prelúdio" nº 1, de Chopin, em gravação estéreo.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

327. Varrendo o assoalho da sala de visitas da casa onde reside, Vera Lúcia ouve, com surpresa, a gravação da peça de Chopin.

Incrédula, mas feliz, recosta a vassoura na parede e vai ao balcão, para constatar a origem do som.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

328. Paulo Roberto aumenta o volume do toca-disco e vai à janela. Câmera enquadra-o à esquerda e, no alto e à direita, Vera Lúcia

no balcão da casa em frente.

Os dois se fitam, reconciliados e felizes. Depois, alçando o tom da voz, o engenheiro diz à pianista:

PAULO ROBERTO: Uma modesta homenagem a você, Vera Lúcia...

VERA LÚCIA: Muito obrigada. Homenagem simpática, mas cruel...

PAULO ROBERTO: Cruel?!... Por quê cruel?!...

EXTERIOR - BALCÃO DA CASA DE VERA LÚCIA - DIA

329. Instalada no balcão da casa de Vera Lucia, câmera focaliza a pianista em P.P.

Fitando o engenheiro, na "república", ela explica, sorridente:

VERA LÚCIA: Porque o que estamos ouvindo é o verdadeiro Chopin, e não o executado por uma principiante...

Depois de pequena pausa, pergunta:

VERA LÚCIA: É o Cláudio Arrau?

PAULO ROBERTO (voz off): Não, o Rubistein.

330. Deixando Vera Lúcia em 3/4 de perfil, câmera enquadra, em "plongée", parte da fachada da "república", centralizando Paulo Roberto à janela.

Vera Lúcia então completa, dirigindo-se ao engenheiro, divertida:

VERA LÚCIA: Logo o Rubinstein?!... Então já não é maldade... É sadismo!...

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

331. P.P. de Paulo Roberto, sempre à janela da "república", respondendo à vizinha:

PAULO ROBERTO: De forma alguma! Escute, Vera Lúcia: gostaria muito de ver e ouvir você tocar...

EXTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

332. Em ligeiro "contre-plongée", câmera enquadra Vera Lúcia em P.P., olhando na direção de Paulo Roberto, e dizendo:

VERA LÚCIA: É só atravessar a rua... Assim fica também conhecendo vovó.

PAULO ROBERTO (voz off): Como a rua é estreita, num minuto estou aí!...

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

333. Paulo Roberto vai ao quarto, troca depressa a roupa, penteia os cabelos e borrifa o rosto com água de Colônia.

Ao passar pela sala, o Adroaldo, que lê um jornal, comenta:

ADROALDO QUINTÃO: Assim começam as paixões...

PAULO ROBERTO: Ou acabam as virgens...

E solta uma gargalhada meio cínica, já cruzando a porta, enquanto o Adroaldo, com certa irritação, recomenda:

ADROALDO QUINTAO: Vai com calma, colega! Acho que isto não vai dar certo!...

Antes de sair, Paulo Roberto ainda tem tempo de dizer, seguro de si, com certa arrogância:

PAULO ROBERTO: Certo, ou errado, para mim o que conta é a tentativa, rapaz!... E esta moça me interessa muito!

E sai.

SOM - Continua a ouvir-se a música de Chopin.

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

334. Chegando ao pavimento superior, Paulo Roberto é recebido, no patamar da escada, pela pianista, que lhe diz, amistosa, ligeiramente encabulada:

VERA LÚCIA: Vamos entrar... Não repare, é casa de pobre...

PAULO ROBERTO (cordial, brincalhão): Vou reparar em tudo, principalmente em você!...

Chegando à sala, Paulo Roberto percorre-a com os olhos. Depois comenta, sincero:

PAULO ROBERTO: Sala bonita, Vera Lúcia!

Fixando-se no piano, ponto central de sua atenção, exclama, caminhando em sua direção:

PAULO ROBERTO: Eis o famoso piano!...

335. Em nova angulação, câmera acompanha Paulo Roberto, em Trav , até fixá-lo em P.P., junto ao piano, sobre o qual desliza a mão direita, como se o acariciasse, dizendo:

PAULO ROBERTO: Que instrumento bonito!... Parece um velho amigo...

Vera Lúcia também se aproxima, mais à vontade, e comenta:

VERA LÚCIA: Um pouco antigo, alemão...

PAULO ROBERTO: Cordas cruzadas, cepo de metal?...

VERA LÚCIA: Uai, você conhece piano?...

PAULO ROBERTO: Estudei dois anos, quando era menino. Toco um pouco, mas de ouvido...

Vera Lúcia abre a tampa, retira o pano vermelho, de feltro, que recobria o teclado, enquanto diz:

VERA LÚCIA: Então vai tocar um pouquinho...

PAULO ROBERTO: De jeito nenhum! Artista aqui é você! Toque um pouco, Vera Lúcia.

A moça não se faz de rogada, senta-se na banqueta, e adverte:

VERA LÚCIA: Está um pouco desafinado. O que você quer ouvir?

PAULO ROBERTO: Aquele "Prelúdio" de Chopin, acho que de número 4...

Vera Lúcia apanha a partitura, abre-a e a coloca ao piano, enquanto esclarece:

VERA LÚCIA: Foi executado no enterro de Chopin, em Paris. Não repare, ainda estou estudando...

Começa a tocar, a princípio com certa insegurança, um nervosismo que a deixa pouco à vontade.

Depressa, contudo, recupera o domínio técnico e o executa com sensibilidade e correção.

SOM - "Prelúdio" nº 4, de Chopin.

Paulo Roberto vai sentar-se perto, numa cadeira de palhinha, fica escutando, os olhos fixos na intérprete, a expressão grave e pensativa.

336. Depois de enquadrar Paulo Roberto e Vera Lúcia em P.A.L., câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar a pianista em P.P., concentrada na execução da peça.

337. De outro ângulo, deixando Vera Lúcia em 3/4 de perfil, com parte do piano, câmera focaliza Dona Olga, avó da pianista, que chega à sala, silenciosamente, evitando perturbar a execução da música.

É uma velha simpática e magrinha, o olhar de grande doçura. Quando percebe que Paulo Roberto vai se levantar, faz-lhe um sinal para continuar sentado e, ela própria, vai se acomodar no sofá de palhinha, ouvindo também a música, já chegando ao final.

SOM - Final do "Prelúdio".
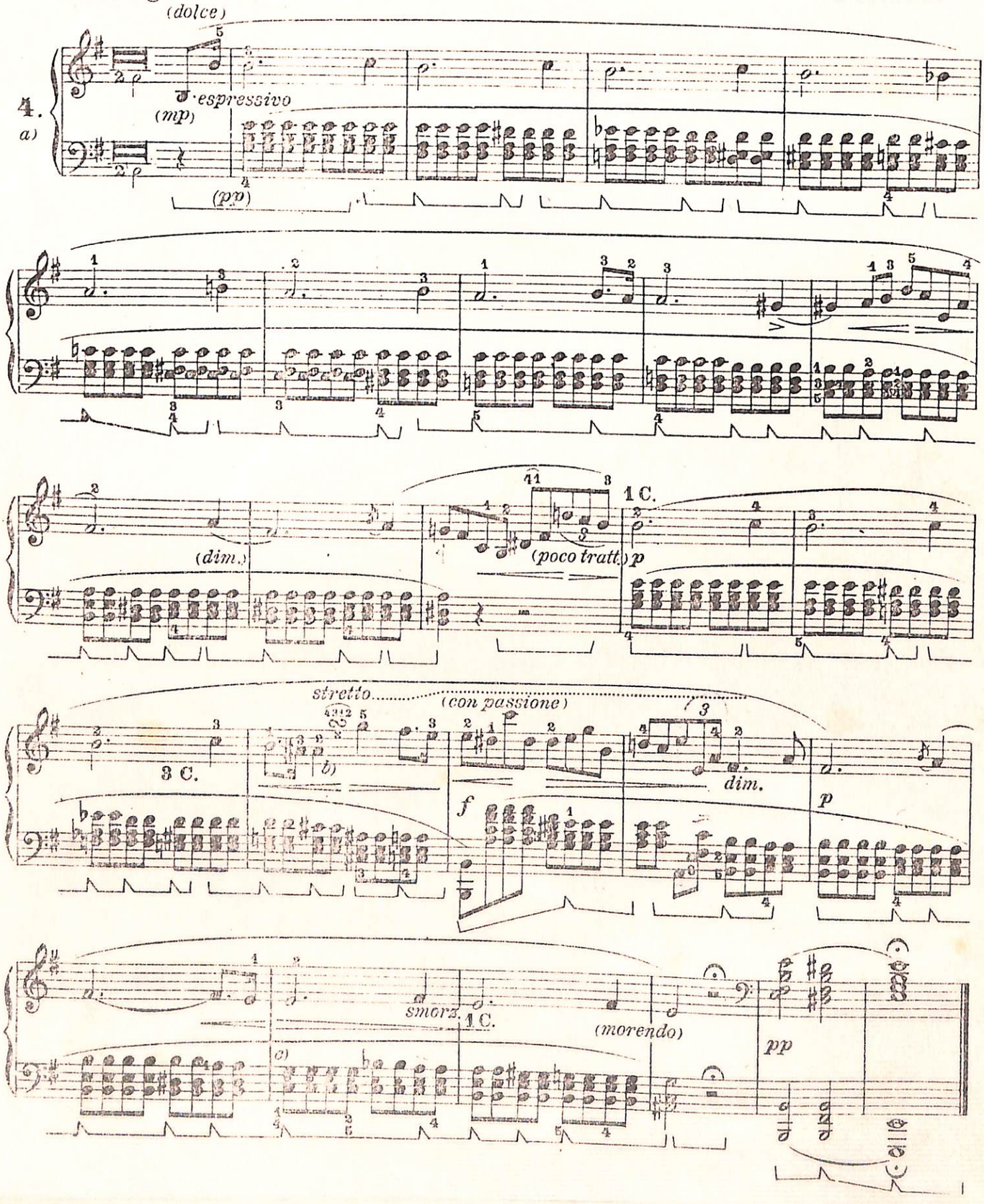
338. P.M. da sala de visitas.

Terminada a execução, Vera Lúcia se volta para Paulo Roberto e, nesse gesto, percebe a presença da avó, exclamando:

24 PRELUDI

Largo (♩ = 35)

F. CHOPIN



VERA LÚCIA: Ah, vovó, a senhora está aí?...

Paulo Roberto se levanta e vai ao encontro de Dona Olga, enquanto Vera Lúcia faz a apresentação:

VERA LÚCIA: Vovó: este é o Paulo Roberto, o novo engenheiro da fábrica, companheiro de "república" do Adroaldo...

DONA OLGA: O rapaz da música barulhenta, não é?... Muito prazer, moço.

PAULO ROBERTO: Vera Lúcia está me convertendo à música clássica, dona Olga... Ela toca muito bem!

VERA LÚCIA (meio encabulada): Que nada! Estou estudando...

DONA OLGA: Aceita um café, um chá?...

PAULO ROBERTO: Não se incomode, dona Olga, por favor!

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

339. Chega à "república", recebida efusivamente por Adroaldo Quintão, uma moça robusta, quase gorda, com sardas no rosto, os cabelos anelados, o ar petulante e sensual.

O engenheiro, antes de beijá-la na boca, exclama:

ADROALDO QUINTÃO: Ôi, gostosura!

O beijo é longo e excitado. Depois, antes de outro beijo, Adroaldo acrescenta, brincalhão:

ADROALDO QUINTÃO: Minha Raquel, a virgem dos lábios de mel!...

RAQUEL: Virgem?!... Chocante!

A moça percorre a sala com os olhos. Depois pergunta:

RAQUEL: Você está sozinho? E o novo inquilino?...

ADROALDO QUINTÃO: Foi visitar a Vera Lúcia.

RAQUEL: Ih, Cacilda! Já está de olho na gatinha?!...

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - DIA

340. Na sala de visitas da casa de Vera Lúcia, enquanto isto, a conversa segue animada entre Paulo Roberto, Vera Lúcia e dona Olga.

A certa altura, curiosa como sempre, dona Olga indaga:

DONA OLGA: Então o senhor é do Rio?... Nasceu lá?

PAULO ROBERTO: Nasci em Niterói, mas meu pai é mineiro. Tenho muitos parentes em Minas. Me sinto mais mineiro do que carioca.

DONA OLGA: E gosta daqui de Ouro Preto?

PAULO ROBERTO: Muitíssimo! Assim que puder, compro uma casa pros lados de Antônio Dias. Assim vocês se livram da "música barulhenta"...

VERA LÚCIA: E você da pianista aprendiz...

Câmera se movimenta, em Trav-Avante, até fixar Paulo Roberto em P.P.P., quando então diz, olhando intensamente Vera Lúcia:

PAULO ROBERTO: Alguma coisa me diz que Ouro Preto vai marcar profundamente minha vida!...

E completa, depois de pequeno intervalo, baixando o tom de voz:

PAULO ROBERTO: Ouro Prêto e este piano!...

FADE-OUT - FADE-IN

SEQUÊNCIA 34

INTERIOR - FÁBRICA DE ALUMÍNIO - DIA

341. No refeitório da fábrica de Saramenha, Paulo Roberto e Adroaldo Quintão terminam o almoço e conversam, num canto do salão. O assunto ainda é Vera Lúcia:

PAULO ROBERTO: Ela me interessa muito, Adroaldo. Me interessa e atrai. Tem um mistério, qualquer coisa que tem muito a ver com minha vida.

Adroaldo bebe um refrigerante , pensativo. Depois recomenda:

ADROALDO QUINTÃO: Manera a coisa, companheiro. Vera Lúcia é uma criança, romântica, esquiva, de temperamento difícil...

PAULO ROBERTO: Tudo isto está certo, cara! Mas não deixa de ser uma mulher, bonita e atraente.

Corta um pedaço de goiabada com queijo e depois completa:

PAULO ROBERTO: Você não dá um jeito dela ir à festa de seu aniversário, no "Calabouço"? Seria legal!

ADROALDO QUINTÃO: Vou tentar. Vera Lúcia não é muito chegada à dança, a boates. Prefere o piano, você sabe.

Os dois se levantam, para voltar ao trabalho. Paulo Roberto esvazia o copo com refrigerante, bate no ombro do colega e insiste:

PAULO ROBERTO: Faça força, meu chapa! A gente amarra a gatinha no "Calabouço"...

INTERIOR - BOATE "CALABOUÇO" - NOITE

342. Boate lotada, com colegas e amigos comemorando o aniversário de Adroaldo.

O "Calabouço", como o nome sugere, é um antigo porão de um sobradão da Rua Direita. Com muita madeira, esteiras, tapetes pintados,

objetos antigos, rodas de carro-de-boi, lampiões e lamparinas, é um lugar escuro, mas acolhedor, com muitas saletas, varandas e corredores.

Câmera percorre o local, capta flagrantes da festa, musicada por fitas do "hit-parade", ouvidas em volume elevado, como de praxe, hoje, nas casas noturnas e discotecas.

Numa das mesas, Paulo Roberto, Adroaldo, Raquel e Vera Lúcia beliscam salgadinhos entre copos e cálices. Noutra mesa, entre amigos, William Thompson, o rosto vermelhíssimo, meio "alto" e falante, engole o uísque escossês, fartamente consumido.

Vera Lúcia parece meio deslocada, e seu olhar revela aborrecimento e cansaço.

Perto dela, Paulo Roberto está na terceira, ou quarta, dose de uísque. A certa altura, levantando-se com alguma dificuldade, força um pouco a voz, por causa dos alto-falantes:

PAULO ROBERTO: Vamos, Vera Lúcia, vamos dançar um pouco.

Mas a moça se esquiva, pretextando desculpa:

VERA LÚCIA: Mas, Paulo Roberto, não sei dançar!...

O engenheiro, contudo, não desiste:

PAULO ROBERTO: Venha, Vera Lucia, não faz mal! Hoje, ninguém precisa saber dançar. E fácil, você vai ver...

Vera Lúcia, vencida, levanta-se sem entusiasmo e segue, com o rapaz, para a pista de dança, repleta de casais atracadíssimos.

Abraçam-se, na risca da moda atual e, como podem, vão acertando os passos ao ritmo de um "soul" que a aparelhagem de som faz reboar pela boate.

Câmera acompanha o casal e, em P.P., registra o instante em que Paulo Roberto, excitado pela bebida, pelo contato e o perfume da moça, atrai -a mais fortemente para si, dizendo-lhe ao ouvido:

PAULO ROBERTO: Gosto de você, Vera Lúdia!

Apesar de não ser uma exímia dançarina!...

Procurando readquirir distância no enlaçamento, Vera Lúcia replica:

VERA LÚCIA: Eu não avisei?... Agora é agüentar as pisadelas!...

E seguem dançando, como podem. Paulo Roberto, excitado, quase agressivo, forçando mais o abraço da dança, enquanto Vera Lúcia tenta reagir discretamente.

A certa altura, o rapaz puxa-a para si e tenta beijá-la na boca.

Vera Lúcia, contudo, com decisão peremptória, recusa-se, dizendo, mais irritada do que amedrontada:

VERA LÚCIA: Não quero, Paulo Roberto! Vamos voltar!

Deixa a pista de dança e retorna à mesa, seguida pelo engenheiro, com cara de poucos amigos.

Vera Lúcia não volta a sentar-se. Recolhe a bolsa e o casaco e diz ao engenheiro:

VERA LÚCIA: Quero ir para casa, Paulo Roberto. A noite foi agradável, mas já é tarde e deixei vovó sozinha... Você me leva?

PAULO ROBERTO: Claro que levo, Vera Lúcia!

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - NOITE

343. O carro, guiado por Paulo Roberto, surge na esquina da Rua Costa Sena e vai estacionar diante da "república".

Vera Lúcia, muito séria, abre a porta do carro e, antes de se afastar, é detida pela mão do engenheiro, que lhe diz:

PAULO ROBERTO: Vamos entrar um pouquinho, Vera Lúcia. Tomamos um café, a gente conversa um pouco, tá?...

Vera Lúcia retira a mão e, secamente, responde:

VERA LÚCIA: Não quero, Paulo Roberto! Vou para casa! Boa noite!

E se afasta, atravessando a rua.

Paulo Roberto, de dentro do carro, acompanha Vera Lúcia com um olhar frustrado e raivoso.

Abre a porta do carro, sai e murmura para si mesmo, contendo uma raiva impotente:

PAULO ROBERTO: Vai, cabacinho!... Ainda te pego, sua...sua...

Não completa a frase. Bate com força a porta e entra na "república".

INTERIOR - CASA DE VERA LÚCIA - NOITE

344. Preparando-se para dormir, Vera Lúcia vê chegar a avó que, como de hábito, não se deita antes da neta chegar.

Dona Olga, amorosamente, quer saber:

DONA OLGA: Então, minha filha, gostou da festa? Divertiu-se um pouco?

VERA LÚCIA: Que nada, vovó! A boate estava repleta, cheia de fumaça, com a música arrebentando os tímpanos!

Dona Olga acaricia os cabelos da neta, e comenta:

DONA OLGA: Faço idéia, coitadinha!... Dançou com alguém?

VERA LÚCIA: Com o Paulo Roberto, que bebeu um pouco demais. Fui um fiasco, vovó, não sei dançar...

Enquanto conversa, Vera Lúcia vai se despindo, deixando ver o corpo jovem, bonito e delicado.

Veste a camisola de seda, enquanto a avó, sentado à beira da cama, continua:

DONA OLGA: Estava querendo falar com você,

minha filha. Sobre esse rapaz. Digo com franqueza, Vera Lúcia: não gosto dele, não me inspira confiança!...

VERA LÚCIA: Engraçado, vovó: Paulo Roberto, de um lado, me atrai, e, de outro, me assusta, não me deixa à vontade...

DONA OLGA: Você não reparou? Tem qualquer coisa de mau nos olhos, no jeito de falar... Não sei, querida: não seria melhor você se afastar dele?...

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 35

INTERIOR -"REPÚBLICA"- DIA

345. Enquadra-se Adroaldo Quintão batendo à porta do quarto de Paulo Roberto.

SOM - Batidas à porta e, em segundo-plano, repicar de sino, chamando para a missa dominguei-ra.

346. No quarto de Paulo Roberto, enquadra-se o engenheiro, estendido na cama, descoberto, o busto nu, no instante em que abre os olhos, ouvindo as batidas na porta. E pergunta, sonolento:

PAULO ROBERTO: Sim... Quem é?!...

ADROALDO QUINTÃO (voz off): Ei, colega, vai dormir o dia inteiro?...

Paulo Roberto salta do leito e vai abrir a porta. Adroaldo então comenta, jocosamente:

ADROALDO QUINTÃO: Curtindo ressaca, velho?... Também, o que você bebeu nesta noite! Dor de

cabeça não dá em poste, sabe?...

Paulo Roberto volta a se estender na cama, bocejando. E quer saber:

PAULO ROBERTO: E com você e a Raqual, foi tudo bem?...

ADROALDO QUINTÃO: Com ela sempre vai bem... Saiu agora mesmo, ficou acesa a noite toda! E você, como foi à noite, na volta para casa?

PAULO ROBERTO: Nossa vizinha acaba num convento! Não beija, não bebe, não fuma e nem dança!...

Encaminha-se para a porta, propondo:

PAULO ROBERTO: Vamos tomar uma cervejinha na sala?

ADROALGO QUINTÃO: Você ainda agüenta?!...

PAULO ROBERTO: Já estou pronto para outra, companheiro!

347. Chegando à sala, tiram a cerveja da geladeira, enchem os copos e começam a beber.

Adroaldo chega à janela, no instante em que Vera Lúcia, saindo de casa, sobe a rua, na direção da Praça Tiradentes.

Adroaldo comenta então para o colega:

ADROALDO QUINTÃO: Sua amiga, a freira pura e casta, está saindo de casa...

Paulo Roberto, com o copo na mão, chega também à janela, observa Vera Lúcia, que se afasta, e depois comenta:

PAULO ROBERTO: Na certa, está indo à missa, pra rezar e comungar...

348. Como ponto-de-vista dos dois engenheiros, câmera focaliza Vera

Lúcia subindo a rua, enquanto conversam:

ADROALDO QUINTÃO (voz off): Engano seu. Vera Lúcia nunca vai à missa, e nem é católica. Aos domingos não estuda piano e passa o dia fora.

EXTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

349. Instalada fora da casa, câmera enquadra Paulo Roberto e Adroaldo em P.P., sempre à janela, seguindo com o olhar a caminhada de Vera Lúeia.

Adroaldo completa a frase:

ADROALDO QUINTÃO: Eu nunca fiquei sabendo onde ela vai. Não deixa pista...

PAULO ROBERTO: E a avó, não vai com ela?

ADROALDO QUINTÃO: Dona Olga, essa sim, é muito religiosa. Vai à missa todos os dias.

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

350. Tomando uma decisão inesperada, Paulo Roberto deixa a janela e, a caminho do quarto, diz ao colega:

PAULO ROBERTO: Quer saber de uma coisa, Adroaldo? Vou bancar o detetive e descobrir o mistério de nossa vizinha!

Adroaldo acompanha o colega ao quarto, e lhe diz, vendo-o vestir-se apressadamente:

ADROALDO QUINTÃO: Veja lá o que vai fazer, cara! Isto está me cheirando a ciúme!...

PAULO ROBERTO: Sim, talvez um pouco de ciúme, mas bastante de curiosidade!

Apanha o maço de cigarros e um isqueiro. E completa, já saindo:

PAULO ROBERTO: Quero ver onde vai se esconder, ou com quem vai se encontrar!...

Adroaldo ainda tenta dissuadí-lo:

ADROALDO: Não acho legal fazer isto, Paulo Roberto! Deixe a moça com seus mistérios! Você não tem os seus?...

Já fora de casa, na calçada, Paulo Roberto retruca, irritado:

PAULO ROBERTO: É assunto meu! Deixa comigo!

E se afasta, a pé, subindo a ladeira.

SOM - Sinos de igrejas.

EXTERIOR - RUAS, PRAÇAS E LADEIRAS DE OURO PRETO - DIA

351. O próximo bloco de planos documenta a caminhada de Vera Lúcia e Paulo Roberto por ruas, praças, vielas e ladeiras de Ouro Preto.

Mantendo prudente distância, para evitar ser visto pela moça, Paulo Roberto segue-a com persistência, intrigado com o mistério de sua escapada aos domingos.

Alheia ao que se passa, Vera Lúcia, distanciada do engenheiro, prossegue a caminhada, cortando a Praça Tiradentes, descendo a Rua Tomaz Gonzaga e, mais adiante, passando por Antônio Dias e o Chafariz de Santa Efigênia.

Sob o sol forte, sobe ladeiras, dobrando esquinas, já se afastando do centro da cidade.

Atrás dela, perseguidor discreto e implacável, Paulo Roberto, desabituado à topografia acidentada de Ouro Preto, dá mostra de fadiga e tem o rosto encharcado de suor. Mas não desanima, e segue-a com firmeza.

EXTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

352. Não muito distante da capela de Padre Faria, Vera Lúcia aproxima-se de uma casa abandonada, em terreno de muita vegetação, com o jardim invadido por capim e folhas secas.

Ocultando-se por trás de um muro, Paulo Roberto observa a pianista que, após subir uma alameda e atravessar o jardim, sobe os degraus da varanda, retira uma chave da bolsa, abre a porta e entra na casa.

353. P.P. de Paulo Roberto, surpreendido e aflito, espionando os passos de Vera Lúcia.

354. P.G. do local onde Paulo Roberto se oculta e, ao fundo, a alameda que conduz à vivenda.

Depois que Vera Lúcia desaparece, casa a dentro, Paulo Roberto aproxima-se e, por sua vez, atravessa o jardim e sobe ao alpendre, parando diante da porta de entrada.

355. Enquadra-se Paulo Roberto e a porta de entrada em P.A.

Cada vez mais intrigado, o engenheiro fica ouvindo ruídos estranhos que lhe chegam do interior da casa: tinir de copos e talheres, vassoura varrendo o assoalho, arrastar de móveis e, depois de um pequeno intervalo, o som de uma caixinha de música, ou pianola.

SOM - Melodia antiga, de caixinha de música.

Incapaz de conter-se, a curiosidade fremindo-lhe no espírito, Paulo Roberto, de repente, bate duas ou três vezes na porta.

Pouco depois, antes que batesse novamente, a porta se abre, surgindo Vera Lúcia. Muito espantada, ao avistá-lo, e sem entender sua presença naquele lugar, Vera Lúcia pergunta, sem ocultar a irritação que eleva ligeiramente o tom da voz:

VERA LÚCIA: Paulo Roberto?! Mas... o que está fazendo aqui?!

PAULO ROBERTO: Eu é que pergunto! O quê você faz nesta casa?!

356. P.P. de Vera Lúcia, agora visivelmente agastada com a pergunta intempestiva, e que a leva a replicar, rispidamente:

VERA LÚCIA: Com quê direito?! Este é assunto meu, pessoal! Não é de sua conta, e não tenho de lhe dar satisfações, me entendeu?!

357. P.P. de Paulo Roberto, surpreendido pela reação briosa e áspera da moça.

Sem retrucar, transforma a impertinência em atitude humilde e

embaraçada, dizendo nervosamente:

PAULO ROBERTO: Me desculpe, Vera Lucia! Não precisa se zangar, que eu explico. Não é questão de direito, mas de sentimento! Minha presença aqui é, de fato, meio descabida... É porque gosto de você, fiquei preocupado... Me perdoe, Vera Lúcia!...

358. P.A. dos dois, parados diante da porta de entrada.

As palavras de Paulo Roberto, tão humildes quanto insinceras, comovem, contudo, a pianista, cujo rosto se abranda e voltam a cobrir-se de melancolia.

Pacificada, abre-se num sorriso tristonho e lhe fala:

VERA LÚCIA: Para deixar você tranqüilo e desfazer o mal-entendido, vou deixar você entrar. Assim descobre o grande segredo desta casa...

E se afasta, deixando Paulo Roberto entrar.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

359. No interior da casa, Paulo Roberto aspira um aroma de coisas velhas, de ambiente fechado, pouco arejado.

Chegando à sala de visitas, com três janelas se abrindo para o alpendre, decorada com os velhos móveis fabricados no Tijuco por Simeão Pedroso, tudo muito limpo e bem cuidado, Vera Lúcia esclarece:

VERA LÚCIA: Nasci nesta casa. Aqui morreram meus pais...

Esfrega um pano numa cadeira e continua:

VERA LÚCIA: Toda semana venho aqui para varrer a casa, tirar a poeira, arejar os quartos. É este o mistério que deixou você tão intrigado!

Aproxima-se de um console, sobre o qual se encontra uma caixinha de música, com incrustrações de marfim e madrepérola, que ela apanha, dando-lhe corda.

SOM - Ouve-se, na trilha sonora, velha melodia de caixinha de música.

Vera Lúcia depois completa, com tristeza na voz:

VERA LÚCIA: Foi presente de mamãe, quando fiz cinco anos...

360. P.P. de Paulo Roberto, comovido, um pouco inquieto, no instante em que, num arroubo repentino, enlaça Vera Lúcia e lhe fala, exaltadamente:

PAULO ROBERTO: Me perdoe, Vera Lúcia! Foi estúpida minha suspeita! E você é maravilhosa!...

361. Deixando no enquadramento, à direita, a caixinha de música, câmera, em ligeiro "contre-plongée", focaliza Paulo Roberto e Vera Lúcia, ouvindo a melodia antiga e nostálgica.

Vera Lúcia, recuando discretamente, desvencilha-se do abraço impetuoso do engenheiro, que, neste ínterim, lhe diz:

PAULO ROBERTO: Uma coisa não entendo, Vera Lúcia: por quê você foi morar com sua avó, noutra casa, tendo esta, tão bonita e sossegada, com tantas árvores e jardins, esses móveis e objetos tão bonitos e valiosos?...

Vera Lúcia desvia os olhos de Paulo Roberto e, com enorme tristeza, esclarece:

VERA LÚCIA: Eu nunca seria feliz nesta casa, Paulo Roberto!... Ela me traz recordações muito tristes...

PAULO ROBERTO: Tristes?!...

VERA LÚCIA: Sim. Tristes e trágicas!..

E se afasta, saindo do quadro.

362. Em "raccord" de movimento, Vera Lúcia se afasta da mesinha, sobre a qual vai parando de tocar a caixa de música.

Seguida pela câmera em Pan.D-E, Vera Lúcia caminha até uma janela. De lá, com voz emocionada, acrescenta:

VERA LÚCIA: Meus pais se mataram nesta casa!

Paulo Roberto se aproxima e, tomando-lhe a mão, pergunta, atônito:

PAULO ROBERTO: Se mataram?!... Mas, por quê, Santo Deus?!...

VERA LÚCIA: Nunca se soube o motivo! Papai, quando era menino, teve um choque muito grande com a morte trágica de meu avô, em Mariana. Foi sempre um homem retraído, mesmo depois de se casar com mamãe.

Ficam em silêncio, por alguns segundos. Depois Vera Lucia propõe, tentando afastar a reminiscência dramática:

VERA LÚCIA: Não quer conhecer o resto da casa?

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

363. Nesse mesmo instante, na Rua Costa Sena, Dona Olga desce a escadaria do sobrado e chega à rua, a caminho da Igreja do Carmo, para a missa de domingo.

Ao avistar Adroaldo Quintão à janela da "república", atravessa a via pública e vai conversar um pouco com o rapaz, que ela estima muito:

DONA OLGA: Olá, Adroaldo, descansando um pouco?

ADROALDO QUINTÃO: Como vai, dona Olga? Como a senhora vê, estou no "dolce far niente", curtindo o domingo. E a senhora, vai à missa?

DONA OLGA: Vou sim. E você devia fazer o mesmo,

para pedir perdão por seus pecados...

ADROALDO QUINTÃO: Tenho poucos pecados, dona Olga. O maior é ser pobre, o menor, ser guloso!

DONA OLGA (sorrindo): Ser pobre não é pecado, Adroaldo. Mas ser guloso, já é um pecadilho...

364. P.P. de dona Olga, em 3/4 de perfil, com Adroaldo de frente, à janela.

Dona Olga então pergunta:

DONA OLGA: E seu colega, está em casa? Também não vai à missa?

ADROALDO QUINTÃO: Ele saiu, dona Olga. Acho que também não é muito católico...

DONA OLGA: Rapaz meio esquisito, não acha?

ADROALDO QUINTÃO: De fato, dona Olga, é meio esquisitão!...

INTERIOR - "REPÚBLICA" - DIA

365. Instalada no interior da "república", câmera enquadra Adroaldo, sempre à janela, em 3/4 de perfil, com dona Olga na calçada, em P.P.

O engenheiro convida dona Olga para entrar:

ADROALDO QUINTÃO: Não quer entrar um pouquinho, dona Olga?

DONA OLGA: Obrigada, meu filho, mas vou já para a missa. Só queria te perguntar uma coisa, Adroaldo, e isto porque gosto de você, somos amigos...

ADROALDO QUINTAO: Pode perguntar o que quiser, dona Olga!

DONA OLGA: Esse rapaz se abre com você, conta coisas da vida dele, Adroaldo?...

Pergunto isto porque seu colega está procurando muito Vera Lúcia, faz convites e, para ser franca, não gosto dele, não me inspira confiança!...

EXTERIOR - RUA COSTA SENA - DIA

366. Câmera, em posição de contra-campo, enquadra Adroaldo de frente, em P.P., deixando dona Olga em 3/4 de perfil.

Adroaldo, compreendendo a preocupação de dona Olga, e o grande amor que dedica à neta, então se abre, com toda a franqueza:

ADROALDO QUINTÃO: Vou dizer uma coisa muito particular à senhora, dona Olga: também não gosto e nem confio nele!

DONA OLGA: Sobre a família dele, falou alguma coisa?...

Câmera, em Trav-Avante, retira Dona Olga do enquadramento e vai focalizar Adroaldo Quintão em P.P.P., quando revela:

ADROALDO QUINTÃO: Outro dia me contou uma história meio esquisita de parentes seus em Diamantina...

367. P.P.P. de dona Olga, assustada:

DONA OLGA: De Diamantina?! Não sabia que tinha parentes lá!...

368. P.P.P. de Adroaldo, completando:

ADROALDO QUINTÃO: Disse que um antepassado dele, Fiscal de Diamantes, foi enforcado em Diamantina, acusado de roubar pedras preciosas!...

369. Câmera, no mesmo enquadramento do plano 366, revela a crescente inquietação de dona Olga, percebida pelo engenheiro, que, após ligeira interrupção, prossegue:

ADROALDO QUINTÃO: Depois descobriram que o ladrão era a mulher do Intendente, um português que mandava na cidade, violento e odiado!

INTERIOR - "REPÚBLICA - DIA

370. Como no plano 365, câmera, agora do interior da casa, focaliza dona Olga de frente, em P.P.

Cada vez mais aflita, a velha pergunta:

DONA OLGA: Disse que é parente do Fiscal, que morreu enforcado?!...

ADROALDO QUINTÃO: Foi o que me disse, dona Olga...

Ficam alguns instantes calados, dona Olga quase chegando ao desespero, com os dedos percorrendo, maquinalmente, as contas do terço.

Adroaldo, vendo-a tão abalada, sem entender bem o motivo, faz-lhe a pergunta, meio assustado:

ADROALDO QUINTÃO: Mas... dona Olga, a senhora não está se sentindo bem?!... Acho que não devia contar essas coisas!...

DONA OLGA: Não, não, meu filho! Fez muito bem, e agradeço muito!

Depois se aproxima mais do engenheiro, querendo saber:

DONA OLGA: E para onde foi seu companheiro?!

ADROALDO QUINTÃO: Viu Vera Lúcia subindo a rua e foi atrás, querendo descobrir o segredo do sumiço dela aos domingos...

A revelação deixa dona Olga num estado de terrível pânico. Aflitíssima, empalidecendo, recua um passo e pergunta, quase gritando:

DONA OLGA: Foi atrás dela?! Para descobrir o segredo?! Deus do céu!

Adroaldo, perplexo, encara assombrado a velha e só consegue dizer, muito aflito:

ADROALDO QUINTÃO: Mas... dona Olga... por quê a senhora está tão aflita?!...

DONA OLGA: Tenho de avisar Vera Lúcia, Adroaldo! Tenho que ir lá, antes que seja tarde!...

ADROALDO QUINTÃO: Tarde?!... Mas, dona Olga... Por quê tarde?!...

Dona Olga, com aflição e desespero, afasta-se da janela e, meio balbuciante, explica, antes de atravessar a rua:

DONA OLGA: Vou embora... Tenho de ir em casa, apanhar uma coisa!...

E se afasta, apressadamente, murmurando:

DONA OLGA: Minha Nossa Senhora!... Deus do céu!... Minha Nossa Senhora!...

F U S Ã O

SEQUÊNCIA 36

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

371. Caminhando pelo interior da casa abandonada, Paulo Robefto manifesta inusitado interesse por tudo que vê.

Vera Lúcia, apesar de estranhar a curiosidade crescente que o rapaz vai demonstrando pelos móveis e objetos decorativos, abre-lhe salas e quartos, explicando pacientemente:

VERA LÚCIA: Este era meu quarto... O berço é aquele ali, no canto...

Além de mostrar-lhe o móvel, ainda bem conservado, Vera Lucia

Vai balançá-lo, de um lado para outro.

Paulo Roberto, sem grande interesse, fica parado à porta, e só comenta:

PAULO ROBERTO: Bonitinho...

Mas não entra no cômodo, subitamente tomado por grande pressa:

PAULO ROBERTO: Vamos, Vera Lúcia, quero conhecer os outros quartos. Vamos ver o resto, anda!

Vera Lúcia aproxima-se do engenheiro, estranhando:

VERA LÚCIA: Não estou entendendo essa pressa, Paulo Roberto! E você parece que está meio zangado...

Paulo Roberto esforça-se para se desculpar, justificando:

PAULO ROBERTO: Zangado?... Não, Vera Lúcia, não estou zangado! É a emoção, acho que é a emoção!...

Pega a mão da moça e, tentando disfarçar a impaciência, fala-lhe mais calmamente:

PAULO ROBERTO: Você é tão diferente, Vera Lúcia... Vive num mundo quase irreal, deslocada no tempo!...

Em seguida, com um gesto nervoso, enlaça-a e insiste:

PAULO ROBERTO: Vamos, meu bem, vamos ver o resto da casa!...

Vera Lúcia, começando a inquietar-se com o estado de crescente exaltação do engenheiro, hesita um pouco e lhe diz, novamente se desvencilhando de seu abraço:

VERA LÚCIA: Não, Paulo Roberto... Podemos ir embora daqui, não tem mais nada para ver!...

Mas Paulo Roberto reage, rude, tornando a segurar a mão da moça, agora com mais força, dizendo com aspereza:

PAULO ROBERTO: Tem sim, mocinha!

Aponta para um quarto, no fundo do corredor, e completa:

PAULO ROBERTO: Alí! Falta aquele quarto, alí! Vamos ver aquele quarto!

Puxando-a pela mão, consegue arrastá-la até o último cômodo da casa.

372. Chegando diante da porta do quarto, que está fechada a chave, pergunta, com exasperação:

PAULO ROBERTO: Por quê está trancado?! Quero ver o que tem aí dentro! Onde está a chave?!

Diante da indecisão, meio assustada, de Vera Lúcia, torna a pedir, agora com insolência e rancor:

PAULO ROBERTO: Vamos, vamos, moça! Abra esta porta!

373. P.P. de Vera Lúcia, confusa, escondendo com dificuldade o medo e o espanto:

VERA LÚCIA: Não tenho a chave... Ela sumiu!... Não costumo entrar aqui, não tem nada de importante aqui dentro!...

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro para P.A.

Paulo Roberto, enfurecido, dá uma resposta insolente, quase gritada:

PAULO ROBERTO: É mentira! Você tem a chave! Se não tiver, arrombo a porta!

E, efetivamente, sem esperar resposta, tenta abrir a porta à força.

Vera Lúcia, perplexa, com revolta e irritação, então exclama:

VERA LÚCIA: Você ficou louco?! Por quê grita desta forma?! Já disse, homem! Não tem nada aí dentro, não tenho a chave, quero ir embora!

Paulo Roberto, no entanto, insiste e força a porta com o ombro, até que a consegue abrir.

O cômodo, bastante espaçoso, está escuro e deixa exalar um forte odor de mofo e ar viciado.

Vera Lucia ainda tenta impedir Paulo Roberto de entrar, dizendo, indignada:

VERA LÚCIA: Não tem nada aí, que diabo! Pelo amor de Deus, homem, vamos embora daqui!

Paulo Roberto, indiferente à súplica, escancara a porta, deixando entrar um pouco de claridade.

Depois exclama, excitadíssimo:

PAULO ROBERTO: Este quarto parece um cemitério de fantasma! Que cheiro horroroso! É preciso arejar esta droga!

E entra, para abrir as janelas.

INTERIOR - QUARTO MATRIMONIAL - DIA

374. P.G. do quarto, no instante em que, com a janela aberta por Paulo Roberto, a luz forte do dia devassa-lhe o interior e deixa ver, num canto, o belíssimo leito colonial, fabricado por Mundinho, filho do Fiscal Pedroso de Almeida, dois séculos atrás.

A descoberta do móvel causa um efeito extraordinário em Paulo Roberto, deixando Vera Lúcia pálida e sem ação.

Paulo Roberto, tomado pelo assombro, aproxima-se vagarosamente

do leito majestoso, dominado por sua beleza e sua fantástica magia.

Pára diante dele, como se uma força externa o subjugasse, dizendo, exaltadamente:

PAULO ROBERTO: Não disse?! Não disse, Vera Lúcia?! Que cama maravilhosa é esta?! Quem morou aqui?!

Vera Lúcia, lívida, a custo se mantendo de pé, responde, com voz débil:

VERA LÚCIA: Era o quarto de meus pais!...

Paulo Roberto, desatento, retira do bolso um lenço e começa a limpar a cama, recoberta de poeira, dizendo, com mórbida excitação:

PAULO ROBERTO: Que maravilha! A cama de seus pais... Deve ser antiqüíssima!...

Ao perceber que Vera Lúcia faz menção de ir embora, corre a detê-la, dizendo energicamente:

PAULO ROBERTO: Não, não vai embora não! Vai ficar aqui comigo, nesta cama fabulosa! Foi feita para nós dois, para nós dois!

Envolve-a num abraço nervoso, quase violento. E, de repente, imobilizando-lhe o rosto com a mão, beija-a sofregamente na boca.

Vera Lúcia, percebendo que o beijo contém um arrebatamento estranho, um gosto amargo e nauseante, tenta esquivar-se. Mas, em vez de ceder, Paulo Roberto atrai-a com mais força, acaricia-lhe o rosto, o colo, os seios, as coxas, com um frêmito exasperado de sensualidade.

Vera Lúcia, passando do susto à indignação, tenta afastá-lo, irritadíssima. Mas seu gesto só serve para exacerbá-lo ainda mais.

O engenheiro, eriçado de desejo, com evidente descontrole emocional e mental, consegue retê-la num abraço voraz, murmurando, fremente:

PAULO ROBERTO: Amo você, Vera Lúcia! Com loucura! Te quero, te quero muito!...

EXTERIOR - RUAS DE OURO PRETO - DIA

375. Enquanto isto, passando da aflição ao desespero, dona Olga atravessa a cidade de Ouro Preto, a caminho da casa abandonada, consciente de que a neta corre grande perigo.

Acompanhada pela curiosidade de alguns moradores, que a vêem passar, quase correndo, tomada de angústia, a velha senhora transita pelos mesmos locais, ruas e ladeiras, vistos anteriormente, durante a perseguição de Paulo Roberto a Vera Lúcia.

376. Câmera, em Trav-Atrás, fixa-lhe as feições sofridas, os lábios movimentando-se, como se rezassem orações.

INTERIOR - CASA ABANDONADA - DIA

377. No quarto de casal da casa abandonada, o embate entre Paulo Roberto e Vera Lúcia alcança proporções dramáticas.

Diante do velho leito colonial, cenário de trágicos desfechos, trava-se uma luta desigual e feroz, exacerbada, de um lado, pela exaltação dos sentidos e do sangue, provocada por força atávica e poderosa e, de outro, pelo instinto de sobrevivência e autodefesa.

Passando do susto à cólera, Vera Lúcia luta para afastá-lo, mas Paulo Roberto imobiliza-a num abraço voraz e, repentinamente, ergue-a nos braços e a leva ao leito, continuando a acariciar-lhe o corpo com ímpeto desenfreado.

Vera Lúcia, em pânico, debate-se com fúria e repulsa, dizendo, a certa altura:

VERA LÚCIA: Não, Paulo Roberto! Pare, pare com isto, covarde!

Possuída por renovada força, dessas que chegam nos momentos extremos, a moça não cede e evita que o agressor a violente em bárbaro estupro.

378. Câmera, ágil e minudente, detalha a cena insólita e brutal, focalizando os dois contendores no leito fatídico.

De súbito, dominando-a com força extraordinária, Paulo Roberto tenta despí-la. Vera Lúcia, contudo, resiste com furor, deixando-o em

tal estado de exasperação que, de repente, começa a arrancar e rasgar com brutalidade a roupa que ela veste.

Vera Lúcia ainda tem forças para reagir, debatendo-se freneticamente. Até que, fora de si, o engenheiro começa a agredi-la fisicamente.

Para livrar-se da violência, Vera Lúcia afasta o rosto e recosta-o na cabeceira da cama, como se nela fosse refugiar-se. Mas Paulo Roberto retira-a de lá, esbofeteando-a covardemente.

Desvairada, Vera Lúcia começa a gritar com novo alento. Mas seus gritos, em vez de intimidar o agressor, levam-no ao paroxismo da fúria, fazendo-o aumentar o espancamento desatinado.

Não conseguindo, com isto, que ela pare de gritar e debater-se, Paulo Roberto agarra-lhe o pescoço, dizendo furiosamente:

PAULO ROBERTO: Cala esta boca, desgraçada! Cala, cala esta boca, senão te mato!!!

Vera Lúcia, por sua vez, vai ultrapassando os limites do desespero e, com vigor inaudito, revida a agressão, arranhando com as unhas o rosto, o peito, as costas do engenheiro, consciente de que corre perigo de vida, e não quer morrer.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DA CASA ABANDONADA - DIA

379. Nesse mesmo instante, aproximando-se da casa abandonada, na periferia de Ouro Preto, Dona Olga já ouve, de longe, o rumor da luta furiosa e desesperada.

Interrompe a caminhada, aterrorizada, balbuciando para si mesma:

DONA OLGA: Deus do céu!... Misericórdia, meu Jesus!...

INTERIOR - CASA ABANDONADA - ENTARDECER

380. Na casa, sobre o leito trágico, Paulo Roberto aperta, com mais força, o pescoço de Vera Lúcia, que já chega ao fim de uma heróica resistência, e começa a entregar-se, exaurida, como em agonia.

Começa então a ouvir, como se surgisse do fundo da memória, o som longínquo de um piano e de sinos, emergindo do abismo.

SOM - Destorcido e estranho, ouve-se, na trilha sonora, o som de piano, com o "Prelúdio" nº 4, com algumas notas substituídas por sinos de timbres aproximados.

381. Depois de focalizar Paulo Roberto e Vera Lúcia no leito, em P.A., câmera inicia lento Trav-Avante, até fixá-los em P.P.P.

Com o rosto encharcado de suor, o olhar alucinado, os cabelos em desalinho, Paulo Roberto não afrouxa o estrangulamento selvagem.

Antes de morrer, Vera Lúcia balbucia, com um resto inaudível de voz:

VERA LÚCIA: Mal...dito!... Mal...di...to!

E tomba a cabeça no travesseiro.

Câmera recua e faz correção de enquadramento, detalhando o rosto arroxeado da moça, caído próximo ao medalhão da cabeceira.

No estertor da morte, Vera Lúcia estremece e ainda solta um gemido surdo, como se pedisse socorro. Depois morre.

Paulo Roberto afrouxa as mãos, que a estrangularam, ergue o corpo e fica sentado na cama, absorto, sem entender o que se passara, os olhos fixos num ponto impreciso. Sente uma enorme fadiga e de seu rosto descem gotas de suor.

Quando ouve o ruído de alguém chegando ao quarto, volta-se na direção da porta e avista Dona Olga, paralizada de susto e horror.

O engenheiro, como se só então readquirisse consciência da realidade, levanta-se e dá alguns passos na direção da velha, dizendo, com voz fatigada:

PAULO ROBERTO: Ah, Dona Olga, olha o que aconteceu! Que coisa horrível!

Dona Olga caminha alguns passos, aproximando-se do rapaz, enquanto diz:

DONA OLGA: Assassino! Matou Vera Lúcia!

Abre a bolsa, que traz consigo, e dela retira um pequeno revólver, que aponta para o engenheiro e nele descarrega toda a carga.

SOM - Estampidos de seis tiros e, em segundo-plano sonoro, o bater distante de sinos.

Paulo Roberto, ferido no rosto e no peito, solta um gemido surdo e tomba no assoalho, diante da cama. E ali estertora até morrer.

Dona Olga, em seguida, afasta-se do quarto, ganha o corredor, a sala de visitas e chega à parte externa da casa abandonada.

EXTERIOR - CASA ABANDONADA E LADEIRA DE OURO PRETO - ANOITECER

382. Dona Olga alcança a varanda, desce os degraus, atravessa o jardim e, mais adiante, começa a descer uma ladeira, de onde se avista, ao longe, o casario barroco da cidade, banhada pelo crepúsculo avermelhado.

Câmera, instalada em grua, ou helicóptero, eleva-se do solo e focaliza, do alto, a cidade eterna e sua impressionante moldura granítica.

SOM - Na trilha sonora ouve-se, inicialmente, a melodia infantil e nostálgica da caixinha de música, fundindo-se, depois, com o "Prelúdio" nº 4, de Chopin, até o triste final.

Do G.P.G. de Ouro Preto e das montanhas que a circundam, surge e cresce lentamente a palavra

F I M

Rio, outubro de 1989.